

# BLUMENAU em-Eadernos





Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



#### Fundação Cultural de Blumenau

Presidente Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica Sueli Maria Vanzuita Petry

> Diretoria de Cultura Vilarino Wolff



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS", fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 il. Bimestral

ISSN 0006-5218

# FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux, na Área de História - edição 1998, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

## COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

#### REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS" ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425 CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC Fone/fax: (047) 326-6990 E-Mail: funculbl@gaz.com.br

#### CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" Clubes de futebol de Blumenau

> **DIREÇÃO** Sueli M. V. Petry

#### CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente) Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig, Cristina Ferreira, Urda Alice Klueger

**DIGITAÇÃO**Marilu Antunes

#### PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda. Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600 Cep 89050-000 - Blumenau - SC

#### **EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

# **SUMÁRIO**

Documentos Originais - Crônicas	
Blumenau continua progredindo	
A "febre da mata" retorna	
Fritz Muller	
O Caminho para o Planalto	
Karl novamente colono	
Karl Kleine	007
Artigos	
As Igrejas de Simão Gramlich	
Pe. Antonio Bohn	030
Artigos	
Futebol pelo rádio em Santa Catarina	
Aurélio Sada	042
Fragmentos de Nossa História Local	
Pensionato Evangélico de Moças	047
Estatuto Escola de Parteiras de Blumenau	051
Entrevistas	
História de Vida	
Harold Letzow	057
História & Historiografia	
Um Projeto de Nação: O discurso de Afonso Balsini	
Viegas Fernandes da Costa	073

Pesquisas & Pesquisadores	
A Ideologia Étnica e a Identidade Coletiva do	
Empresário Blumenauense	
Fabrício Ricardo de Lima Tomio	. 083
Esporte & Lazer	
Ano promissor para o esporte blumenauense	.103
Turismo sem estudo, sabedoria e empirismo	.108
Memórias	
Peripécias de um rapazola	
Orestes Nesti	. 112
Uma Rua Especial - Rua 15 de Novembro	
Grete B. Medeiros	. 115
Crônicas do Cotidiano	
No tempo da Bolacha Maria / Mobilidade Social	
Urda Alice Klueger	. 118
Autores Catarinenses	
Aventureiros Modernos / Grupo Literário "A Ilha"/ A Bienal do	
Cinquentenário / Crônica Difícil	
Enéas Athanázio	. 122

# Documentos Originais – Crônicas

- Blumenau continua progredindo
- A "febre da mata" retorna
- Fritz Müller
- O Caminho para o Planalto
- Karl novamente colono

TEXTO:

KARL KLEINE\* A partir do bimestre de Nov/Dez-2000, iniciamos a publicação de textos traduzidos da obra 'Blumenau Einst: Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten' (Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante') de autoria do imigrante Karl Kleine. Sob a forma de memórias, o autor fez uso das suas lembranças para escrever, anos mais tarde, a experiência de pioneiro no processo colonizador de Blumenau.

Com intenção de registrar o desenvolvimento dos primeiros decênios da Blumenau Colonial, no texto que publicamos nesta edição da revista, Kleine relata a formação urbana do núcleo colonial, impressões do tesoureiro do Governo em visita à administração, como também descreve o despertar do sonho encantador de muitos colonizadores ao deparar com a realidade local.

Em outro momento, narra a viagem de estudos feita pelo cientista e pesquisador Fritz Müller e Friedenreich, quando acompanhavam a expedição de Emil Odebrecht ao Planalto até a região de Curitibanos. Klein conta a sua própria experiência nesta viagem exploradora, e no final, a sua decisão de retornar às atividades de colono.



<sup>\*)</sup> Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

#### Blumenau wächst weiter

Die Kolonie Blumenau war während meiner langen Wanderzeit nicht stehen geblieben, sondern unter immer günstigeren Verhältnissen rüstig vorangeschritten. Gerade, weil ich eine längere Zeit fort war, konnte ich den Fortschritt der Kolonie besser wahrnehmen, als wenn ich immer hier geblieben wäre. Durch die Hilfe der Regierung und durch eigene Kraft, war in verhältnismäßig kurzer Zeit aus dem armseligen Blumenau von 1856, als wir hier ankamen, inzwischen eine stattliche, blühende Kolonie geworden, die in den Südstaaten von Brasilien ihresgleichen suchte und unter der vortrefflichen Leitung ihres Direktors und Gründers immer mehr gedieh. In allen Zweigen der Verwaltung herrschte Ordnung und Fortschritt. In allen Teilen der Kolonie sah man schöne, große Häuser, von denen schon viele massiv gebaut waren. Wege und Brücken waren verbessert. Neue Kirchen und Kapellen erhoben sich in allen Distrikten. Mahl - und namentlich Schneidemühlen mehrten sich ohne Unterbrechung. Jeder Distrikt hatte schon seine eigene Schule, teilweise von der Regierung unterstützt, oftmals aber auch nur aus Privatmitteln gebaut und erhalten. - Am Stadtplatz stand schon ein Hospital, ein Gefängnis, ein Direktionsgebäude usw. Hafenbauten wurden in Angriff genommen, viele große und schöne Privathäuser waren teils fertig, teils noch im Bau begriffen. Schon gab es große Import - und Exportgeschäfte und eine Menge kleinere und größere Geschäftshäuser und Gasthäuser, nicht nur am Stadtplatz, sondern in allen Teilen der Kolonie. In der ersten guten Zeit bildete der Holz - und Bretterexport eine große Einnahmequelle. Auch der Tabakanbau brachte manchen Conto in die Kolonie. Kurz, Handel und Wandel blühte überall. Allerorts war munteres Regen und Treiben, Dampfschiffe und viele andere Fahrzeuge befuhren den Itajahy und brachten die Waren hin und zurück. Hunderte von Wagen bestritten den Landverkehr. - Die goldene Zeit von Blumenau war da. Geld gab die Regierung - Geld verdiente sich Blumenau schon selbst immer mehr und mehr. Viele Vereine hatten sich gebildet. Am Stadtplatz selbst war schon ein Schützenverein, ein Gesangverein, ein Culturverein (Landwirtschaft) und ein Konsumverein.

War der arme, einfache Arbeiter von drüben hier vorwärts gekommen durch seinen sauren Schweiß, seine zähe Ausdauer und seinen festen Willen, der ihn alle Schwierigkeiten, alle Entbehrungen und alle Gefahren des Urwaldlebens ertragen und überwinden ließ, so waren auch andererseits einige Elemente in den späteren Jahren mit eingewandert, die nicht im entferntesten eine Ahnung von alledem hatten, was jeden Anfänger im Urwald erwartete. Sie kamen mit Ideen, die jedem verständigen Menschen unbegreiflich sein mußten, und hatten eine Vorstellung von Blumenau, die geradezu unglaublich und lächerlich war. Natürlich erwachten sie hier jäh aus ihrem süßen Traum und waren dann viel

#### Blumenau continua progredindo

Durante o longo tempo de minhas andanças, a Colônia Blumenau não ficou parada no tempo, porém prosperou sob condições extremamente favoráveis. Foi exatamente por causa desta longa ausência que pude perceber melhor o seu progresso, ao contrário do que se tivesse permanecido aqui.

Em questão de pouco tempo, a paupérrima Blumenau de 1856, época em que aqui chegamos, transformou-se numa imponente e próspera Colônia, em virtude da ajuda governamental e também pelo próprio potencial. Desenvolvia-se cada vez mais sob a excelente direção do seu diretor e fundador, não havendo outra igual nos estados do sul do Brasil. Em todos os segmentos da administração reinava ordem e progresso. Por toda a Colônia se avistavam casas grandes e bonitas, muitas já construídas em alvenaria. Foram melhorados caminhos, pontes e em todo o distrito se erguiam igrejas e capelas novas. Os moinhos e as serrarias se multiplicavam ininterruptamente. Cada distrito possuía sua própria escola, em parte apoiada pelo governo, ou construída com recursos particulares. No Stadtplatz, já havia um hospital, uma prisão, um prédio administrativo, etc. e foi inicida a construção do porto.

Muitas casas já estavam prontas, outras ainda em construção. Já havia grandes lojas de importação e exportação e um bom número de casas comerciais e hospedarias, umas maiores, outras menores e, tudo isto não apenas no Stadtplatz, mas em toda Colônia. Naqueles primeiros bons tempos, a exportação de madeira era uma importante fonte de renda. A plantação de tabaco trouxe igualmente algum dinheiro para a Colônia. Resumindo, o comércio florescia e por toda parte havia movimentação. Centenas de carroças trafegavam pelas ruas, navios a vapor e muitas outras embarcações navegavam pelo Itajaí, levando e trazendo mercadorias. A época dourada havia chegado para Blumenau. O governo enviava o dinheiro e, a Colônia Blumenau através dos próprios meios, também ganhava mais e mais dinheiro. Foram fundadas muitas associações e, no Stadtplatz já havia uma Sociedade de Tiro, uma Sociedade de Canto Coral, uma Associação Agrícola e uma Cooperativa. Aqui, o simples e pobre trabalhador alemão conseguiu progredir através do seu suor, persistência tenaz, firme determinação, e isto o ajudou a suportar e superar todos os perigos na mata virgem. Mais tarde, vieram alguns elementos sem a mínima noção do que os aguardava nesta mata. Suas idéias eram inconcebíveis para qualquer pessoa sensata e, ainda tinham uma noção errada e ridícula sobre Blumenau. Essas pessoas, naturalmente, logo despertavam do sonho encantador e, então se encontravam numa situação muito pior do que

schlimmer dran als der einfache Arbeiter, der sich keine Illusionen gemacht hatte.

So war die Kolonie Blumenau mit Riesenschritten der Vollendung zugegangen und man fing an, die Kolonie auf ihre Emanzipation vorzubereiten. Hatte die Regierung gegeben, so wollte sie auch wieder nehmen. - Warum auch nicht. Aus Rio wurden sogenannte Zahlmeister hergeschickt, die hier die Bücher und Rechnungen prüfen mußten. Unter den Zahlmeistern befand sich ein sehr netter Mann, welcher - aufmerksam gemacht auf die sehr schöne und saubere Handschrift meines. Vaters, des Sekretärs der Koloniedirektion, - mit ihm näher bekannt wurde. Dieser Beamte nun äußerte einmal seine Verwunderung gegen meinen Vater, wie dieser mit seinem kargen Gehalt von 50 Milreis im Monat eine ganze Familie ernähren könne, und meinte dabei mit einem eigentümlichen Lächeln, daß mein Vater gezwungen sei, sich auf andere Weise Rat zu schaffen. Auf welche Weise, sagte er natürlich nicht so deutlich, aber man konnte recht gut heraushören, was er damit meinte. Mein Vater war aber in diesem Punkte sehr empfindlich und konnte in solchen Sachen durchaus keinen Spaß vertragen. Er wurde sehr heftig, und - alle Rücksicht bei Seite lassend - sagte er dem Zahlmeister ganz gehörig seine Meinung über die infame Zumutung. Nebenbei bekamen die Herren aus Rio auch etwas ab - der Zahlmeister aber blieb ganz ruhig, klopfte meinem erregten Vater auf die Schultern und sagte gelassen: "Lieber Herr, ereifern Sie sich nicht unnötig. Das ist hier doch landesüblich und längst öffentliches Geheimnis, daß jeder Beamte sich Zulagen beschafft, ja, in vielen Fällen verschaffen muß, wenn er mit seiner Familie nicht verhungern will. Sehen Sie, fast alle Subalternen in Rio z.B. können nicht die hohen Mieten in der Stadt bezahlen und müssen daher außerhalb der Stadt oder in entfernten Stadtteilen wohnen. Sie alle müssen die Pferdebahn benutzen und geben dafür schon mehr als die Hälfte ihres Gehaltes aus. Woher kommt also das übrige?" Mein Vater schüttelte dazu nur den Kopf.

Dr. Blumenau übergab also sein Schmerzenskind der Regierung. Das war aber kein Kind mehr, sondern aus dem schwächlichen kleinen Ding war mittlerweile ein starker Mann erwachsen, der nun mit Zinseszinsen zurückzahlte, was seine Jugend gekostet hatte.

#### Das "Waldfieber" kehrt wieder

So lebte ich denn mit meiner stets wachsenden Familie auf unserem Landstück, von dem wir uns redlich ernährten. Aber wie es den Küstenbewohner immer wieder zur See hinauszieht, so zog es mich immer wieder in den Urwald hinein. - Zu jener Zeit gab es gerade viel Arbeit im Walde, weil am Süd - und Westarm des Itajahyflusses neue Siedlungen angelegt werden sollten. Wieder waren es Herr Odebrecht und mein Bruder Theodor, die die Vermessungsarbeiten

o simples trabalhador que não tinha ilusões.

Assim, a Colônia caminhava a passos gigantescos em direção à conclusão de um ciclo e começava a mobilização para a sua emancipação. Do mesmo modo como o Governo havia contribuído para o desenvolvimento da Colônia, assim, também, queria o retorno. E por que não? Foram enviados tesoureiros do Rio de Janeiro, com a incumbência para examinar os livros e as contas. Entre esses havia um senhor muito simpático, que se tornou conhecido de meu pai, pois a boa caligrafia deste lhe chamara atenção. Nesta época meu pai era secretário da direção da Colônia. Em certa ocasião esse funcionário público mostrou-se surpreso ao saber que meu pai sustentava toda a sua família com seus parcos 50 mil réis mensais, comentando com um sorriso estranho que meu pai precisaria conseguir mais meios de outra maneira. Porém, não mencionou como, no entanto deixou transparecer o que queria dizer com isso. Mas meu pai, nesse ponto, era bastante sensível e não gostava de brincadeiras desse gênero, irritou-se profundamente e deixando de lado qualquer consideração, disse-lhe umas boas verdades sobre essa insinuação infame. Os outros senhores do Rio também receberam seu quinhão, porém o tesoureiro se manteve bem calmo, deu algumas palmadas no ombro de meu alterado pai e falou tranquilamente: "Prezado senhor, não se altere em vão. Isso é um hábito nacional, e não é segredo nenhum que todo funcionário público procura um complemento extra. Às vezes, até é obrigado a fazer isso se não quiser morrer de fome com sua família. Veja no Rio, praticamente todos os subalternos não têm condição de pagar os aluguéis altos da cidade e, por isso são obrigados a morar nos subúrbios. Mais da metade do ordenado é gasto com a condução: o bonde puxado a cavalo. E de onde vem o restante?" Meu pai apenas balançou a cabeça.

Então, Dr. Blumenau entregou ao Governo sua criança\*, pela qual tanto havia zelado. Mas, a Colônia já não era mais uma frágil criança, pois se transformara em um adulto forte, que agora retribuía, com juros sobre juros, o investimente da juventude.

#### A "febre da mata" retorna

Assim eu vivia com minha crescente família no nosso pedaço de chão, que nos sustentava honestamente.

Mas, assim como o habitante do litoral sempre é atraído pelo mar, também, eu era atraído pela mata virgem. Naquela época havia muito trabalho

<sup>\*</sup> N.T.: Dr. Blumenau referia-se a sua Colônia como "minha criança".

ausführten. Viele meiner Kameraden waren als Arbeiter dabei, und ich hatte keine Ruhe mehr, ich mußte mit! Also ließ ich mein Weibchen und meine Roça im Stich und lief wieder in den Urwald. Das war ein Fehler! Aber ich hatte das Waldfieber, das bekanntlich nur im Urwald kuriert werden kann.

Der Süd - und der Westarm sind für große Canoas und selbst für kleine Dampfer befahrbar. Diese Wasserstraßen wurden daher bei allen Erkundungen und sonstigen Waldarbeiten so weit wie möglich benutzt. Aber zwischen dem großen Itajahy und diesen beiden Zuflüssen lag ein großer Wasserfall, der Salto Pilão. Dieser Fall ist unpassierbar für jedes Fahrzeug. Wir hatten es einmal mit unseren Canoas versucht, kamen auch glücklich oben an - aber die Canoas hatten keinen Boden mehr. Das Hinüberziehen über die scharfen Felsen auf der langen Strecke hatte sämtliche Boote unbrauchbar gemacht. Wir mußten also eine große Strecke alles Notwendige auf unseren Buckeln durch eine Pikade schleppen, die zu allem Überfluß über einen Knüppel von Berg führte, der der Schrecken aller Waldläufer war. Dieser Berg, Subida genannt, war der Probstein für unsere Buckel und Beine. - Wer zur Sommerzeit mit einer Last von 50 bis 60 Kilo diesen Burschen überwand, konnte für voll gelten. Wie viele hundert Male haben wir diesen steilen Berg hinaufklettern müssen, ehe uns Maultiere den Transport abnehmen konnten! -Auf der Höhe dieses Berges beginnt die große Terrasse des Süd - und des Westarmes, die - immer allmählich steigend - bis an den Fuß der Serra, des Hochgebirges, geht. Dieses Gebiet nun, das einen ungeheueren Landkomplex umfaßt, sollte erkundet werden, in wie weit es sich zur Kolonisation eignete, und zugleich, wo am besten die Straße nach dem Hochland anzulegen sei. - Außerdem wurden natürlich auch die Flüsse kartographisch aufgenommen. Es war eine große und zum Teil sehr schwierige Arbeit, die viel Zeit und Umsicht forderte, aber schließlich von Herrn Odebrecht und seinem Adjutanten Theodor Kleine zur Zufriedenheit ihrer Chefs bewältigt wurde. Die Regierung hatte nämlich eine Komission geschickt, mit einem Chef an der Spitze, der eigentlich die Arbeit im Walde persönlich leiten sollte, in Wirklichkeit aber weiter nichts tat, als daß er sein enormes Gehalt einsteckte, am Stadtplatz gut lebte und die Arbeit von anderen verrichten ließ, was - unter uns gesagt - sehr weise gehandelt war, weil diese Sorte Herren im Walde absolut nicht zu gebrauchen waren.

Um einen Stützpunkt zu haben und die Arbeiten besser leiten zu können, wurde gleich oberhalb des Salto Pilão eine große Roça geschlagen und ein Depot angelegt. Hier wurden die meisten Canoas gebaut, die zu den Expeditionen nötig waren. Hier blieben, unter dem Schutz einer kleinen Wache, die Sachen zurück, die in den Canoas nicht gleich mit verladen werden konnten. Hier wurden auch die Canoas unter Dach gebracht, wenn eine Expeditionsreise beendet war. Auch eine große Weide wurde angelegt und Versuche mit allerlei Nutzpflanzen gemacht; kurz, es war eine Hauptstation für alle Ingenieure. Fast

na mata, pois novas colônias deveriam ser implantadas no Braço do Sul e no Braço do Oeste, ambos afluentes do Rio Itajaí. Novamente o levantamento topográfico foi realizado pelo senhor Odebrecht e meu irmão. Muitos dos meus companheiros participavam desse trabalho. Não sosseguei, eu precisava ir junto! Mais uma vez fui à mata, deixando minha esposa e roça para trás. Mas isso foi um erro! Fui atacado pela "febre da mata" e, como é do conhecimento de todos, esta só poderia ser curada na mata. O Braço do Sul e Braço do Oeste são navegáveis tanto para canoas grandes, quanto para pequenos navios a vapor. Por isso, essas hidrovias eram utilizadas o máximo possível nas explorações e nos demais trabalhos da mata. Porém, entre o Itajaí-Grande e esses dois afluentes havia uma cachoeira muito grande, o Salto Pilão, intransitável para qualquer tipo de embarcação. Certa ocasião, tentamos atravessar essa cachoeira com nossas canoas e felizmente conseguimos chegar à parte superior da mesma, mas nossas canoas ficaram sem fundo e imprestáveis ao serem arrastadas por sobre as rochas pontiagudas.

Portanto, seguimos por uma picada e durante um longo trajeto carregamos todo o material indispensável nas costas, além de tudo ainda atravessamos uma cadeia de montanhas, o pavor de todo mateiro. Denominavase Subida e era um desafio para nossas costas e pernas. Quem a vencia, carregando 50-60 quilos durante o verão, era considerado herói. Quantas centenas de vezes escalamos esta íngreme cadeia de montanhas, antes de sermos substituídos pelos animais de carga!. Em seu topo inicia a grande plataforma do Braço do Sul e Braço do Oeste, a qual se eleva gradativamente até o sopé da Serra Geral. Esta região, que abrange uma vasta área, deveria ser sondada, para saber-se até que ponto a colonização seria viável e, também qual o melhor lugar para a construção de uma estrada em direção à região serrana. Além do mais, foi realizado o levantamento cartográfico dos rios. Em parte, foi um trabalho bastante difícil que exigiu muito tempo e prudência, mas, finalmente, para a alegria dos seus chefes foi dominado pelo senhor Odebrecht e seu ajudante Theodor Kleine. Isto significa que o Governo enviou uma comissão, cujo chefe deveria pessoalmente coordenar os trabalhos na mata, mas, na verdade, nada mais fazia do que embolsar seu polpudo ordenado, vivendo bem no Stadplatz e deixando os outros executarem o trabalho, procedimento esse, cá entre nós bastante sábio, pois estes tipos de senhores são absolutamente dispensáveis na mata.

Para ter um ponto de apoio e coordenar melhor os trabalhos, foi derrubada uma grande roça logo acima do Salto Pilão, instalando-se ali um depósito. A maior parte das canoas necessárias para a expedição era construída alle diese Reisen habe ich als einfacher Arbeiter unter Herrn Odebrecht oder meinem Bruder Theodor zu jener Zeit mitgemacht. Gleich bei der ersten wurden wir gewahr, daß wir von Indianern beobachtet wurden. Sie haben uns zwar nie angegriffen, ließen sich aber oft hören; und wir mußten jede Nacht Wachen ausstellen da wir nicht wissen konnten, ob sie Böses im Schilde führten oder nicht. Allem Anschein nach kamen diese Indianer vom Nordarm herüber und gingen auch wieder dort hin. Meistens waren es kleine Abteilungen von 6 bis 8 Mann. Aber einmal hat der ganze Stamm an der Mündung des Südarms campiert. In dem Uferschlamm konnten wir ganz deutlich die Spuren von Männern, Weibern und Kindern unterscheiden. Auch standen noch oben am Ufer ihre große Hütten, die sie vor höchstens drei Tagen verlassen haben konnten. Die Weidenbäume am Fluß hatten sie abgehauen. Gleich hinter den Hütten waren Bienennester ausgenommen und die faulen Bäume nach großen Holzwürmern durchsucht worden. Diese sind den Wilden ein Leckerbissen. - Merkwürdigerweise verwischen die Buger oder Botukuden, wie die hiesigen Indianer genannt werden, fast niemals ihre Spuren, selbst wenn sie verfolgt werden. - So mußten wir also ständig auf unserer Hut sein, und unsere ganze Arbeit wurde dadurch sehr erschwert.

#### Fritz Müller

Einmal hatte sich unserer Expedition der in weiten Kreisen bekannte und berühmte Naturforscher Dr. Fritz Müller mit einem Begleiter, dem uns schon bekannten Herrn Friedenreich, angeschlossen. Er wollte hier am Südarm seine Sammlungen erweitern und bereichern und neue Naturstudien machen. Einen bescheideneren und einfacheren Menschen als Dr. Müller konnte es wohl kaum geben. Nur mit Hemd und Hose bekleidet und stets barfuß gehend, ohne weitere Waffe als sein Jagdmesser, steckte er sich jeden Morgen eine Handvoll Farin in die Tasche, nahm sein Schmetterlingsnetz und seine Botanisiertrommel und ging in den Wald, das heißt; in eine Wildnis, worin es Tiger, Schlangen und Buger gab. Wir waren lauter beherzte Leute, die in der Gefahr gewiß nicht davongelaufen wären, aber dem Dr. Müller hätten wir es doch nicht nachgemacht. Es war wohl auch nur ein Zufall, daß ihm damals nichts Ernstliches passiert ist. -Ganz vertieft in seine Arbeit jagte dieser Gelehrte so eifrig den armen Insekten nach, daß er selten wußte, wo er sich befand oder welche Tageszeit es war. Er war so eifrig in seinen Forschungen und Sammlungen, daß er alles andere um sich her vergaß. - Wenn wir ihn dann im Walde aufsuchen mußten und ihn mit vieler Mühe in irgend einem Dickicht entdeckt hatten, wunderte er sich, daß es schon so spät sein sollte, und bedauerte nur, daß wir seinetwegen so viele Umstände machten. Gewöhnlich hatte er dann noch seinen Farin in der Tasche und gar

ali. Neste local, um guarda zelava por aquilo que não podia ser carregado nas canoas. Também, ali, eram guardadas as canoas que voltavam das expedições. Foi preparado um grande pasto, onde se realizaram experimentos com diversas plantas úteis. Enfim, era o quartel geral de todos os engenheiros. Naquela época, eu participei de quase todas essas viagens como simples trabalhador, subordinado ao senhor Odebrecht ou ao meu irmão Theodor. Logo na primeira viagem percebemos que éramos observados pelos índios. Apesar de nunca nos terem atacado, de vez em quando se faziam ouvir e, por isso todas as noites montávamos guarda, pois não sabíamos se tinham ou não más intenções. Tudo indica que esses índios provinham do Braço do Norte e que sempre regressavam para lá.

Na maioria das vezes eram pequenos grupos de 6 a 8 pessoas, porém, certa vez, a tribo inteira acampou na foz do Braço do Sul. Pudemos distinguir nitidamente as pegadas de homens, mulheres e crianças, deixadas no lodo à margem do rio. Lá, ainda se encontravam suas cabanas, abandonas no máximo há uns três dias. Haviam derrubado salgueiros junto ao rio, colhido o mel das colméias de abelhas que se encontravam logo atrás das cabanas e vasculhado as árvores apodrecidas à procura de larvas, que lhes eram um delicioso petisco.

Estranhamente, os bugres ou botocudos, como são denominados os índios locais, mesmo perseguidos, quase nunca apagavam seus rastros. Isto dificultou muito o nosso trabalho, pois sempre precisávamos estar alertas.

#### Fritz Müller

Certa ocasião, o célebre e amplamente famoso naturalista Dr. Fritz Müller e seu acompanhante o Sr. Friedenreich, nosso conhecido, juntaram-se à nossa expedição. No Braço do Sul, ele queria ampliar suas coleções e realizar novos estudos sobre a natureza. Certamente não havia pessoa mais modesta e simples do que o Dr. Fritz Müller. Todas as manhãs colocava um punhado de farinha no bolso, apanhava a rede para caçar borboletas e se dirigia à mata, onde havia onças, cobras e bugres. Trajava apenas calça e camisa, sempre descalço e não levava outra arma a não ser seu facão. Todos nós éramos pessoas corajosas e não teríamos nunca fugido do perigo, porém, jamais o teríamos imitado. Deve ter sido coincidência que nunca lhe aconteceu algo mais sério. Totalmente compenetrado em seu trabalho, caçava os pobres insetos com tanto empenho que perdia a noção do tempo, nem sabendo onde se encontrava.. Era tão zeloso em suas pesquisas e coleções, que esquecia tudo ao seu redor. Quando precisávamos procurá-lo no meio da mata e a muito custo o descobríamos, ele se admirava que

nicht ans Essen gedacht. Hatten wir ihn dann endlich mit seiner Insektenlast glücklich aus dem Walde herausbugsiert, so machte er sich sogleich über seine gesammelten Herrlichkeiten her und dachte erst recht nicht an Essen und Trinken. Sicherlich wäre er verhungert oder verdurstet, wenn sich nicht andere seines hageren Körpers angenommen hätten. - Bei solchen Touren ging der Gelehrte rein auf in seiner Wissenschaft, und der Mensch mußte schweigen. Zuletzt durfte er nicht mehr allein gehen, Herr Friedenreich oder ein anderer mußten ihn begleiten. - Wir alle konnten den bescheidenen und überaus einfachen Mann, der so wenig von sich her machte und nur den Mensch im Menschen sah, sehr gut leiden und wären für ihn durchs Feuer gegangen.

#### Der Weg auf das Hochland

Im großen und ganzen ging es auf den jetzigen Erkundungsfahrten nicht viel anders zu als auf denen am Itapocufluß, die ich bereits geschildert habe. Nur konnten wir hier mehr die Canoas benutzen, weil das Flußgebiet hier viel größer war als dort. - In monatelanger Arbeit ist es uns schließlich gelungen, einen Weg bis auf das Hochland, auf die Anfänge der Campos von Curitibanos abzustecken. Inzwischen waren uns die Lebensmittel sehr knapp geworden, so daß wir uns auf's äußerste einschränken mußten. Es war Zeit, daß wir die Weiden der Campos erreichten. Hier wurde Rat geschafft. Junges, fettes Rindvieh wurde gekauft, und für die Haut schlachtete es der Tropeiro für uns. Wie die ausgehungerten Wölfe fielen wir über das schöne fette Fleisch her. Die halbe Nacht brieten wir uns Spießraten und aßen gekochte oder geröstete Pinienfrüchte dazu. Es war ein Göttermahl! Wir aßen so lange, bis wir uns überfressen hatten, und die Strafe folgte auf dem Fuße. Wir hatten eine Baracke bezogen, welche leer stand, weil ihre früheren Bewohner die ganze Wirtschaft aufgegeben und wegen der Tiger und Buger, die ihnen das ganze Jungvieh töteten, abgezogen waren. Das ganze Anwesen bestand aus mehreren Baracken aus Pinienbrettern und war noch in guten Zustand. In der einen Baracke lagen wir Arbeiter mit Bazil an der Spitze und in der anderen Herr Odebrecht und mein Bruder Theodor. - Wir waren wegen der Fresserei spät schlafen gegangen; auch sollte morgen ein Ruhetag sein, deshalb schliefen wir bis in den hellen Tag hinein.

Bazil stand zuerst auf und trat gähnend und sich reckend in die Tür. Mein Nachbar stieß mich an: "Du, guck doch bloß mal! Was hat der da für ein großes gelbes Pflaster hinten sitzen!" - Oh weh, das ganze Fett von dem genossenen Fleisch mußte über Nacht durchgesickert sein, oder? Wir verbissen uns das Lachen, so gut wir konnten, weil er unser Aufseher war und nicht viel Spaß verstand. Aber - oh, neuer Schrecken! Ein jeder von uns verließ sein Lager mit einem ebenso großen Senfpflaster! Alle strebten nun, seitwärts oder auch rückwärts

já era tão tarde, lamentando apenas ter causado tanto transtorno. Comumente, ainda tinha a farinha no bolso, pois nem havia se lembrando de comê-la.

Quando finalmente conseguíamos tirá-lo da mata, aí mesmo é que não pensava em comer, pois então se debruçava sobre as suas maravilhas coletadas.

Certamente teria morrido de fome e sede, se outras pessoas não tivessem se preocupado com o seu corpo debilitado. Nessas excursões, era o sábio que ficava inteiramente absorvido pela ciência e, o homem tinha que calar.

Por fim, já não devia mais ir sozinho, o Sr. Friedenreich ou outra pessoa o acompanhavam.

Todos nós sentíamos grande afeto por esse homem extremamente simples, que tão pouco se importava consigo mesmo e, que nas pessoas nada mais enxergava do que o ser humano. Por ele, certamente teríamos enfrentado qualquer obstáculo.

#### O caminho para o planalto

De um modo geral, as atuais viagens de exploração não eram muito diferentes daquelas realizadas às margens do Itapocu, anteriormente relatadas. Mas, aqui, podíamos aproveitar bem melhor a canoa, pois a bacia hidrográfica era mais extensa do que lá. Após meses de trabalho, conseguimos demarcar um caminho até o início do planalto, nos Campos de Curitibanos. Nesse meio tempo nossos mantimentos escassearam, de modo que precisávamos racioná-los ao máximo. Urgia chegar às pastagens de Campos, onde, enfim, conseguimos nos organizar. Compramos gado novo e gordo e um tropeiro o abateu em troca da pele. Tal qual lobos famintos, nos lançamos sobre a carne gorda e saborosa e, durante metade da noite assamos churrasco e comemos pinhão cozido e assado. Foi um jantar dos deuses! Comemos até não poder mais, mas o castigo veio a galope. Instalamo-nos num barraco vazio que fora abandonado pelos antigos proprietários, por causa dos ataques de bugres e tigres que frequentemente matavam seu gado novo. A propriedade se resumia a alguns barracos feitos de tábuas de pinho e se encontrava em bom estado. Tendo à frente Bazil, nos alojamos em um destes barracos e o Sr. Odebrecht e meu irmão Theodor se instalaram no outro. Fomos dormir tarde por causa da comilança e, como tínhamos folga no dia seguinte, dormimos até o dia raiar.

Bazil foi o primeiro a acordar e se encaminhou até a porta bocejando e se espreguiçando. Meu companheiro me cutucou dizendo:

gehend, dem großen Bache zu. Hier kam die Blase zum Platzen, das heißt, es brach ein Gelächter los, daß die Maultiere, die hier friedlich ihr Futter suchten, erschrocken davonstoben. Nun standen wir alle im Wasser und wuschen unsere Hosen. - Weitere Folgen hatte unsere Unmäßigkeit glücklicherweise nicht.

Doch von Fleisch allein lebt der Mensch nicht, es müssen auch Bohnen und Farin dabei sein. Also wurden drei Mann nach Curitibanos abkommandiert, um dort das Fehlende zu bestellen und durch Tropeiros, die uns schon bekannt waren, herschicken und so schnell wie möglich zurückkehren sollten. Aber es dauerte doch fünf Tage, bis die drei auf Umwegen und weil sie unterwegs die tollsten Erlebnisse zu überstehen hatten, in Curitibanos ankamen, das Nötige einkauften und mit den Tropeiros zurückkehrten. Nun hatten wir wieder vollauf von allen nötigen Lebensmitteln und konnten lustig weiterarbeiten. Bald ging es wieder über Campos, durch Hochwald, Busch und Sumpf immer nach Curitibanos zu. Das Leben bot hier etwas mehr Abwechslung als im eigentlichen Urwald, weil wir oft von Tropeiros und anderen Campbewohnern besucht und ganze Strecken weit begleitet wurden. - An der Straße von Curitibanos hauste zu jener Zeit ein alter Deutscher namens Adam Götten. Er war aus der Rheingegend vor vielen Jahren hierher gezogen und hatte sich - mitten unter Brasilianern seine deutsche Muttersprache bewahrt. Der alte Adão, wie ihn alle Campbewohner nannten, war gut eingerichtet. Er hatte eine zahlreiche Familie, die aber - außer seiner Frau - die deutsche Sprache total verachtete und schon ganz und gar verbrasilianert war. - Zu diesem Adão nun kamen wir eine Zeitlang ins Quartier. Er nahm uns sehr freundlich auf, und wir lebten bei ihm wie Gott in Frankreich. - Aber der gute Alte hatte auch seine Mucken und konnte, unter Umständen, sehr ungemütlich werden. Wir Blumenauer bekamen auch eine kleine Probe davon. Als wir mit Sack und Pack bei ihm einzogen, rief er seiner Frau zu: "Do geh nur her, Bärbele! Do kumme de Blumenauer Lumpe doher! Do, guck, sein dat aach Leit? Affe seins, Bäre un Elefante seins! Ha, ha, ha! Wat wollt ihr Blumenauer Lumpe bei de alte Adão?" - Na ja , wir wurden ganz verdutzt bei diesem wunderlichen Empfang, und etliche von uns machten schon wieder kehrt. Aber das Bärbele setzte uns bald auseinander, daß ihr Alter gar nicht so uneben sei, wie er sich anstelle. Also faßten wir uns ein Herz, salutierten und marschierten mit unseren Quersäcken auf den Buckeln im Gänsemarsch nach dem Schuppen, der uns zum Quartier angewiesen worden war. Der Alte mit seiner Frau hinterdrein. Eine Weile guckten sie uns zu, wie wir unser Lager bereiteten. Dann fing der Alte wieder an: "Bärbele, nacher gibst de Leit ihr Abendbrot! Hast gehert?" - Dann wandte er sich an uns: "Wenns gefressen hant, müßt ihr mir wat singe! Eppes vun de alt Lieder, dat ich mit eich singe kann". Dabei fing er schon selber an: "Nabulion, Nabulion, du Schustergesähle usw." - Er sang, vielmehr brüllte er

- Olha isto! Que mancha amarela é esta ali atrás!
- Minha nossa, toda gordura da carne que comemos deve ter vazado durante a noite, ou...?

Conseguimos controlar o riso da melhor maneira possível, pois ele era nosso capataz e não entendia brincadeiras.

Mas, oh, mais sustos! Ao levantar da cama cada um tinha uma mancha, igualmente parecendo mostarda amarela! Fomos todos em direção ao riacho, uns de lado, outros de costas. Então começamos a gargalhar de tal forma, que os burros que estavam se alimentando pacificamente saíram em disparada. Bem, agora estávamos na água lavando nossas calças e, felizmente nossa intemperança não teve conseqüências mais sérias.

O homem não sobrevive apenas de carne, ele também necessita de feijão e farinha. Então, três homens foram enviados para Curitibanos, a fim de encomendarem o que faltava. Precisariam voltar o mais rápido possível e, a mercadoria deveria ser trazida pelos tropeiros, nossos conhecidos. No entanto, foram necessários cinco dias até os três chegarem a Curitibanos, comprar o necessário e voltar junto com os tropeiros. E tudo isso, devido aos inúmeros desvios ao longo do caminho e aventuras extraordinários pelas quais passaram. Bem, agora podíamos continuar a trabalhar, pois estávamos supridos de mantimentos. Seguimos por Campos, em direção a Curitibanos, através da floresta, da mata e de pântano. Ali a vida nos oferecia mais distrações do que na floresta, pois frequentemente recebíamos visita dos tropeiros e de moradores do campo, que nos acompanhavam durante um longo percurso. Naquela época, um alemão chamado Adam Götten vivia às margens da estrada para Curitibanos. Há muitos anos que havia vindo da região do Reno, estabelecendo-se entre os brasileiros, no entanto manteve sua língua materna. O velho Adão, como os campeiros o chamavam, estava muito bem instalado. Ele tinha uma família numerosa, porém, com exceção de sua mulher, todos desprezavam a língua alemã, pois já estavam totalmente aculturados. Bem, foi na casa deste homem que ficamos alojados durante algum tempo. Fomos recebidos gentilmente e, em sua casa vivemos como Deus na França. Mas, o velho também tinha suas manias e podia ser bem desagradável. Nós, blumenauenses também recebemos o nosso quinhão. Quando chegamos com nossos pertences, ele chamou sua mulher dizendo:

"Vem cá Bärbele! Lá, vêm os vagabundos blumenauenses! Mas, olha, isto é gente? Mais parecem macacos, ursos e elefantes! Ha, ha, ha! O que vocês vagabundos blumenauenses querem do velho Adão?"

das ganze Lied herunter und wollte es zu unserem Entsetzen wiederholen; aber sein Bärbele hinderte ihn daran: "No, no, nu looß de Leit doch gehe". Der Alte aber nahm das krumm, und schauzte seine Frau gehörig an. Beide verschwanden jetzt im Haus, und wir folgten ihnen später nach. Drinnen wurde ein gutes Abendessen für uns aufgetragen.

Nach dem Essen mußten alle Mann, ob sie nun konnten oder nicht, mit dem sehr angeheiterten Adão um die Wette singen. Der Alte war unermüdlich bei diesem Gebrülle und ließ uns nicht eher los, bis wir vor Heiserkeit nicht mehr mithalten konnten. - Wenn das jeden Abend so ging, waren wir bald fix und fertig. Zum Glück aber sorgte Bärbel dafür, daß wir wenigstens nicht an jedem Abend solche Kraftproben abzulegen brauchten. Nun, wie der alte Adão sich auch gab, er hatte jedenfalls das beste Haus, das beste Vieh und den schönsten Garten. Weit und breit gab es keine bessere Wirtschaft, und der Alte war überaus gastfreundlich und gab mit vollen Händen; da konnte man sich schon etwas gefallen lassen. Nur wenn er zu viel getrunken hatte, wurde er recht ungemütlich und machte sich viele Feinde damit. -

Aber alles hat ein Ende, also auch unser Aufenthalt im Hause des alten Adão. Eines Tages kam der Befehl für uns, nach Curitibanos vorzurücken. Mit Bazil an der Spitze zogen wir betrübt ab. Herr Odebrecht und Bruder Theodor wollten nachkommen. In dem Nest sollten wir warten. - Wir zogen also in die "große Hauptstadt" ein und besetzten erst einmal alle Schnapsbuden und sonstige Budiken. Wir warteten bis Frühstück, wir warteten bis zum hohen Mittag, aber unsere Befehlshaber ließen sich nicht blicken. - Endlich gegen drei Uhr nachmittags erschienen sie in Begleitung des alten Adão. Aber in der Zwischenzeit hatte sich hier ein wahres Drama abgespielt: Von dem langen Warten bekamen wir lange Weile und fingen an zu trinken. Aus dem Trinken wurde bald eine allgemeine Sauferei und aus dieser eine Rauferei. Wir hatten den ganzen Vormittag nichts gegessen und waren nun völlig betrunken. Wir fingen an Hallotria zu treiben und machten einen solchen Radau, daß die ganze Bevölkerung zusammenlief. Die Brasilianer fingen zu schimpfen an und gossen damit nur Öl ins Feuer. Ja, es kam so weit, daß sich die zwei feindlichen Parteien mit gezogenen Schießwaffen und Facãos gegenüberstanden. Nur einige vernünftige Männer auf der Gegenseite verhinderten das Schlimmste. Ja, es kam sogar zu einer Verbrüderung der Kampfhähne, und der Friede wurde wieder hergestellt. Um ihn zu bekräftigen, ging es wieder in die Venda, wo wir für uns und unsere neuen Freunde tüchtig einschenken ließen - natürlich alles auf Pump, denn wir hatten schon kein Geld mehr. Balde waren wir alle schon ein Herz und eine Seele, kamen so recht in Zug und tanzten gerade mit unseren Brüdern zur Melodie eines Kammbläsers einen noch gänzlich unbekannten Tanz, als unsere Oberbefehlshaber anrückten, welche natürlich gleich mit Feldherrenblick die Situation überschauten. - Weder Herr

Bem, ficamos perplexos com esta singular recepção e, alguns já estavam dando a volta. Mas, Bärbele explicou que seu velho não era tão intratável como dava a parecer. Então nos controlamos, o saudamos e, com nossos alforjes nas costas fomos caminhando em fila até o rancho que haviam nos indicado. O velho e sua mulher nos seguiram e ficaram nos observando enquanto preparávamos nosso alojamento.

O velho falou à sua mulher: "Bärbele, depois lhes sirva a ceia! Entendeste?"

A seguir se dirigiu a nós dizendo: "Vocês precisam cantar, depois de se fartarem de comida. Em primeiro lugar as velhas canções, para que eu possa cantar junto". E já foi começando: "Nabulion, Nabulion, aprendiz de sapateiro etc..."

Ele cantava, ou melhor berrava o tempo todo até terminar a canção e para nosso espanto a queria repetir, mas foi detido por Bärbele: "Não, não, deixe as pessoas em paz".

Mas, o velho não gostou e berrou com sua mulher. Então os dois sumiram casa adentro e nós os seguimos um pouco mais tarde, quando então serviram uma boa ceia.

Após a refeição, querendo ou não, tivemos de cantar com o alegre Adão. O velho mantinha-se incansável, apesar do berreiro e, não nos deixou em paz até não podermos mais de tão roucos que estávamos. Se continuassemos todas as noites assim, em pouco tempo estaríamos exaustos. Felizmente Bärbele tomou as devidas providências e não precisávamos enfrentar todas as noites esta maratona. Bem, apesar de seu jeito, o velho Adão tinha a melhor casa, o melhor gado e o mais belo jardim. Por toda a redondeza não havia propriedade melhor. Ele era hospitaleiro, generoso e por isso tolerava-se certas coisas. Mas, quando bebia demais se tornava bastante desagradável e então fazia muitos inimigos.

Mas, como nada é para sempre, também nossa estadia na casa de Adão chegou ao fim. Recebemos ordem para continuarmos até Curitibanos e com Basil na dianteira partimos entristecidos. O Sr. Odebrecht e meu irmão Theodor viriam mais tarde e deveríamos aguardá-los naquele lugarejo. Portanto, chegamos à "cidade grande" e em seguida fomos a todos os botecos. Esperamos pelos nossos chefes até a hora do lanche, então até o meio-dia, mas nem sinal deles. Enfim, eram quase três horas da tarde quando vieram na companhia de Adão. Mas, neste meio tempo aconteceu o que não deveria ter acontecido, pois, cansados de esperar começamos a beber, o que se transformou em uma grande bebedeira e esta

Odebrecht, noch mein Bruder ließen ein Wort fallen, aber ihre kreidebleichen Gesichter verrieten alles. Ihr Erscheinen wirkte wie eine kalte Dusche, und jeder versuchte sich aus ihrer Nähe zu drücken, um den ersten Zorn verrauchen zu lassen. Bazil, der nüchtern geblieben war, wurde natürlich zur Rechenschaft gezogen. Er verteidigte sich damit, daß er anführte, alle seine Befehle und Ermahnungen hätten nichts genutzt, er hütete sich aber, den ganzen Hergang zu verraten. Das tat später erst der Gastwirt, bei dem wir so hoch in der Kreide standen.

Wir wurden vorläufig zusammengetrommelt, bekamen sehr starken Kaffee mit Roscas und sollten dann an die Arbeit. Oh weh, das war ein trauriger Marsch, als wir über den Campo nach unserer Arbeitsstelle zogen! Vorn mit verbissener Wut die beiden Befehlshaber, hinterher ein langer Zug schwankender Gestalten. Als wir an Ort und Stelle waren, stellte es sich heraus, daß von der ganzen Armee nur noch sechs Mann übriggeblieben waren, nämlich Herr Odebrecht, Theodor, Bazil und drei Arbeiter, darunter meine Wenigkeit. Die anderen waren versprengt oder den Strapazen dieses Feldzuges zum Opfer gefallen, das heißt, sie lagen irgendwo auf dem Camp oder unter Büschen und schliefen ihrer Rausch aus. - Unter solchen Umständen konnte heute natürlich nicht gearbeitet werden, und der Rückzug wurde angeordnet. Wir Arbeiter bildeten die Nachhut. Unterwegs trafen wir auf einige Schnapsleichen der unsrigen, die wir aber unbeerdigt liegen ließen. Das war gut; denn später stellte sich heraus, daß dieselben nur scheintot gewesen waren.

Es dunkelte bereits, als wir sechs Mann hoch in Curitibanos wieder einrückten. Wir Arbeiter mochten gar kein Abendbrot, sondern legten uns im Bewußtsein unserer schweren Schuld, die an unseren Befehlshabern begangen, und der Schulden, die wir bei dem Vendeiro gemacht hatten, ganz zerknirscht auf unser hartes Lager, worauf wir bald - trotz aller Sünden - den Schlaf aller Bösewichter schliefen. Unterdessen lagen unsere Kameraden auf den weichen Matten des Kamps oder irrten als Irrwische in irgend einem Sumpf umher. Um Mitternacht erst hatten sie Curitibanos wieder entdeckt und standen jetzt in der denkbar kläglichsten Verfassung vor unserer Tür und begehrten Einlaß. Wir ließen die armen Schächer ein. Ohne ein Wort zu verlieren, warfen sie sich mit ihren nassen, schlammigen Kleidern auf den bloßen Erdboden hin. - Einige unter ihnen waren so erschöpft, daß wir in ernstlicher Sorge um sie schon hingehen wollten, um Herrn Odebrecht zu wecken. Aber sie erholten sich doch wieder und baten nur um einem Trunk Wasser. - Am anderen Morgen gingen wir alle sehr still an die Krippe und dann sehr niedergeschlagen an die Arbeit. Aber ein Gutes hatte die ganze Geschichte: von nun an wurde gearbeitet wie nie zuvor. Wir gingen nicht mehr, nein, wir liefen Trab bei der Arbeit, und die Messer

desencadeou em pancadaria. Estávamos completamente bêbados, pois não havíamos nos alimentado durante a manhã. Começamos a fazer baderna e o barulho era tanto que toda população veio correndo. Os brasileiros começaram a xingar, derramando assim mais óleo na fogueira. Chegou ao ponto dos partidos antagônicos estarem frente a frente, munidos de armas de fogo e facões, mas alguns homens sensatos da oposição evitaram o pior. Então os "galos de rinha" se confraternizaram e a paz foi restabelecida. Fomos à venda para comemorar e fortalecer os laços de amizade, oferecendo bebida aos nossos novos amigos, mas, naturalmente a fiado, pois já não tínhamos mais dinheiro algum. Logo, nos sentimos como se fôssemos um coração e alma e, quando nossos chefes chegaram, dançávamos a todo vapor com nossos irmãos ao som de um clarinete. Com olhar perspicaz, imediatamente perceberam a situação. Nenhuma palavra foi pronunciada pelo Sr. Odebrecht e meu irmão, mas a palidez de seus rostos expressava o que pensavam. O surgimento destes teve o efeito de uma ducha fria e, todos procuraram afastar-se dos dois para que sua ira se abrandasse. Basil, foi o único que estava são e, precisou se defender explicando e argumentando que suas ordens e conselhos de nada haviam adiantado, porém teve o cuidado de não revelar todo o acontecido. Disso, mais tarde, o dono da estalagem se encarregou, pois a nossa dívida para com ele era muito alta.

Por enquanto apenas nos reuniram, serviram café com roscas para então irmos ao trabalho. Mas, que caminhada mais triste aquela ao atravessar o campo em direção ao trabalho, tendo à frente os dois chefes enfurecidos e atrás dos mesmos um bando de vultos cambaleantes. Ao chegarmos ao lugar indicado constatamos que haviam sobrado apenas seis homens de toda tropa; o sr. Odebrecht, meu irmão Theodor, Bazil, mais três trabalhadores, estando minha insignificante pessoa entre estes. Os outros haviam se dispersado ou não resistiram à fadiga desta marcha, isto quer dizer que deveriam estar dormindo debaixo dos arbustos do campo, curando, desse modo, a ressaca. Evidentemente, era impossível trabalhar sob estas condições e, assim foi providenciado o retorno. Nós, os trabalhadores, formamos a retaguarda e no caminho encontramos vários bêbados, que pareciam estar mortos, mas simplesmente os deixamos por lá sem enterrálos. Ainda bem, pois mais tarde constatamos que apenas pareciam estar mortos.

Já estava escurecendo quando chegamos a Curitibanos e nós nem queríamos comer. Fomos deitar bastante abalados e com a consciência pesada por tudo o que havíamos feito aos nossos chefes, mas também pensando na dívida para com o vendeiro. Mas, apesar dos pecados cometidos, dormimos sausten nur so durch Busch und Blätter. Wir schämten uns unseres Sündenfalls und wollten wieder gutmachen, was wir verbrochen hatten. - Herr Odebrecht und auch mein Bruder blieben aber lange Zeit ungnädig wegen dieser heiklen Geschichte und hatten im geheimen Angst, daß dieser häßliche Vorfall weithin ruchbar würde und ihnen, als den Verantwortlichen, sehr geschadet hätte. Die Sache mußte unter allen Umständen vertuscht werden. Und sie wurde auch vertuscht. Später, als die Geschichte schon in Vergessenheit geraten war, zeigte mir mein Bruder die Rechnung des Vendeiro über unsere Zeche. Es war eine ansehnliche Summe, aber glücklicherweise schon quittiert. Ein gewisser Herr hatte alles bezahlt und noch einiges mehr dazu, damit die Sache totgeschwiegen wurde.

#### Karl wird wieder Kolonist

Nach dieser Reise traf es sich, daß ich wegen meiner Frau nun längere Zeit zu Hause bleiben mußte und mich wieder der Arbeit eines Kolonisten widmete. Da ich mit dieser Arbeit hier im Lande aufgewachsen und mit allen Beschwerden und Gefahren des Waldlebens vertraut war, fand ich mich viel leichter in diese Arbeit als so mancher neueingewanderte Arbeiter von drüben. Ja, sie wurde mir zur Lust und zum Bedürfnis und ist es auch bis heute noch, Gott sei Dank, geblieben. Denn Arbeit allein, ob geistige oder körperliche, veredelt den Menschen und macht ihn erst zum Menschen, zu einem nützlichen Glied der Allgemeinheit. Fleiß mit Verstand vereint können selbst das höchste Ziel erreichen. - Kurz und gut, ich arbeitete mit Lust auf meiner eigenen Scholle an der Seite meiner jungen Frau. - Ein hiesiger Kolonist wird nie fertig mit seiner Arbeit, und eine Ruhezeit für den Landarbeiter - wie es z.B. in vielen Ländern der harte Winter mit sich bringt - gibt es hier nicht, weil man das ganze Jahr pflanzen und ernten kann. Selbst wenn die zwei Hauptpflanzzeiten: Februar und März und August bis Oktober vorüber sind, gibt es noch vollauf andere Arbeit wie Waldschlagen, Roça-Räumen, Zaun machen, Ställe und Schuppen bauen und einiges mehr. Dazu kommt noch das ewige Kapienen, d.h. das Vertilgen des Unkrautes mit der Hacke, mit dem man das ganze Jahr zu tun hat; denn das Unkraut gedeiht hier natürlich ebenso üppig wie die Anpflanzung. Da hier so vielerlei Pflanzen gedeihen, daß eine allgemeine Mißernte oder Hungersnot niemals eintreten kann, so kann auch der ärmste Kolonist, wenn er nur ein Stück Land besitzt und arbeitet, sich vor Nahrungssorgen schützen; denn wenn auch wirklich die eine oder andere Pflanzung mißraten sollte, so findet man Ersatz an anderen Feldfrüchten. Daß alles mißraten wäre, ist bis jetzt noch nicht dagewesen und wird wohl auch nie eintreten.

(Karl beschreibt nun, wie ein Anfänger erst den Urwald roden, das Busch - und Laubwerk

tranquilamente o sono dos facínoras. Enquanto isso nossos camaradas estavam deitados na macia relva do campo, ou vagavam como fogos-fátuos por algum pântano. Chegaram a Curitibanos à meia-noite num estado deplorável e pediram permissão para entrar. Então fizemos a vontade dos pobres diabos. Sem uma palavra sequer, deixaram-se cair no chão em suas roupas molhadas e enlameadas. Alguns deles estavam tão esgotados, que ficamos seriamente preocupados e queríamos chamar o Sr. Odebrecht, mas logo se refizeram e apenas pediram água. Na manhã seguinte fomos para a mesa em silêncio e, muito abatidos ao trabalho. O lado bom de tudo isto foi, que a partir daquele dia se trabalhou como nunca. Agora trabalhávamos empolgados, apressando o trabalho, cortando vigorosamente as plantas e folhas com os facões. Estávamos envergonhados do nosso deslize e queríamos nos retratar pelo que havíamos feito. Mas o Sr. Odebrecht e meu pai permaneceram inclementes durante algum tempo, pois tinham receio que essa história desagradável eventualmente viesse à tona. Afinal eles eram os responsáveis, e isso poderia denegrir sua imagem. Esse assunto deveria ser encoberto a todo custo e, realmente o foi. Muito tempo depois, quando tudo já havia caído no esquecimento, meu irmão me mostrou a conta de nossa bebedeira, junto ao vendeiro. Era uma soma considerável, que felizmente estava quitada. Um certo senhor pagou tudo e, para o acontecido não se espalhar, acrescentou à conta uma quantia extra.

#### Karl, novamente colono

Após esta viagem permaneci durante mais tempo em casa por causa de minha mulher e, dediquei-me novamente ao trabalho agrícola. Como cresci neste ambiente, já estava familiarizado com as dificuldades e os perigos da mata, conseguindo me inteirar com mais facilidade neste trabalho, do que os alemães recém-chegados. Trabalho este, que realmente se tornou um prazer como também uma necessidade. Felizmente sinto isto até hoje. Pois é apenas o trabalho, seja intelectual ou corporal, que dignifica o homem, tornando-o um membro útil à coletividade. O empenho, aliado ao bom senso pode alcançar o mais aspirado objetivo. Bem, resumindo, eu trabalhava no meu próprio chão ao lado de minha jovem esposa. Aqui, o colono nunca está em dia com suas tarefas, pois precisa plantar e colher durante todo ano, ao contrário de outros países onde o agricultor, devido ao inverno rigoroso, tem seu período de descanso. Mesmo após realizado o plantio de fevereiro a março e de agosto a setembro, ainda assim, é necessário

zerkleinern und abbrennen muß, einsät, sich eine primitive Palmitenhütte baut und eine Weide anlegt, um Vieh zu halten, das er aber erst später kaufen kann. Er fährt dann fort:) Alles Vieh wird erst nach und nach angeschafft, je nachdem die Roça und die Weide vergrößert wird. Vorderhand gilt es, ein Dach über dem Kopf und etwas im Topf zu haben. Binnen sechs Monaten kann jeder Anfänger, wenn die Umstände nicht zu ungünstig sind, dieses erreichen. Auch die nötigsten Gebäude werden auf die einfachste Weise errichtet, das heißt, man baut auf brasilianische Weise ein Haus von Palmiten und Dachblättern. In einem solchen Hause wird kein einziger Nagel verwendet, kein einziges Brett. alles ist von Palmiten, Dachblättern und Cipó gemacht; das Material dazu wächst wild im Walde und braucht nur geholt zu werden. Jeder Kolonist hat in seinem eigenen Walde überreichlich davon. So fängt hier jeder arme Kolonist an und kommt gewöhnlich viel rascher vorwärts als die, welche mit Geld anfingen, aber von der hiesigen Wirtschaft nichts verstanden.

Nach und nach verschwinden dann die Palmitenhäuser, und an ihre stelle treten große, schöne und feste Wohnsitze. Auf dem ebenen Land wird dann gepflügt und die Grundstücke bekommen ein ganz anderes Aussehen. So haben es bis jetzt alle Immigranten aus den deutschen Landen gemacht, und man kann dieses stufenweise Vorgehen in jedem Bezirke unserer Kolonie beobachten. Nur da, wo lauter steiler Berg ist, muß die sogenannte Brasilianerwirtschaft getrieben werden, die eben nur aus Raubbau besteht. Vielleicht interessiert es den freundlichen Leser, der noch nie ein Dachblatt gesehen hat, zu erfahren, wie diese Blätter zum Dachdecken eigentlich verwendet werden. Die Dachblätterpalme wächst wild im Walde, und zwar buschartig, treibt lange, harte stengel, oftmals weit über Manneshöhe, und trägt oben eine schöne Blätterkrone ohne Äste. Diese Blätter besitzen die Eigenschaft, daß sie niemals beim Trocknen zusammenschrumpfen, sondern stets so breit bleiben, wie sie grün abgehauen wurden. Sie werden nur bei abnehmendem Mond gehauen, weil sie sonst vom Ungeziefer zerfressen werden. Vor dem Binden werden sie auf Haufen gelegt, damit sie gut durchschwitzen und auf diese Weise zäher und dauerhafter bleiben. Dann werden sie auf Latten von gespaltenen Palmiten mit Cipó gebunden. Man nimmt jedesmal drei übereinandergelegte in die Hand, knickt den langen Stengel derselben über die scharfe Kante der Latte und schlingt den Cipó mit einer eigentümlichen Schlinge darum. Ist die Latte voll, so ist eine "Esteira" fertig. Beim Decken wird dann immer eine über die andere gebunden, und zwar so, daß immer die oberste die untere zur Hälfte überdeckt. Zuletzt kommt noch eine Lage Palmitenblätter, auf der die Windlatten angebracht werden, die das Dach vor Sturm schützen sollen. - Ein solches Dach hält viele Jahre, nur müssen von Zeit zu Zeit die Palmitenblätter und Windlatten erneuert werden. - Auch ich wohnte unter einem solchen Dache eine Reihe von Jahren, und ich kann executar outras tarefas como derrubada da mata, limpeza da roça, construção de cercas, estrebarias, ranchos e outras coisas mais. Somando-se a isto ainda há a eterna capinação, que consiste em arrancar as ervas daninhas com o uso da enxada, pois elas crescem tão vigorosamente quanto as plantações. Como aqui a cultura agrícola é diversificada, jamais haverá má colheita ou falta de alimento. Isto também vale para o mais pobre dos colonos, desde que tenha um pequeno pedaço de terra cultivado, pois assim pode se proteger da escassez de alimentos. Caso uma das plantações não vingar, terá como opção os frutos da terra. Até agora, pelo menos nunca aconteceu não colher nada e, creio que isto jamais acontecerá.

(Karl descreve: como um recém-chegado deve derrubar a mata; queimar galhos e folhas; como proceder com a semeadura; o modo de construir uma cabana de palmito e preparar um pasto para o futuro gado. Continua sua narrativa:). O gado deve ser adquirido mais tarde, à medida que a roça e o pasto aumentam. Por enquanto o mais importante é ter um telhado sobre a cabeça e comida na panela. Isto todo iniciante pode conseguir num prazo de seis meses, caso as circunstâncias o favoreçam. Mesmo as construções mais importantes são feitas à moda brasileira, isto quer dizer: de palmito e folhas de palmeira. Sequer um prego, nem tábuas são usados numa construção dessas. Tudo é feito de palmito, cipó e folhas para cobertura. É só colher, basta retirar da mata, pois em toda propriedade há sobra deste material. Praticamente, qualquer colono pobre inicia sua vida assim, mas, de um modo geral até consegue progredir mais rápido do que aqueles que têm dinheiro e não fazem idéia sobre a lida neste país.

Aos poucos as cabanas de palmito são substituídas por moradias bonitas e sólidas. A parte plana do terreno é arada e seu aspecto muda. Assim todos os imigrantes alemães atuaram e este procedimento gradativo pode ser visto em cada região. Apenas onde o terreno é íngreme é procedido à maneira brasileira, isto significa: extração exaustiva. Talvez possa interessar ao cordial leitor, que nunca viu uma cobertura de folhas, saber como estas são usadas. O arbusto desta folha de palmeira cresce na mata, seu caule é longo, às vezes maior do que um homem e, sua copa é formada por uma coroa de folhas. Estas folhas têm uma particularidade, não diminuem de tamanho após a secagem, ficando iguais às verdes. Sempre são colhidas na lua minguante, pois senão são destruídas pelos insetos. Antes de serem usadas são amontoadas, passando assim por um processo de transpiração. Desta maneira se tornam mais rijas e resistentes e, então são amarradas nos sarrafos de palmito com cipó. Usa-se sobrepor três folhas, dobrase o caule sobre a parte mais afiada do sarrafo e se dá um nó com o cipó. Quando o sarrafo estiver repleto, a esteira estará pronta. Uma carreira é sobreposta à

wohl sagen, daß es sich darunter besser schläft als unter dem massiven Ziegeldach. Wollt ihr frei und glücklich leben, so geht in den herrlichen Urwald! Im Ringen und Schaffen für die Existenz eurer Familie bleibt ihr von allen "Tugenden" der höheren Zivilisation verschont. Dort verfolgt euch kein Haß, kein Neid oder Mißgunst eurer "christlichen" Mitbrüder. Dort allein findet ihr das einzige, wahre Glück im Schoße eurer Familie, im stillen Frieden eures Hauses. Dort hat jeder selbst mit sich zu tun und sieht nicht den Splitter in seines Nächsten Auge; und noch viel weniger fällt es ihm ein, die Fehler und Gebrechen seines Nächsten zu kritisieren. Er sieht in ihm nur den Menschen, den Helfer in der Not - wie er denn auch selbst stets bereit ist, seinem Nachbar in der Gefahr beizustehen. Hier ist keiner dem anderen im Wege, und jeder weiß, daß er auf den anderen angewiesen ist. Hier gibt es keinen Müßiggang, also auch keine Laster! So war es in der ersten Zeit überall in Blumenau.

(Karl erzählt jetzt, wie er als Vorarbeiter von der Blumenauer Direktion wieder in das Gebiet des Süd - und Westarms des Itajahyflusses geschickt wurde, um das Terrain für Siedlungen auszukundschaften. Unter seinen Leuten befand sich Gustav Heimke, der von einem von Indianern weit im Westen bewachten Silberschatz erzählte, den zu heben er sich vorgenommen hatte. Diese Geschichte wurde unter dem Titel "Die Silberglocke von Vila Rica" von der Federação dos Centros Culturais 25 de Julho bereits veröffentlicht und braucht hier nicht einmal abgeschrieben zu werden.)

Jetzt beginnt ein ganz neuer Abschnitt in meinem Leben; denn auf das Zureden und Drängen meiner Frau, der das eisame Urwaldleben nicht gefiel, ließ ich mich endlich bewegen, meine Kolonie zu verkaufen und weiter flußabwärts in eine bewohntere Gegend zu ziehen. - Meine Frau bestürmte mich auch so lange mit Bitten und Vorstellungen, bis ich ihr versprach, die Waldreisen ganz aufzugeben. Also kam es, daß ich Lehrer an einer Privatschule an der I... (wahrscheinlich Itoupava) wurde.

outra, de modo que a parte superior cobre a metade da carreira inferior. Por fim, para reforçar são colocadas folhas, fixas por sarrafos para proteger a cobertura das tempestades. A durabilidade deste tipo de telhado é de alguns anos, apenas as folhas superiores e os sarrafos precisam ser substituídos de tempos em tempos. Também eu morei, durante muitos anos, debaixo de uma cobertura assim e, afirmo que é bem melhor dormir debaixo de um telhado destes do que de um de telhas. Se quiserem viver em liberdade e serem felizes, venham para a mata virgem. Na luta pela existência vocês serão poupados de todas "virtudes" da civilização. Aqui não se é perseguido pelo ódio, ciúme ou inveja dos irmãos "cristãos". Somente assim pode se encontrar a verdadeira felicidade no seio da família, pois cada qual se preocupa apenas consigo mesmo e não vê a trava no olho do próximo, nem critica seus vícios e erros. Neste, apenas vê o ser humano, aquele, que em caso de necessidade lhe presta ajuda, assim como ele se dispõe a fazer, caso seu vizinho necessite de ajuda. Aqui, um não atrapalha o outro, mas cada qual sabe que depende do outro. Não existe ociosidade e nem vícios! Assim, era nos primeiros tempos em Blumenau.

(Karl narra: como foi enviado à região do Braço do Sul e Braço do Oeste, afluentes do Rio Itajaí, pela direção de Blumenau na função de capataz, com o intuito de explorar o terreno para a instalação de futuras colônias. Entre eles encontrava-se Gustav Heimke, que falava sobre uma mina de prata no longínquo oeste, guardada por um índio. Heimke dizia que tinha o propósito de extrair a mina. Esta história foi publicada sob o título "O sino de prata de Vila Rica" pela "Federação dos Centros Culturais 25 de Julho" e, por este motivo é desnecessário mencioná-la mais uma vez neste espaço.)

Após ceder aos apelos incessantes de minha mulher, vendi minha colônia para morar mais rio abaixo, num lugar um pouco mais habitado, pois ela não gostava da vida na mata virgem. Assim, inicia uma nova fase em minha vida! De tanto minha mulher pedir, também resolvi desistir das expedições à mata. Foi então que me tornei professor de uma escola particular na I... (ao que tudo indica deve ser Itoupava).

# Artigos

# As igrejas de Simão Gramlich

TEXTO: PE. ANTÔNIO FRANCISCO BOHN\*

"A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular..." (Mt 21,42). Parece que esta expressão bíblica aplica-se aos vários projetos arquitetônicos de Simão Gramlich. Rejeitados, num primeiro momento, alguns acabaram sendo aceitos posteriormente, dotando a região com majestosos templos dedicados à fé. Dele são as concepções expressas em muitas igrejas catarinenses e de nossa região: Itajaí, Gaspar, Azambuja (Brusque), Rio do Sul, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul, Antônio Carlos, entre outras. Muitas vezes suas concepções provocaram polêmicas e acirradas discussões, como foi a planta da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo de Blumenau, que acabou sendo rejeitada em razão de seu alto custo e demasiado tempo necessário para sua execução. Rejeitada a planta de Gramlich, os arquitetos alemães Dominikus e Gottfried Boehm foram os responsáveis pela construção do templo católico blumenauense.

Nascido no dia 7 de agosto de 1887 em Baden / Alemanha, Simão Gramlich, veio ao Brasil na década de 1920, estabelecendo-se no Rio Grande do Sul, e logo ganhou fama projetando as grandiosas matrizes de Venâncio Aires e Cruz Alta. Era um construtor licenciado que correspondia com o grau de engenheiro e arquiteto. Era também uma pessoa muito temperamental.

Deixara a Alemanha para resolver problemas pessoais. Veio morar em Blumenau, estabelecendo-se à rua XV de Novembro, 919. Mais tarde, passou a residir na rua São Paulo nº 1840. Casou-se com Elizabeth Gramlich. Deste

em Cadernos

<sup>\*</sup> Reitor do Santuário Nossa Senhora Aparecida e Chanceler do Bispado.

casamento tiveram uma filha que recebeu o nome Margarida que anos mais tarde veio casar-se com Pedro da Veiga.¹ Homem de trato difícil, permitia-se certos arroubos poéticos. Ao desenhar uma igreja, já sentia-se caminhando dentro dela, ao som do órgão e extasiado pela magnificência da obra. Inspirando-se nas grandes catedrais alemãs, imaginava-as, muitas vezes, construídas aqui.

CONSELHO REGIONAL DE EL 10°. REGIÃO — S CARTEIRA PROFISSIO	
Carteira nº. 13-L.  Registro no C. R. E. A. nº. 627/59  Nome Simao Gramuch	Plorianopolis, 4. de Set embre 1959  Presidente co Conselho Regional  Assisatura do Profissional
Naturalidade Alemana A	Não é válido o retrato sem o carimbo do Conselho e a rúbrica do presidente Polegar direifo
ATRIBUIÇÕES NO VERSO	De actido com o art. 15 do decisio nº. 23.569 a presente carteira servirá de carteira de identificação e tem fé pública.

Carteira profissional de licenciado de Simão Gramlich

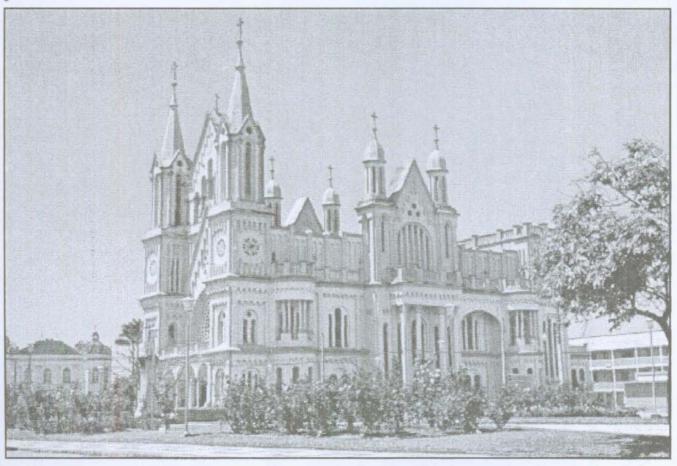
Polêmicos e caros, seus projetos foram rejeitados muitas vezes ou foram aceitos depois de muitos contratempos. Inspirava-se Gramlich nos já consagrados estilos românicos e góticos. A grandiosidade era a sua grande marca, desenvolvendo a idéia de que o templo (sagrado) deve ser o centro da vida de uma comunidade, em torno do qual tudo deve girar e, ao mesmo

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Dos descendentes de Gramlich, residem em Blumenau seus netos Jurival, Ivete e Ivânia da Veiga e os bisnetos: Adriana, Fabiane, Rodrigo da Veiga e Andréia Pedri.

tempo, provocando uma "sadia concorrência" entre as cidades, para construírem templos mais grandiosos e vistosos.

## Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento (Itajaí):

A idéia de se construir uma nova matriz em Itajaí já vinha desde o ano de 1920. Em 1938 o engenheiro Kaulich elabora um ante-projeto, que não agrada. Procurado, Simão Gramlich promete uma igreja com boa acústica e grande beleza arquitetônica. A planta custará 3:500\$000 réis. Entregam-na ao arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira para apreciação. Este, por sua vez, dado a exigências estilísticas, rejeita o projeto: quer uma igreja românica, no mais puro estilo. Para tanto, envia como modelo a igreja francesa de Sauvigny. Para Simão Gramlich foi uma decepção, pois acalentava o sonho de ser o projetista das igrejas da arquidiocese. Colocava-se a desenhar plantas, no intuito de agradar ao zeloso prelado.



Vista da Matriz do Santíssimo Sacramento - Itajaí -

A obra não começa por falta de uma planta que agrade ao arcebispo. Este insiste numa planta de linhas simples e o arquiteto cai, em todas as suas tentativas, num estilo rebuscado e caro. No final de 1939, Dom Joaquim encontrou uma planta a seu gosto. Obra do Sr. Buendgens, engenheiro da estrada de ferro e de rodagem. Uma igreja com lugar para mil pessoas sentadas e duas mil em pé. Torre única, elevando-se a 40 metros de altura. Teria a forma de cruz. Constituída uma comissão de construção, a mesma gostou – ou fez que gostou – da planta de Buendgens. Mas, quando o vigário passou-lhe o desprezado projeto de Gramlich, ficou fascinado. Apesar de custar o dobro, seria aquela a igreja para Itajaí. A comissão rejeita a planta aprovada. O vigário não sabe o que fazer. Também ele está encantado com o projeto de Gramlich, mas, intimamente, torce pelo projeto de Buendgens. A comissão vai ao arcebispo e convencem-no a aceitar o grandioso projeto de Gramlich.

A Cúria sugere modificações. Em fins de agosto de 1940 estão prontas as plantas, mas, para estranheza da mesma Cúria, nenhum sugestão de modificação fora acatada. O arquiteto fizera-se surdo a qualquer sugestão. Aliás, era surdo mesmo Simão Gramlich. E falava somente em alemão. Comunicar-se com ele, só em alemão e aos gritos.

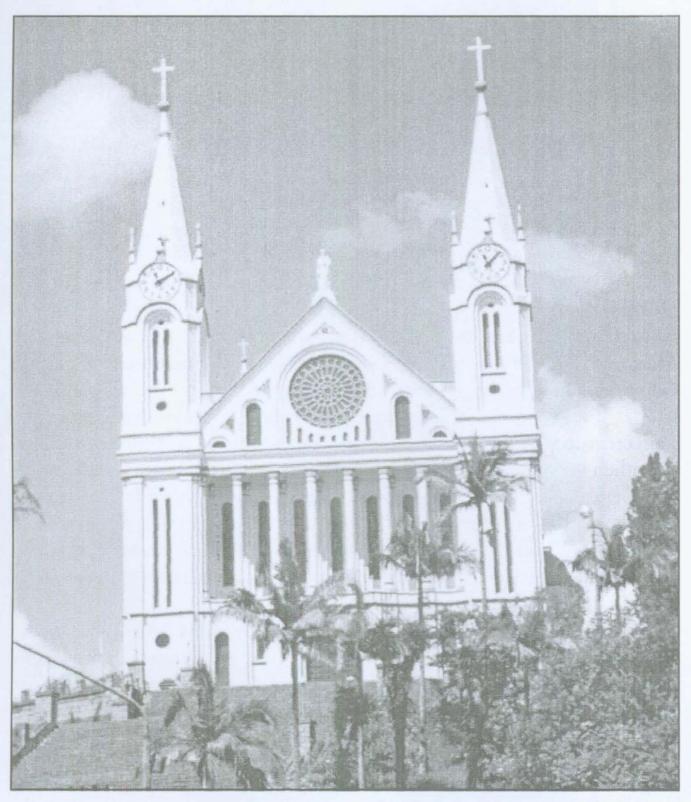
Finalmente, a 19 de fevereiro de 1941 são lançados os fundamentos e alicerces da nova matriz. Após um ano, mudam-se os pedreiros. Simão Gramlich protesta, mas cede ante a atitude decidida do vigário. No dia 15 de novembro de 1955 foi inaugurada. A matriz estava concluída. Um ingente trabalho, só possível devido à colaboração generosa dos fiéis. Quinze anos de trabalho, suor e despesas. Orçada em 600 contos, acabou custando 30.000 contos. Setecentos mil tijolos para sustentar o grandioso projeto de Gramlich.

Se nos perguntassem – qual o estilo da igreja? A resposta seria: é o estilo gramlichiano. A perspectiva é gótica e os arcos são romanos, numa mistura harmoniosa, perceptível em outras obras suas. São 60 metros de comprimento por 30 de largura e suas duas torres maiores sobem a 50 metros.<sup>2</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Livro de Tombo II (1941-1963) da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí. Besen, J. Artulino, A Matriz de Todos Nós, Gráfica Dehon, 1980

# Igreja Matriz São Pedro Apóstolo (Gaspar)

A matriz de São Pedro, inaugurada em 1885 e demolida em 1942 deveria ceder lugar à construção de uma nova.



Vista da Igreja Matriz São Pedro Apóstolo de Gaspar

O início do ano de 1944 foi marcado pelos estudos preliminares e elaboração do projeto arquitetônico que atendesse às expectativas da comunidade e que fosse financeiramente viável. Algumas igrejas, recém construídas, serviriam de referência nesses estudos. A igreja de São João do Merity (RJ), tem ainda hoje cópias de suas plantas guardadas em Gaspar.

Nesta fase, muitas controvérsias e desencontros de opiniões tiveram que ser superados. Simão Gramlich fez estudos e ofereceu subsídios técnicos. Apresentou um projeto arrojado, nos moldes da matriz de Itajaí. Foi muito discutido e rejeitado, conforme regista o Livro Tombo (II): "Começou o ano (1944) com mexericos a respeito da planta aprovada por Sua Excelência Reverendíssima, que descontentou-se das muitas colunas e exterioridades. Foi reprovada a dita planta pelo Reverendo Padre Provincial e sua resposta foi: reprovada. Após, assinou nova planta, pagaram-se mais 4 contos de réis e meio ano parado o serviço...". Os trabalhos de desenho da planta estenderam-se até 1945 quando então, mais de uma dezena de pranchas definiam detalhes de colunas, torres, presbitério, telhado e portas.



Vista do interior da Igreja Matriz São Pedro Apóstolo de Gaspar

No dia primeiro de agosto de 1944 foi colocada a pedra fundamental, depois de serem abertas as valas das fundações. Os tijolos em sua quase totalidade foram transportados gratuitamente pelas carroças dos colaboradores, adquiridos na região de Barração, onde o barro branco garantia a qualidade.

A madeira para a cobertura da matriz, canela preta, cedro e peroba foi toda extraída dos matos em regime de mutirão. Levavam dez, quinze ou até vinte juntas de bois para os matos a fim de puxar as toras que precisavam ser compridas. Algumas vigas de madeira têm doze metros de comprimento. Os matos de onde mais se extraiu madeira-delei gratuitamente em favor da igreja ficavam em Poço Grande, Arraial e Gasparinho. O maior doador de madeira em pé foi Nicolau Schmitt.

Tijolos e telhas eram jogados por uma verdadeira corrente humana, um a um, de estaleiro a estaleiro, até chegarem ao local de colocação. A 16 de maio de 1946 foi colocada a primeira cruz numa torre levantada. As torres construídas com tijolos maciços, receberam pedestal, globo e cruz de concreto. Estas três peças ocas foram prémoldadas no chão, depois fixadas no seu devido lugar e enchidas com cimento. Em janeiro de 1947 uma forte trovoada com ventania derrubou uma das torres.

O reboco e a caiação das partes mais altas, foram realizadas simultaneamente à construção, aproveitando os andaimes que eram retirados logo após a pintura. Pedreiros e ajudantes preparavam 3 a 4 tambores de cal virgem queimada, água e 5 kg de tinta para cada tambor. Em seguida, com brochas, aplicavam a "mistura" sobre a parte recém rebocada.

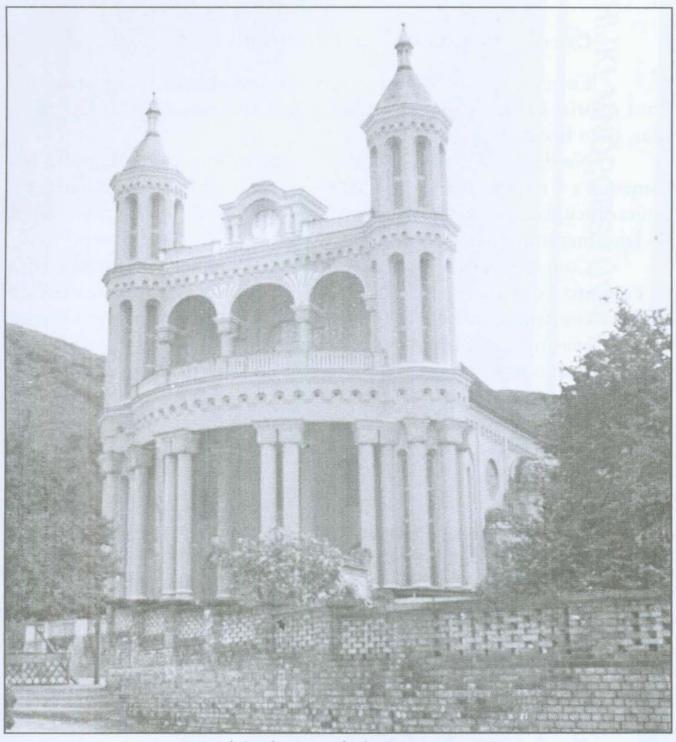
Em setembro de 1947 o Sr. Mansueto Testoni trouxe de São Paulo os caixilhos para os vitraux. Trouxe também a estátua de São Pedro cimentada no frontispício da igreja. Mede 3 metros e pesa 1.200 kg de cimento. Foi levantada em três partes.

No dia 3 de maio de 1956 o projeto de Simão Gramlich chegava ao seu término e a igreja era inaugurada.<sup>3</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Livro de Tombo II da Paróquia São Pedro Apóstolo de Gaspar.

# Santuário Nossa Senhora de Azambuja - Brusque

O Santuário atual é a terceira edificação. Projetado por Simão Gramlich, teve a pedra fundamental lançada no dia 8 de dezembro de 1939. Suas paredes foram erguidas em redor do Santuário anterior, bem menor. Por isso, o projeto de Gramlich parecia ser grandioso demais.



Santuário de Azambuja, Brusque - SC

Vencidas as discussões sobre o tipo de construção, tamanho e material, a obra prosseguiu e em 1943 já pôde entrar em uso, mas o acabamento veio aos poucos, e só em 1956, aos 26 de maio, Dom Joaquim Domingues de Oliveira oficiou a consagração do belo templo. É uma casa de oração acolhedora, contando com cinco altares de mármore e expressivos vitrais em todas as janelas.<sup>4</sup>

### Catedral São João Batista (Rio do Sul).

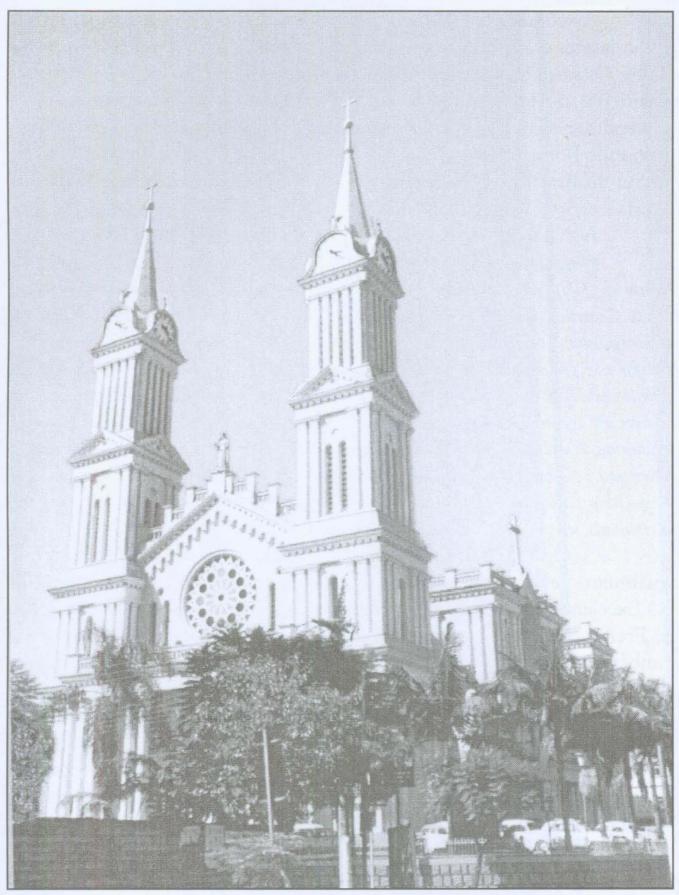
Entre os anos de 1938 à 1942 era forte a idéia de se construir uma nova matriz. O vigário encomendou o projeto junto a Simão Gramlich. Mas, tudo ficou no projeto.

No dia 15 de agosto de 1949 foi feito o lançamento da pedra fundamental a 4 metros de profundidade. Esta pedra depois foi retirada com muita dificuldade e colocada na frente da atual catedral em 1950. Mas, depois do lançamento tudo ficou parado.

Com a tomada de posse do Pe. Victor Vicenzi, com os Salesianos da Paróquia e do Colégio, acertaram o tamanho, a área da planta existente da nova construção. Mas, não o projeto. Foi elaborado um novo projeto com colunas internas, capelinhas e duas torres bem altas e artísticas. O vigário levou o novo esquema para o arquiteto Simão Gramlich, bastante surdo. A esposa dele gritava ao ouvido o que o vigário dizia. Por três vezes o vigário foi conversar com ele, explicando como queria o projeto que, por fim, foi realizado como se apresenta hoje. O projeto custou Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros). No dia 5 de julho de 1950 iniciaram-se as obras. Muitos diziam: para que uma igreja tão grande?

As pedras do fundamento eram cortadas no morro da Boa Vista. Quatro carroças puxavam as pedras: bonitas e bem cortadas. Os tijolos eram fabricados no local, numa baixada, atrás da atual catedral. Foram comprados dois cavalos bretões que puxavam os tijolos numa carroça reforçada. Nunca faltou tijolos para a obra, pois havia sempre uma boa reserva. As paredes subiam rapidamente, pois a campanha dos tijolos deu ótimo resultados. Até pessoas mais humildes vinham oferecer 2 ou 5 tijolos.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Niehues, Afonso, Santuário de Nossa Senhora de Azambuja, 1990.



Vista da Catedral São João Batista - Rio do Sul.

As colunas foram feitas de tijolos, mas o centro era de concreto. Os andaimes eram muito altos e as torres foram erguidas a 64 metros de altura. Os sinos foram encomendados junto à Fundição de Sinos Bellini de Esteio (RS), o relógio adquirido em Estrela (RS) na firma Fábrica de Relógios Shwendtner e o órgão de tubos a ar foi comprado na Fábrica de Tubos Edmundo Bohn de Novo Hamburgo (RS), sendo o maior dos três Estados do Sul do Brasil. A consagração foi no dia 27 de dezembro de 1957 por Dom Gregório Warmeling.<sup>5</sup>

Nota de Registro: A discussão sobre o projeto para Blumenau:

Quando pensou-se numa nova matriz para Blumenau, Frei Joaquim Orth, vigário de 1945 a 1951, apresentara ao público um suntuoso projeto elaborado por Simão Gramlich, conhecido por grande número de igrejas de sua autoria, espalhadas por vários recantos. Transferido, pouco depois, Frei Joaquim e assumindo o cargo o novo vigário, não foi esse projeto adotado para execução definitiva, principalmente por causa de seu elevado custo que, certamente, haveria de custar uns 20 ou 30 milhões de cruzeiros. Não se deveriam onerar demasiadamente os parcos recursos do católico blumenauense, recrutado, geralmente, dentre as camadas menos favorecidas da população, para se erguer um templo talvez mais suntuoso que artístico. Além disso, expôs Frei Brás Reuter em mensagem dirigida aos paroquianos, o projeto de Simão Gramlich teria levado muito tempo e ainda, apresentado sérias dificuldades técnicas.

Opta-se pelo projeto de Dominikus e Gottfried Boehm, que igualmente gera polêmicas. Frei Brás Reuter escreve no Livro Tombo (II): "O Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Joinville, Dom Pio de Freitas, aprovou a nova planta, contanto que a comissão a aprovasse também... Aos 17 de fevereiro de 1953 a planta é aprovada pela comissão em Camboriú" e "obedecendo o estilo da nova igreja matriz a linhas modernas, diferentes às das igrejas tradicionais, era óbvio que surgiam muitas críticas em torno da planta exposta" (p. 98v).

Encontra-se no Livro das Crônicas: "O conhecido arquiteto de igrejas na Alemanha, engenheiro Dominikus Boehm havia aceito a elaboração do projeto da matriz nova de Blumenau. Como não podia vir

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> PIAZZA, Walter F., A Igreja em Santa Catarina: Notas para sua História, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1967.

Livro de Tombo III. Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau. 1924-1968.

<sup>6</sup> Livro das Crônicas. Convento Franciscano Santo Antônio de Blumenau. 1953.

ao Brasil devido à idade avançada, mandou para cá seu filho engenheiro Gottfried Boehm, que é igualmente arquiteto e colaborador nos trabalhos do pai. Chegou aqui o Dr. Gottfried Boehm a 19 de janeiro.... A 7 de fevereiro pôde a planta ser apresentada na biblioteca aos confrades reunidos... A 11 de fevereiro, o Pe. Vigário Frei Brás Reuter viajou com o engenheiro Dr. Boehm a Joinville para apresentá-lo a Sua Excelência Reverendíssima Dom Pio de Freitas, bispo diocesano de Joinville, a cuja jurisdição pertence a Paróquia de Blumenau. Sua Excia prometeu aprovar a planta desde que a comissão de obras também estivesse de acordo" (p. 36).

E ainda: "Como a maioria dos membros da referida comissão estivesse na ocasião veraneando na Praia de Camboriú, a 17 de fevereiro realizou-se uma reunião extraordinária na praia, em que foi apresentada e discutida a planta, sendo a mesma aprovada... O Dr. Boehm aproveitou sua estadia aqui para iniciar os trabalhos da planta para a futura igreja matriz

de Brusque" (p. 36v).

À página 37, encontramos a explicação: "A planta é ousada. É uma construção em estilo moderno, criado pelo arquiteto alemão Dominikus Boehm. É algo de novo e diferente. É difícil a um leigo no assunto emitir uma opinião a respeito. Aqui no Brasil quase somente são conhecidas igrejas em estilos colonial e gótico. A impressão colhida entre o povo diverge muito. Muitos manifestam propensão para um estilo mais rico em adornos, como a matriz de Itajaí, que ainda está em construção e cuja planta é da autoria do projetista Simão Gramlich, aqui estabelecido... A pedido do Pe. Vigário tentou o Reverendo Padre Frei Capistrano Binder esclarecer a opinião popular por meio de artigos nos jornais locais, em que focalizou o estilo moderno e a obra do Dr. Boehm na Europa" (p. 37).

O vigário procurou justificar a atitude do arquiteto e a aprovação do Senhor Bispo e da comissão construtora lendo no Domingo da Pascoela de 1953 uma importante mensagem.

Frei Capistrano publicou no periódico católico "Luzeiro Mariano" de 24 de maio de 1953, o artigo "Arte Sacra Moderna", tentando controlar os ânimos exaltados.

Futebol pelo rádio em SC começou há 62 anos

TEXTO:

AURÉLIO SADA\*



# "Futebol pelo rádio em SC começou há 62 anos"

Pereira Júnior contou tudo de Brasil 4 x Caxias 0 ao microfone da emissora mais antiga do Estado<sup>1</sup>

Coube a Manoel Pereira da Silva Júnior, que muito fez pela radiofonia e futebol blumenauense durante muitos anos seja como locutor de voz privilegiada, ou como técnico da única equipe (Sociedade Desportiva Blumenauense) a sagrar-se campeã da cidade sem perder um ponto sequer, o privilégio de narrar o primeiro jogo de bola em Santa Catarina.

Um episódio histórico, a que nunca se deu a devida importância, talvez porque falsos "pioneiros" do setor, agindo sem escrúpulo algum, sempre assumiram a glória de uma façanha que nunca lhes pertenceu.

Lá se vão de 62 anos desse fato inesquecível, acontecido a 18 de junho de 1939, quando a PRC-4 Rádio Cultura (hoje Rádio Clube), o primeiro prefixo radiofônico do Estado e um dos mais antigos do País, que fora ao ar em março de 1935, alcançou sucesso extraordinário em sua transmissão esportiva de estréia.

Num pálido registro dessa verdadeira proeza para a época que vivíamos, quando já tomava corpo o temor geral pelo esperado início da Segunda Guerra Mundial, o jornal Cidade de Blumenau assinala:

"Foi ótima a recepção, tanto aqui na cidade como em outros municípios do Estado, e os inúmeros telegramas recebidos de Itajaí, Joinville, Tubarão, Florianópolis, São Francisco, Campo do Tenente (Paraná) e de outras localidades, representam motivos de satisfação para a nossa transmissora e para o "speaker" Pereira Júnior."

<sup>\*</sup> Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Jornal "A Cidade", Blumenau, 19/junho/1939.



Era sempre assim: microfone a mão, sorridente, Manuel Pereira da Silva Júnior vivia rodeado de amigos e curiosos, quando narrava qualquer jogo de futebol. Na transmissão de estréia, a primeira do rádio esportivo de Santa Catarina, a 18 de junho de 1939, ele trabalhou sozinho, ao ar livre, acomodado em uma cadeira.

#### Lembranças

Em junho de 39, com dez anos incompletos, estávamos lá, na praça desportiva do Brasil, assistindo a tudo. Em nossa memória, ainda bem nítidas, permanecem algumas cenas presenciadas naquela tarde ensolarada de domingo.

Lá iriam se enfrentar, completos e arrumadinhos, para decidir a Taça "Alfredo S. Greser", os times blumenauense do Brasil e joinvillense do Caxias.

Nos jogos anteriores em disputa do troféu instituído em homenagem ao ex-presidente da Associação Catharinense de Desportos, havia acontecido dois empates, em Joinville: 0x0 e 4x4.

Mais que o espetáculo em si, eram as atenções de um numeroso público – o maior dos últimos tempos em Blumenau – atraídas pelo que se passava no alto da pequena casa de madeira que, no lado do campo atingido em cheio pelo sol, servia de residência para o zelador do estádio, e tinha, ainda, pequena parte ocupada pelo vestiário dos jogadores alviverdes.

Na cobertura de zinco desses dois compartimentos, sentado, microfone

de pedestal bem ajeitado à sua frente, trajando terno branco, elegante que só ele para um acontecimento tão especial, o inesquecível Pereira Júnior contou e comentou os lances do amistoso Brasil 4 x Caxias 0, tornando-se o primeiro radialista a executar, em Santa Catarina, trabalho desse gênero, pelas ondas da terceira ou quarta emissora posta em funcionamento no país.

A partida até que ofereceu episódios interessantes. Parece que foi ontem.

O caxiense Onça, negrão forte, de quase dois metros de altura, dava bordoadas a valer no magricelo e arisco Mário.

Bruno Vahldiek, goleiro de porte físico avantajado, deixou a meta "brasileira" mais cedo, por contusão. Para surpresa de todos, sua posição foi ocupada pelo veterano André Sada, que, despedindo-se definitivamente do futebol, acabou pegando penalidade máxima chutada pelo dianteiro Cylo, pai do ponteiro-esquerdo Vieira (ou Vi), diversas vezes campeão pelo Grêmio Porto-Alegrense, nos idos de 55/56.

Dois gols de Augusto, um de Mário e outro de Xarope, garantiram a conquista da taça pelo Brasil, que teve: Bruno Vahldiek; José Pêra e Schramm; Ada Karsten, Bóia e Irineu; Mário, Janga, Augusto, Schurmann e Xarope. Atuaram outros dois goleiros: André e Rudolfo.

A equipe caxiense, goleada ao entrar na "onda" do rádio, usou Octávio; Lauro e Bodinho; Manteiga, Lange e Onça; Mayer, Juvenal (Suspiro), Cylo Parucker e Schmidlin.

Arbitragem excelente de Roberto Porta, ex-integrante do quadro da Federação do Rio de Janeiro.

#### Mania de inovar

Certo é que aquela transmissão esportiva alcançou ampla repercussão, tal a infinidade de mensagens congratulatórias enviadas à direção da PRC-4.

A esse auspicioso evento, apesar de alguns períodos de sérias dificuldades vividos pela Rádio Cultura, que chegou até mesmo a ficar fora do ar por semanas, viriam juntar-se, mais tarde, vários outros, realçando a criatividade e competência profissional do saudoso Pereira Júnior.

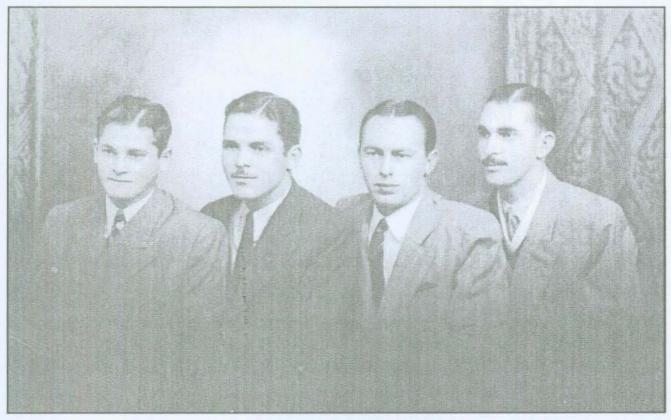
A ele, em tudo e por tudo, o mérito de haver reafirmado a liderança de Blumenau na ação de pioneirismo e busca de notáveis realizações em diversos setores da atividade humana.

Rádio e Pereira Júnior, unidos, os dois, por laços indissolúveis de recíproca identidade de propósitos, souberam, até mesmo em circunstâncias adversas, engrandecer ainda mais uma Blumenau que tinha a mania de inovar, fossem quais fossem os obstáculos.

Não foi por outra razão que João Medeiros Filho, homem de raro espírito empreendedor e incrível visão administrativa, deu tanto de si, por tanto tempo, para dar à cidade que amou como poucos, um dos mais antigos veículos de comunicação do rádio brasileiro.

#### Era bom

Na contemplação do rádio esportivo blumenauense da atualidade, tão empobrecido pela falta de motivação resultante do estado de miserabilidade a que chegou o futebol da cidade, não dá pra gente esquecer daquela época que tanta saudade deixou. Até mesmo para quem, antialvirrubro, sabia da paixão de Manoel Pereira da Silva Júnior pela Sociedade Desportiva Blumenauense, fosse ao microfone (toda sua, também, a criação do programa "A Marcha do Esporte"), ou no apito (ele adorava ser árbitro).



Da esquerda para a direita: Waldir Luz, radialista Manoel Pereira Júnior, Willy Pawlowski e Arécio Ávila dos Santos, jogadores da antiga Sociedade Desportiva Blumenauense, hoje Grêmio Esportivo Olímpico.

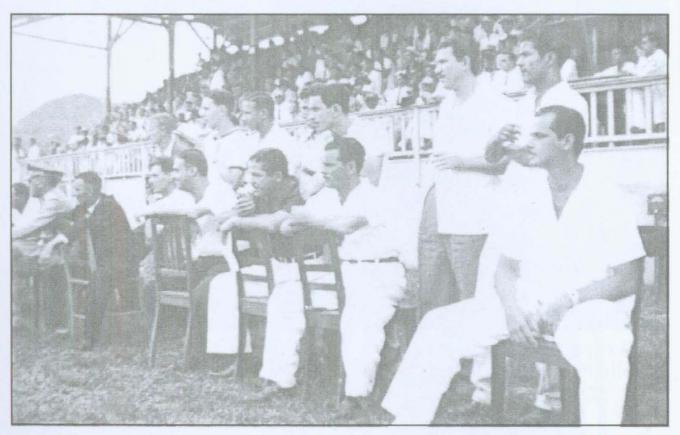
#### Vocação

Nascido em Florianópolis (quem garante é a viúva Sra. Ingeborg Mausi da Silva), lá Manoel Pereira da Silva Júnior cursou o ginásio no Colégio Catarinense, transferindo-se mais tarde para Curitiba, onde fez dois anos e meio de Medicina, na Faculdade do Paraná.

Como o clima da capital paranaense não fosse favorável à recuperação do seu estado de saúde, abalado ao passar um carnaval em Florianópolis, a família de Pereira Júnior decidiu residir em Blumenau, onde seu pai, o coronel Manoel Pereira da Silva, exerceu a função de Delegado de polícia por algum tempo.

Aqui o saudoso Maneca, dando asas à sua verdadeira vocação, bem cedo se dedicou de corpo e alma à profissão de radialista, exercendo, também, atividades diversas no cenário esportivo, tornando-se figura de projeção na vida da S. D. Blumenauense, mais tarde Grêmio Esportivo Olímpico, uma de suas maiores paixões.

Grave doença levou Manoel Pereira da Silva Júnior de nosso convívio a 22 de julho de 1981, quando tinha 66 anos, ele que há mais de seis décadas teve o mérito e orgulho de tornar-se o primeiro nome do rádio catarinense a transmitir um espetáculo de futebol, ao microfone da PRC-4.



Manoel Pereira da Silva Júnior - locutor esportivo da Rádio Clube de Blumenau, durante uma transmissão de jogo (sentado com camisa escura e calça branca).

# Fragmentos de nossa história local

- Pensionato
   Evangélico de
   Moças
- Estatuto da
   Escola de
   Parteiras de
   Blumenau

Ao lançarmos um olhar mais atento na formação das moças nas áreas de colonização alemã, constata-se que as imagens idealizadas na primeira metade do século XX, serviam como referência de distinção para a elite urbana.

Para exercerem seus papéis de futuras administradoras do lar, as moças de famílias mais abonadas freqüentavam escolas de formação feminina. Em Blumenau esta condição não era diferente. Para melhor entendimento dos leitores, publicamos algumas referências sobre as atividades do Pensionato Evangélico de Moças de Blumenau. Os referenciais do texto foram extraídos do Blumenau Volkskalender de 1933. Dando continuidade a este tema voltado a mulher, publicamos num segundo momento, o Estatuto da Escola de Parteiras de Blumenau, através do qual será possível ter um entendimento do funcionamento desta escola que estava iniciando esta atividade em Blumenau.

#### Pensionato Evangélico de Moças

Graças à amável colaboração do gentil lar paternal da família Hering, a Sociedade de senhoras pode inaugurar no dia 29 de janeiro de 1929 o Pensionato Evangélico de moças, agregando com isso um novo ramo do seu trabalho social. Esta entidade assume a responsabilidade de prestar um trabalho à juventude feminina, auxiliando-a em seu desenvolvimento e crescimento interior, levando-a à conscientização e afirmação das altas responsabilidades como esposa e mãe na família, observadas pela tradição popular, pela Igreja e pela Pátria. Assim, o tema central desse trabalho educativo é a formação individual. A ela servem toda a lida séria e toda a alegria jovial, tendo ambas domicílio no internato.





Prédio da Escola de Moças "Frauenschule" no Bairro Bom Retiro - 1933.

A raça e as tradições alemãs serão cultivadas para que a fidelidade à índole nacional se mantenha viva e forte nos corações como fonte de energia.

Excursões realizadas nos arredores próximos e mais distantes, pretendem abrir os olhos para a múltipla beleza deste país, a fim de despertar e cultivar o amor pátrio.

Uma ampla sala é oferecida para as aulas dos dois cursos da Escola de Senhoras e da Escola de Economia Doméstica, onde é introduzido o ensino tanto teórico quanto prático em todos os ramos da administração familiar.

As exposições do final de cada ano letivo apresentam a melhor prova para a variedade das aulas de trabalhos e destrezas manuais.

As disciplinas educativas gerais são comuns nos dois cursos, porém, o conteúdo da Escola de Senhoras é mais aprofundado e mais extenso.

Apenas às alunas-senhoras são ministradas as aulas de educação, psicologia e metodologia do jardim-de-infância, que são apoiadas por atividades práticas com os pequenos do jardim da Escola Nova e do Johannastift. Essas aulas são ministradas de tal forma, que habilitarão as alunas para a função de professora, ou seja, diretora de jardim-de-infância.

Contudo, a essa altura, a formação profissional não se encontra em primeiro plano nessas aulas; seu principal objetivo é ajudar à aluna no desenvolvimento primordial da sua feminilidade, da felicidade espiritual e do seu sentimento maternal.

A ginástica, os jogos e as horas de lazer dão o equilíbrio ao trabalho sério, aproximando professores e alunas e atando os laços de solidariedade. Laços esses tão estreitos que superam a separação física, fazendo com que antigas alunas retornem sempre a nós como visitantes, e através de gentil divulgação apóiam a nossa causa que sofre sob a crise generalizada.

Que a compreensão para a importância desta entidade social seja cada vez mais divulgada nos demais círculos, e possa fortalecer-se e prosperar para o bem da juventude feminina, como para o bem do país e se torne em breve um ramo auto-suficiente da sociedade de senhoras.<sup>1</sup>

Para o entendimento da importância destas escolas de moças na formação da juventude, o pensionato instalado em Blumenau divulgava em seus reclames na imprensa que as moças recebiam educação preparando-as para a profissão de dona de casa, mãe, e assim estarem aptas para gerenciarem as questões sociais da atualidade e o sentimento de responsabilidade perante a sociedade.

As aulas eram administradas por três professoras formadas na Alemanha e que também residem no próprio pensionato. O pensionato abrangia: I - Escola de mulheres; II - Escola Doméstica; III- Lar para meninas da Escola.



Alunas em frente à Escola Feminina - 1933

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Blumenauer Volkskalender 1933 p. 238.

## Fragmentos de nossa história local

O plano de aula era constituído da seguinte forma:

- a) Matérias específicas: História da Arte; Literatura; Psicologia; Pedagogia; Método do Jardim de Infância; História da Igreja; Estudo Social do Brasil; Conversação em Português; Ensino de Saúde; Estudo de Arte Doméstica; Ensino de Comportamento.
- b) Matérias Técnicas: Canto; ginástica e jogo; bordado, costura, cerzimento, agilidade manual, etc...
- c) Trabalho prático: Todos os trabalhos domésticos, cozinha, tratamento da roupa, arrumação em geral etc., jardinagem e atividade do jardim de infância.

As aulas de música eram ministradas, porém os valores destas não estavam incluídas na mensalidade.



Alunas da Escola durante uma aula prática na cozinha - 1933

#### Estatutos da Escola de Parteiras de Blumenau\*

# CAPÍTULO I Denominação, fins e sede

Art. 1º A Escola de Parteiras de Blumenau, fundada aos 20 de Março de 1930, de acordo com a Lei Orgânica do Ensino, com sede na cidade de Blumenau, Estado de Santa Catarina, é uma associação civil, com o fim de manter um curso de obstetrícia para as pessoas do sexo feminino, devidamente habilitadas.

Art. 2° A escola será regida por estes Estatutos e pela Lei Orgânica do Ensino.

# CAPÍTULO II Da Administração

Art. 3° A administração da Escola se comporá de:

1 Diretor

1 Subdiretor

1 Secretário-tesoureiro

1 Subsecretário

Art. 4° A diretoria, que será eleita por quatro anos, podendo ser reeleita, responderá, subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

Art. 5° As eleições serão procedidas a 1° de Janeiro do ano em que terminar o mandato social, sendo a posse a 20 de Março, impreterivelmente, sendo eletivos todos os cargos. Só terão direito de voto os membros do Conselho Escolar.

# CAPÍTULO III Atribuições da Diretoria

Art. 6° Compete ao Diretor:

§ 1° Cumprir e fazer cumprir os Estatutos que regem a Escola;

§ 2° Despachar os requerimentos de sua alçada;

§ 3° Assinar a correspondência oficial, os termos e despachos e as atas, rubricando os livros e todo e qualquer documento referente à despesa;

<sup>\*</sup> Jornal A Cidade. Blumenau Ano VI. no. 30. 12.04.1930

# Fragmentos de nossa história local

§ 4°. Organizar o orçamento anual, solicitando autorização à diretoria para quaisquer despesas extraordinárias e operações de crédito;

§ 5°. Fixar o dia para a eleição de qualquer membro da diretoria, no

caso de renuncia ou morte.

- § 6°. Apresentar, anualmente, a 20 de Março, um relatório que contenha o movimento administrativo e financeiro da Escola;
- § 7°. Assinar, com o Subdiretor, os diplomas das alunas que terminarem o curso;

§ 8°. Presidir as mesas examinadoras de que for membro;

§ 9°. Conceder licença até três meses, ou férias aos professores da Escola, assim como aos funcionários desta, de conformidade com o que for estabelecido no Regimento interno;

§ 10°. Fiscalizar a observância do Regimento Interno;

§ 11°. Representar, judicial e extra-judicialmente, a Escola;

Art. 7º Em todos os impedimentos do Diretor, substitui-lo-á o Subdiretor que preencherá todas as atribuições do substituído.

Art. 8º Na falta do Subdiretor, assumirá a direção da Escola o professor mais antigo, e, tendo todos igualdade de tempo, o mais velho em idade.

Art. 90 Cabe ao Secretário-Tesoureiro:

- § 1°. Redigir as atas das sessões da diretoria, procedendo à respectiva leitura;
- § 2º. Fazer expedir toda a correspondência da Escola, tendo a seu cargo o arquivo desta;
- § 3°. Depositar e retirar do banco, onde estiverem, os haveres da Escola, não podendo conservar em seu poder fundos que excedam a importância de cinco contos de reis (5:000\$000);
  - § 4°. Pagar as contas que tiverem a rubrica do Diretor;
  - § 5°. Prestar a diretoria todas as informações que lhe forem solicitadas;
- § 6°. Apresentar, semestralmente, um balancete especificado da receita e despesa da Escola.
- § 7°. Ter, na melhor ordem e estado, os livros decorrentes de suas funções;
- Art. 10° O Subsecretário substitui-lo-á, em todos os impedimentos, cumprindo os deveres do seu cargo.

# CAPÍTULO IV Do Regimento Interno e dos Estatutos

Art. 11º Logo que for aprovado o programa do ensino, o Diretor organizará o Regimento Interno da Escola, que estatuirá o regime disciplinar e os direitos e deveres dos professores.

Art. 12º Os Estatutos da Escola não serão reformáveis no tocante a administração, podendo ser, nas outras partes, revistos cinco anos após o reconhecimento da Escola pelo Governo do Estado.

# CAPÍTULO V

Condições de extinção e destino do patrimônio

Art. 13º A Escola só poderá ser extinta no caso de a isto anuir o Conselho Escolar, por maioria de votos. No caso de extinção, o patrimônio da Escola reverterá em benefício do Hospital Municipal de Blumenau.

# CAPÍTULO VI Do Conselho Escolar

Art. 14º O Conselho Escolar, que será vitalício, se comporá de quatro membros que serão os professores efetivos do curso. São considerados membros natos o Dr. Francisco Kübel e D. Minna Ernst, aquele na qualidade de presidente, com voto de desempate.

Art. 15° Cabe ao Conselho Escolar:

- § 1°. Eleger, quatrienalmente, a diretoria da Escola e dar-lhe posse;
- § 2°. Nomear os professores efetivos, provendo as vagas que se verificarem;
- § 3°. Fixar os vencimentos dos professores, a gratificação do secretáriotesoureiro e a de todos os funcionários da Escola;
- § 4°. Autorizar o Diretor a admitir alunas reconhecidamente pobres para matrícula;
- § 5°. Conceder licença acima de três meses aos professores que a requererem com fundamento em motivo de saúde;
  - § 6°. Auxiliar o Diretor na manutenção da disciplina escolar;
  - § 7°. Aprovar os programas de ensino, estudando-lhes a conformidade

com as exigências legais;

- § 80. Regular o horário do ensino docente;
- § 9°. Eleger comissões de verificações de contas;
- § 10°. Julgar os professores, exonerando-os no caso de falta provada de exação no cumprimento dos deveres;
  - § 11°.Resolver todas as questões omissas;
  - § 12°. Fixar a época dos exames;
- § 13°. Julgar a incompatibilidade argüida pela aluna com qualquer membro da banca examinadora.
- Art. 16° O Conselho Escolar só poderá funcionar, tendo presente a maioria dos seus membros.
- Art. 17°. para as comissões de verificação de contas poderão ser eleitas pessoas estranhas à Escola, de reconhecida probidade moral.

# **CAPÍTULO VII**

#### Do Curso, dos Exames e da Matrícula

- Art. 18° O curso de obstetrícia será feito num ano, começando os trabalhos escolares a 15 de Janeiro e terminando a 30 de Novembro, quando será fixada a época dos exames.
  - Art. 19° As alunas que tiveram quarenta faltas perderão o ano.
- Art. 20º Para admissão no curso de obstetrícia, no qual ninguém poderá tomar parte, sem ser matriculado, são exigidas as seguintes aprovações:
  - a) Língua Portuguesa;
  - b) Noções de aritmética;
- Art. 21º São necessários os seguintes documentos para a matrícula no curso:
- a) Requerimento assinado pela candidata, ou procurador, dirigido ao Diretor da Escola;
- b) Certidão de nascimento, sendo a idade da matrícula no mínimo de 18 anos;
  - c) Certificado de boa conduta;
  - d) Atestado médico de que não sofre de moléstia contagiosa;
  - e) Certidões das aprovações a que se refere o art. 21, §§ 1°. e 2°.;
  - f) Certidão do pagamento da taxa de inscrição.
  - Art. 22° Ficam dispensadas das exigências do art. § 1°. e 2°. as candidatas

que apresentarem diplomas de normalistas ou complementaristas do Estado, ou certificado de aprovação no terceiro ano do Ginásio Catarinense, ou outro Ginásio oficialmente reconhecido no Brasil.

Art. 23° A matrícula valerá para a aluna só no período letivo referente ao pagamento de sua inscrição.

Art. 24º Os exames compreenderão a matéria estudada, constando de provas escritas, prática e oral. As provas escritas e oral versarão sobre pontos tirados a sorte. A prova prática será feita nos hospitais de Blumenau, a arbítrio da comissão examinadora.

Art. 25° Verificada fraude na matrícula, a aluna perderá as vantagens da referida matrícula, sem embargo das penas que lhe infligir o Conselho Escolar.

Art. 26° O Conselho Escolar no dia seguinte ao do encerramento do ano letivo, reunir-se-á para a organização dos trabalhos referentes aos exames.

Art. 27° A comissão examinadora será composta dos professores da Escola, ou de médicos nomeados pelo Conselho Escolar.

Art. 28° Desde que o examinador tenha com a examinada ou com outro examinador parentesco em uma reta ou colateral até o sexto grau, será substituído por iniciativa do Conselho Escolar.

Art. 29º A banca examinadora será presidida pelo Diretor da Escola.

Art. 30° A aluna que for surpreendida, nos exames consultando livros ou apontamentos, ou a que deixar a prova em branco, será considerada reprovada.

Art. 31º Após todas as provas, a comissão examinadora se reunirá, secretamente, para proceder ao julgamento feito nas seguintes bases:

- a) a aluna que só conseguir dois pontos será reprovada;
- b) a que obtiver 3 a 5 será aprovada com simplesmente;
- c) a que obtiver 6 a 9 será aprovada com plenamente;
- d) a que conseguir 10 será aprovada com distinção.

Art. 32º O resultado do julgamento será assinado por todos os membros da comissão julgadora e lançado, em ata, no livro competente.

Art. 33° Será conferido um diploma às alunas aprovadas, com a assinatura do Diretor e Subdiretor.

Art.34° O curso de obstetrícia se comporá das seguintes cadeiras:

- 1) Anatomia da bacia da mulher e noções de embriologia.
- 2) Noções de fisiologia e patologia.
- 3) Noções de microbiologia.
- 4) Clínica obstétrica.

## Fragmentos de nossa história local

Art. 35° Ao finalizar o primeiro semestre escolar, as alunas farão por exame de aproveitamento, provas escrita, oral e prática, na forma estabelecida no art. 25°.

Art. 36° Os professores do curso se obrigam a ministrar às alunas toda a matéria das respectivas cadeiras, levando-as semanalmente, aos hospitais de Blumenau, para aulas práticas.

# DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 37º A direção da Escola pleiteará, perante a Assembléia Legislativa do Estado, logo que for aprovado o programa de ensino, o reconhecimento oficial da Escola.

Art. 38° O mandato da diretoria que organizou a sociedade civil e assina estes Estatutos, terminará a 26 de Março de 1934.

Blumenau, 20 de Março de 1930. Dr. Méd. Francisco Kübel, Diretor Minna Ernst, Subdiretor Carlos Techentin, Secretário-Tesoureiro Joh. D. Heuer, Subsecretário

#### Entrevistas

História de Vida Harold Letzow (H.L.)

ENTREVISTADORA:

BRIGITTE
FOUQUET
ROSEMBROCK
(B.F.R.)\*



Esta entrevista faz parte do Projeto "Resgate da Memória Oral do Vale do Itajaí", realizada durante os festejos comemorativos dos 150 anos de Blumenau.

As transcrições originais encontram-se no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

B.F.R.: O seu nome completo, Sr.Letzow?

H.L.: Meu nome é Harold: Harold Heinrich Letzow.
Nasci no ano de 1924, em Taió. Sou filho de Heinrich
Letzow e minha mãe Ana. O meu avô Letzow, era
um pioneiro aqui de Blumenau, chegou em 1863.
Ele era pedreiro e algumas construções antigas
localizadas na rua das Palmeiras como o antigo Hotel Holetz e os primeiros pilares da ponte sobre o
Ribeirão Garcia foram construídos por ele.

B: O Hotel Holet??

H: Sim, do Hotel Holetz. A ponte foi colocada em cima dos pilares de pedras. Ele construiu com a ajuda dos filhos, alias, ele tinha muitos filhos, parece-me que eram quinze e todos seguiram a profissão do pai, menos dois. O meu pai não gostou daquele trabalho de pedreiro e aprendeu outra profissão. Naquele tempo não havia fábrica de calçados, então aprendeu a fazer sapatos, e tudo era feito sob medida!

Meu pai conheceu minha mãe em Pomerode, casaram e lá se estabeleceram. Meu avô materno Wilhem Blank, fez parte da imigração de Pomerode e passou a residir em Testo Central. A casa de tijolo à vista, construída por ele, ainda hoje existe e está localizada um pouco antes de chegar à Pomerode nas imediações de uma reta no caminho que leva à cidade.

<sup>\*</sup> Colaboradora da Comissão de Cultura - Blumenau 150 anos.



Residência de Wilhem Blank, edificada no final do século XIX - Pomerode

O irmão mais velho da minha mãe fez parte da colonização de Taió. Certa ocasião, ao visitar meus pais em Pomerode, comentaram que Taió era a terra prometida e que os mesmos deveriam largar tudo e lá começar uma nova vida! Convenceu meu pai a vender sua propriedade e mudar-se para Taió. E assim o fizeram. As dificuldades foram muitas!

Minha mãe contou que quando eu tinha apenas uns 6 meses de idade, meu pai ao sair de canoa, para trocar milho por fubá em Rio do Sul, foi surpreendido por uma forte chuva e grande correnteza do rio impedindo-o de permanecer na mesma. E, como entre Taió e Rio do Sul, há uma distância de mais ou menos 50 quilômetros, não havia possibilidade de retornar, pois não havia estrada. Em decorrência desta situação, meu pai refugiou-se durante 11 dias, sem qualquer comunicação em um barraco na margem do rio. Minha mãe desesperada, imaginou que a canoa tivesse virado e questionava onde estaria o corpo dele?

As saudades trouxeram a família de volta a Pomerode. A partir daí iniciou-se uma nova etapa. Tenho duas irmãs ainda vivas, um irmão mais velho já falecido e um irmão gêmeo, mas, infelizmente quando tínhamos 10 anos ele veio a

falecer, acidentado por um caminhão que ao passar por ele o prensou contra uma carroça. Isto foi em 1934, daí para frente cresci sozinho junto com meus pais.

Na época todas as escolas particulares, eram mantidas pelos pais. Lá se falava alemão, porque nenhuma criança sabia falar português. A mudança na educação em que se passou a ensinar em português aconteceu quando o presidente Getúlio Vargas, declarou o Estado Novo em 1937, a partir dali começou um regime diferente. Eles não queriam que se chamasse isso de ditadura, eles chamavam, de Estado Novo.

No meu tempo de escola tive um acidente de percurso, porque os primeiros dois anos era tudo em alemão, de repente de um dia para o outro, foi proibido pronunciar uma só palavra em alemão. Veio a ordem que dizia: "A partir de

amanhã, só se fala em português".

Cedo comecei a trabalhar. Aos 12 anos ganhei o meu primeiro dinheiro fazendo charuto. Meu cunhado que é da família Rauh, tinha um sítio e uma olaria. Como esse cunhado tinha varizes na perna e não podia acompanhar o resto da família na olaria, aprendeu a fazer charutos numa pequena fábrica que os produzia para exportação. Cada charuto tinha a sua embalagem, papel celofane com selo e vinha dentro de uma caixa de madeira. Eu aprendi a fazer com ele. Faz-se o seguinte: planta-se o tabaco, quando a folha começa a amarelar ele é separado pela espessura da folha, então as folhas são selecionadas em 3 categorias: tem a transparente sedosa que é usada para cobertura, tem a outra folha mais firme que é o invólucro, e o recheio é feito com as outras folhas, as folhas pequenas. Portanto, as folhas não são picadas. Existe uma cigarrilha à venda que é feita de folhas picadas, como o cigarro, mas o charuto fino, elegante, não é picado. Ele é rasgado em tiras e posto no sol pra secar. Quando ele já está frio, você pega uma dessas folhas mais grossas e enrola o miolo. Mas tem que ser tudo com muito cuidado porque um lado não pode ser mais grosso do que o outro, não se pode dobrar uma tira do miolo porque dificulta a entrada do ar. Então depois de bem arrumado, a gente coloca em uma forma onde cabem mais ou menos uns vinte ou trinta charutos. Depois disso ele é levemente prensado para dar a forma do charuto, que pode ser reto liso ou de forma irregular.

Mas, como dizia, deixei de estudar! Os donos desta fábrica me convidaram a trabalhar com eles e fui aprovado! Eu estava fazendo 600 charutos por dia, eles me pediram para fazer menos porque vendiam pelo dobro do preço dos outros charutos, por causa da qualidade. Passei a fazer 400 charutos, porém

continuei a ganhar o mesmo.

Depois disso, fui trabalhar numa padaria. A primeira padaria de Pomerode, foi fundada pelo Kellerman, porém ele foi embora, então fui trabalhar com o Albrecht Guenther e me tornei confeiteiro! Ah! esta é uma história interessante! Tive até ajuda de um livro da Alemanha, que pertencia a uma multinacional. B.F.R.: A Oetker?

H.L.: É a Oetker! A minha tia Paulina, mãe de Heinz Schwanke, aqui das lojas Schwanke, disse-me: "Como você é caprichoso e demonstra interesse, vou te emprestar o meu livro". Foi assim que me tornei um confeiteiro famoso em Pomerode pelo meu rocambole! Eu tinha apenas 17 anos. Ninguém acertava o tal rocambole, além de quebrar tinha um recheio muito enjoativo. Mudei tudo isso, consegui fazer uma massa para ele não quebrar ao enrolar. Eu estava ainda na padaria, quando estourou a guerra, e não havendo mais trigo a maioria das padarias fecharam, a nossa também.

Outra situação que vivi foi a experiência de trabalhar artesanalmente com chifres de boi. Havia o tio Probst, vindo de São Leopoldo, casado com uma tia minha. Este tio abriu em Pomerode uma pequena fábrica de pentes, colherinhas e outros objetos de chifre de boi. Naquele tempo não existia plástico e quase tudo era feito com folha de flandres ou produzido com chifre de boi. Como eu estava sem trabalho devido à falta de trigo para continuar com a padaria, comecei a fazer algum artesanato de chifre. Fiz vasos com um pé que se apoiava na mesa, fiz pegador de salada, pá para bolo. Eu tinha vergonha de ir vender estas peças em Pomerode de casa em casa, oferecia para a venda na vizinhança. A família Günther, a família Bubeck, os Scheidemantel, os Karsten compravam sempre. Era um artesanato muito bonito. Estes vasos pareciam ter diversas cores, começavam a ficar claros na parte grossa e suavemente iam escurecendo na ponta do chifre. Esta fase aconteceu no tempo, da Segunda Guerra. O tio Probst nesta época vendeu a fábrica e retornou a São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Neste tempo o tio Schultz que era funcionário de confiança da Cia. Schrader, resolveu comprar a fábrica e ampliá-la em Blumenau. A fábrica foi montada em uma casa de madeira, perto do Hospital Santa Catarina, logo depois da casa da família Riedel. O meu pai era o único técnico que sabia transformar um chifre de boi em uma placa! Para fazer este trabalho era preciso cortar o chifre, aquecê-lo para ficar mole e depois cortá-lo conforme é curvado, é preciso mantê-lo quente para abrir sem rachar. Isso se faz com pesos ou coloca-se em

uma prensa e devagarinho vai se prensando. Quando ele estiver frio, transforma-se numa placa. Em cima dessa placa, a gente risca os modelos que quer cortar com uma serra tico-tico ou uma serra-fita. Da parte mais fina do chifre, pode-se tirar uma colher ou uma calçadeira. Depois da parte boa se tira o pente. Eu era o único que tinha aprendido com o tio Probst este trabalho de fabricação. O meu pai fazia com exclusividade estas chapas de chifre. Então nós viemos juntos com a fábrica para Blumenau!

Assim eu parei em Blumenau no tempo da guerra e trabalhei junto com o tio Schultz naquela fábrica. Inicialmente tudo ia muito bem, tudo era novo. Lembro-me que naquele tempo houve uma passeata contra Hitler. Alguém encheu um caixão de defunto que representava o Hitler e o jogaram no rio. Depois disso, veio uma demorada seca que provocou um racionamento de energia e o pessoal dizia que isso era praga do Hitler, porque o tinham jogado na água e o leito do rio ia secar. Pedras que nunca tinham sido vistas, apareceram.

Naquela época da crise de energia elétrica muitos empregadores pagavam a seus trabalhadores somente as horas trabalhadas, o meu também. Vi-me obrigado a procurar outro ganha-pão. Fui feliz em conseguir trabalho na casa Koffke, localizada perto do "Clube Náutico América", ao lado da Praça Hercílio Luz.

Na casa Koffke tive um rápido crescimento profissional que chamou a atenção do meu tio Onkel Hermann Schwanke de Pomerode; Onkel Hermann era diretor da Indústria e Comércio Hermann Weege S.A.

Um dia, Onkel Hermann comentou meu caso com um dos diretores da Weege, Sr. Victor Weege, e este indagou: "Por que este moço não está trabalhando em nossa empresa?" Foi aí que Onkel Hermann contou o que havia passado. Antes de aceitar o emprego em Blumenau, eu procurei o Sr. Weege para pedir um trabalho na empresa e este, com gestos antipáticos, respondeu que não havia vaga para mim. Para desfazer este mal-estar, o Sr. Victor Weege me mandou uma carta escrita de próprio punho, me convidando para voltar a Pomerode e trabalhar na Weege S.A. em condições irrecusáveis. Assim, em 1946 voltei a Pomerode.

Pouco tempo depois foram reabertos os Clubes de Caça e Tiro. Antes da guerra meus pais foram ecônomos da Sociedade Recreativa, que hoje é o Clube Pomerode.

Eu voltei e comecei a trabalhar. Foi tudo muito bem, foi uma nova etapa da

minha vida. Com a guerra, os clubes de Caça e Tiro tinham sido fechados, nós tivemos que morar em outro lugar, fomos praticamente expulsos da sede do Caça e Tiro. Este ato foi comandado pelo escrivão da polícia de Pomerode, acompanhado por um soldado e um sargento da polícia militar.

Isso também ajudou muito para meus pais se mudarem para Blumenau. Não sei mais depois de quanto tempo foram liberados pelo governo os Clubes de Caça e Tiro. Então os sócios assíduos que tinham diminuído bastante, resolveram abrir novamente essa sociedade. Procuraram os descendentes dos sócios já falecidos, ou dos que se mudaram. Assim eu fui chamado pelo expresidente Ricardo Jung para participar da reunião de reabertura.

Quando entrei no salão, fui aplaudido, estavam em reunião. Quando cheguei mais perto, mandaram-me sentar, e o Sr. Jung, fazendo uso da palavra, disse: "Olhe, jovem, nós reabrimos a sociedade, fizemos isso, para retomar as nossas atividades tradicionais. Na sua ausência decidimos que você, como jovem e conhece bem a sociedade, junto com seus pais, seria o melhor homem para reerguer a Sociedade." Então alguém gritou lá de trás: "Está eleito, vamos aclamar." Assim eu fui feito presidente daquela sociedade. Isso aconteceu em 1949, eu tinha 25 anos! Depois disso, eu não parei mais.



Desfilando na Semana Germânica da Pousada do Rio Quente - Goiás

Pomerode só tinha uma farmácia e todo mundo tinha que correr para os hospitais de Blumenau. Havia a necessidade de criar um hospital. Convoquei a comunidade luterana para tomarmos a frente dos trabalhos para consolidar as bases para instalar o Hospital Rio do Testo, que ainda hoje funciona. O regimento interno e o estatuto, isso tudo eu escrevi a mão, e rege ainda hoje o hospital.

Fui funcionário da Indústria e Comércio Weege, onde hoje existe a Netsch. Tinha mais uma empresa em Pomerode, de beneficiamento de madeira, descascador de arroz e fecularia. Os sócios dessa empresa, os acionistas, eram amigos da família Weege aqui em Blumenau. Essa empresa ia muito mal e eu considerado um bom funcionário, de confiança da firma Weege, fui indicado para gerenciar esta empresa. O gerente daquela empresa foi destituído e eu colocado no seu lugar. Era um jovem! Aceitei sem ao menos me inteirar da situação da empresa.

Bom, então eu fui lá e quando acordei estava gerenciando uma massa falida! Mas eu não desanimei, fui em frente, consegui levantar a empresa, queria progredir com ela, injetar mais dinheiro, o que na época não era mais possível porque a maioria das ações estavam com os Weege e os mesmos não queriam investir mais dinheiro. Eles me autorizaram a vender as ações. Achei alguém que comprasse a parte da fecularia e do descascador de arroz. Da parte da madeireira, então fundei a empresa Cidema. Consegui convencer o Victor Weege para deixar um pouco de dinheiro naquela firma. Lá trabalhamos só com madeira, uma fábrica de móveis e uma marcenaria. Administrei alguns anos. Tinha que investir cada vez mais dinheiro, porque a inflação era muito grande. Novamente encontrei oposição e investi mais para termos capital de giro.

Na época se proibiu a importação de certas máquinas no Brasil, por exemplo, das máquinas de costura só era permitido importar os cabeçotes. A indústria tinha que montar no Brasil. As mesas e os pés tinham que ser fabricados aqui. Existia a fábrica Elgin, eles me procuraram para trabalhar exclusivamente para eles, fabricando essas mesas. Eu fiz os modelos, passei nos cinco departamentos de teste da fábrica Elgin, tudo...100% aprovado. Tínhamos que fazer um contrato para fornecer. Isso representava para a Cidema um pulo para frente: trabalhava com vinte funcionários e teria que contratar mais

ou menos 60 a 80 funcionários.

Era preciso adequar o capital de giro para isso. O sócio Victor disse:

"Você está colocando todo o nosso capital em risco, como é que você pode fazer um contrato e transformar a marcenaria em fábrica? E se essa gente não te paga?"

Mas eu já tinha a ficha cadastral da empresa e de seus acionistas emitidos pelo City Bank, considerados aprovados. Eu respondi:

"Olha, se todo mundo pensasse assim, ninguém poderia acertar grandes pedidos. Vocês não exportam banha? E para cobrar? Esse risco a gente corre." Mas o cotista colocou muitos empecilhos, de forma que eu me desinteressei e aceitei o convite feito pela família Zadrozny.

Voltei para Blumenau em 60 e passei a trabalhar na Loja Zadrozny. Quando esta família adquiriu a Universal Veículos, também lá trabalhei. Acho que trabalhei uns 20-22 anos com a família Zadrozny.

Dali me aposentei, depois disso aceitei o convite do recém prefeito Dalto dos Reis, para administrar a Proeb. Assumi interinamente a administração em 15 de setembro de 83, e já em 3 de outubro do mesmo ano fui empossado como diretor administrativo. O primeiro grande evento da Proeb foi o Festival de Verão realizado em janeiro de 84. Foi uma mistura de feira com festa.

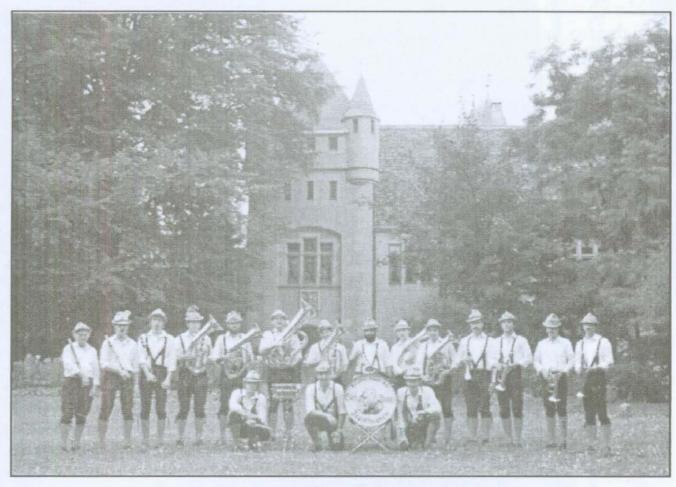
Todo dia, nós tínhamos lá uma festinha de noite e durante o dia era feira. Algumas indústrias só tinham exposições. Em agosto de 84, repetiu-se a grande enchente de 83. Foi um caos, foi um trabalho intenso, mas mesmo assim, em outubro, fizemos a primeira Oktoberfest. E hoje o Brasil inteiro conhece!

B.R.F.: E as nossas músicas alemas, as nossas bandinhas?

H.L.: Em decadência. Mas quando eu tenho um espaço, me dedico a isso, mas é muito difícil salvar, porque essas nossas bandinhas misturam tudo! Hoje a maioria do público prefere outro tipo de música, outro gênero do que a nossa música alemã. Ela hoje não tem mais tanta aceitação. Nestes últimos 16 anos fui surpreendido, fiz a semana germânica na Pousada do Rio Quente, lá em Goiás, onde raras vezes aparece um turista alemão. Lá estão turistas de todas as descendências do Brasil. Vão lá, 800, 1000 pessoas por noite. Pelo menos no meu tempo de semana germânica. Esse pessoal se divertia muito mais com nossa pura música alemã. Tocava-se exclusivamente nossas músicas antigas

"Ich hab meine Hertz, in Heidelberg verloren, und trink trink Brüdelein trink ...", tudo isso o pessoal apreciava mais do que os daqui. Às vezes penso, se eu começasse isso aqui em Blumenau, talvez fosse até vaiado.

B.R.F.: Lembro numa ocasião, o Helmut Högel ... nós perguntamos para ele por que tocava muita música que não era música alemã. Pedimos para ele tocar mais música alemã. Nós o fizemos pessoalmente e ele disse que estávamos atrasados na música alemã em 100 anos. Isso ele me disse! Mas tem uma coisa, eu acho que a tradição nunca está atrasada. Tudo que é tradição, está sempre na moda.



Banda Kapelle Götz Buam - Alemanha

H.L.: A tradição não morre!

B.F.R.: Não morre! É ele disse que tocava a música que ele queria. Fazia um espaço de música alemã, mas a maioria era música... de seus próprios arranjos que não era música de Oktoberfest! H.L.: Não. Isso infelizmente não é. É uma luta muito grande minha, eu perdi a guerra, aliás, as batalhas até agora. Eu ainda sonho que vou ganhar a guerra!

Mas vai ser muito difícil porque eu tive muitas satisfações e muitas alegrias na Proeb e na Oktoberfest. Só me entristece é a parte musical que desandou completamente. Ela desandou com as importações das bandas alemãs que eram roqueiros americanizados, tiveram a ousadia de cantar em inglês, aqui na Oktoberfest!

Na última festa, juntaram-se 6 ou 7 rapazes da Vince Capelle. Mas eles se juntaram e vieram para cá a convite de alguém.

Outra coisa é o volume do som. Sempre briguei e mesmo que me chamem de antiquado, não vou dar o braço a torcer.

Mas eu acho que é tarde. O pavilhão que antes tinha pelo menos 7 mil pessoas lá dentro, agora a pista de dança não tem mais do que 300.

Eu acho que não se deve agradar exclusivamente essas 300 pessoas, que às vezes nem sabem dançar, não sabem conversar, não sabem o que é diversão. Esses se contentam com barulho e afastam a nossa gente.

Fazem barulho, porque em música não estão ligados, basta que haja instrumentos fazendo barulho! Onde está o pensamento dos responsáveis em agradar 200, 300 pessoas que estão lá na pista de dança e o resto não pode nem sequer conversar?

E os que estão sentados, os que estão lá em cima no camarote? Tudo por conta do barulho. O barulho infernal que se permite tocar lá dentro. Os técnicos de som, ficam lá a noite toda regulando o som, sem conseguir um bom resultado porque falta competência profissional e ouvido de sensibilidade musical com facilidade.

Então, isso numa festa não dá para controlar. Eu tenho uma receita quando alguém pergunta como mudar isso. Em primeiro lugar, quando nós fazemos propaganda, hoje há modernos sistemas de marketing, nós temos o público alvo. Esse público alvo, a gente procura contatar. Então não se deve fazer propaganda no lugar errado, para não trazer... público que não é o nosso alvo.

B.F.R.: Pessoas erradas.

H.L.: É, pessoas erradas. Estas pessoas que vêm para a nossa festa e não encontram o seu ambiente, a sua liberdade, da próxima vez eles não vêm.

Então eu disse que o único remédio que nós temos, é a música. Com a música nós acertamos a nossa festa. Isto ninguém quis ouvir, parece que os responsáveis da vez não tem coragem de mudar esta situação. Música virou barulho. Temos que melhorar porque a mercadoria que nós vendemos lá fora, nós temos que

oferecer. O povo do Vale, o bom turista reprova isso, ele quer vir aqui para uma festa de tradição. A cultura, as tradições alemãs, isso a maioria dos turistas procura. E mesmo se nós tivéssemos algumas pessoas a menos ... a qualidade e a renda seriam maiores.

Certa vez no pavilhão, tinha gente do Rio e uma banda estava tocando samba. Escutei eles comentarem: "Que tal contratar bandas alemãs para tocar no carnaval do Rio?" Isto é um disparate! Porque aqui é a festa das bandas típicas e no Rio é a festa do carnaval. É uma pena que a Oktoberfest desandou desse jeito por causa das músicas. E se as bandas locais fossem bem aproveitadas, não se precisaria importar bandas.

Eu falei isso para muita gente, ainda no tempo do Sr. Nunes. Naquele tempo havia muitas atividades para ensaios no Centro Cultural 25 de Julho. Na época eu queria fazer lá a sede. Queria justamente apoiar as nossas bandas de boa qualidade, com vontade de vencer. Não tive um pingo de apoio!

Na época conheci um diretor da escola alemã de Montevidéu, ele era diretor do colégio alemão e professor de música e de canto. Quando veio para cá em um encontro internacional de coralistas no Centro Cultural 25 de Julho, ele me contou que estava recebendo um ordenado da Alemanha. O projeto era um intercâmbio cultural, que o Uruguai e Alemanha fizeram. Nós também poderíamos fazer. Eu vi a possibilidade de trazer um professor de música para Blumenau e a sede dos ensaios seria no Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau.

Nós iríamos então formar professores que teriam a missão de ensinar cidadãos blumenauenses, principalmente os de origem alemã, que gostam de cantar em língua alemã e entendem alemão. Essa música eles escutariam em um disco, uma fita e tempo depois, eles cantariam e tocariam. Isso demonstra uma habilidade com música e vontade de vencer.

Esse pessoal precisa de ajuda! Poderíamos começar a aproveitar e ensinar a eles direito. Primeiro eles aprenderiam as notas musicais. Nós temos tantos pistonistas, e à noite poderiam ter aula de pistão, aula de outro tipo de instrumento, de clarinete, etc. E assim iriam começando e depois formariam os conjuntos e para cada conjunto se formaria um maestro. Este projeto apresentei ao Sr. Nunes e ele me disse para esquecer diante das enormes dificuldades à vista, que isso só traria incomodação. Mas eu não entreguei os pontos e agora já é quase tarde, mas ainda existe condição. Porque naquele tempo ainda havia gente suficiente que sabia falar alemão. Isto faz anos, tem mais ou menos 15 anos e nesse meio tempo muita gente deixou de falar alemão.

Mas ainda há os que gostam de música alemã.

Se isso acontecesse nós não precisaríamos mais importar bandas de fora, ao contrário, nós abasteceríamos o Brasil, a América Latina, com bandas alemãs formadas em Blumenau.

Na última Oktoberfest eu não tinha olhado bem as bandas e como muita gente me procurar, queria saber a minha opinião, tinha que conhecer. Fui lá e descobri que aquela banda que diziam tratar-se de música da Vince Capelle, era informação errada; foi um simples arranjo de última hora. Isto não quer dizer que só a música alemã é boa. A música brasileira também é fantástica. Mas se você pega uma banda e diz que quer ouvir Aquarela do Brasil, a maioria não sabe tocar!



Banda Estrela do Vale - 1998

Isso tudo está fora de moda, eles inventam qualquer coisa e tocam. Muita gente sabia que iria haver música alemã e foi conferir no pavilhão, para dançar ou simplesmente para ouvir.

O pessoal foi chegando e sentando nos bancos. Depois de dez ou quinze minutos, foram levantando, levantando e foram embora. Por quê? Eu conheci a Oktoberfest e vivi esses 15 anos de Oktoberfest porque nunca

parei nos camarotes. Passava nos camarotes para cumprimentar ligeiramente, porque senão o pessoal reclamava, nunca levei mais do que meia hora para fazer as visitas nos camarotes e cumprimentar o pessoal. O resto do tempo eu andava lá dentro para fazer a minha pesquisa, sentir a alegria e onde havia aborrecimento. Para tudo isso olhei e procurei achar uma solução. Outro dia, fiz o mesmo, fui ver aquela banda que deu uma polêmica.

E, realmente se confirmou. Era muito mais exagerado do que outros tinham contado. Os 3 elementos que estavam na frente do palco, tomaram conta do negócio. A bateria do roqueiro cheio de microfones, com um som de quebrar telhas, tão terrível que era o som. O guitarrista, o contra-baixo às vezes levantavam mais ainda. Havia mais um guitarrista, cantor que corria no palco para lá e para cá, pulava e gritava. Tinha que gritar para superar o estridente som da bateria de roqueiro e do contra-baixo. Esses três faziam o barulho e os outros músicos que eram de sopro, ficaram no fundo com o seu instrumento na mão. Nem tocaram, porque o que um instrumento de sopro pode fazer com um barulho infernal daqueles? Ele vai fazer o quê? "Descansar".

Onde os músicos se apresentam com a sua melodia, a bateria e o contra-baixo não passam de meros acompanhantes que ficam nos fundos fazendo a cadência, o ritmo. A melodia e o canto? Isso não existe mais.

B.F.R.: Seu Letzow, qual é o seu envolvimento com o Clube 25 de Julho?

H.L.: Ainda há pouco na entrevista, falei dos clubes de Caça e Tiro que durante a guerra foram fechados e depois aos poucos foram renascendo. Aqui em Blumenau houve uma mudança muito grande. O Tabajara¹ mudou muito desde o antigo Tabajara para o novo clube, e alguns clubes nem reabriram. O Clube 25 de Julho nasceu assim:

Houve um grupo de pessoas amigas desde antes da guerra que se ressentiam de um ambiente mais aconchegante, que não fosse um clube de esportes, pois a maioria dos clubes de Caça e Tiro que reabriram também mudaram!

Eles tornaram-se clubes esportivos e não mais clubes culturais. Embora muitos deles tenham o nome parecido de antes da guerra, também, tinham o seu coral, praticavam e mantinham tradições culturais. Esses homens se reuniram e acharam que tinham que fundar um clube cultural.

Como havia em Porto Alegre o Centro Cultural 25 de Julho, fundaram também um aqui, e se não me engano, foram 20 pessoas, isso foi no dia 1º de maio de 1954.

Nesta época eu ainda morava em Pomerode, estava na presidência da Sociedade que hoje se chama Clube Pomerode. Entrei de sócio através do gerente do banco Induscomio, onde hoje é o Banestado. Naquela época era cliente do banco. Um dia vi a ficha de inscrição do 25 de Julho sobre a mesa do gerente e ele explicou:

"Olha, aconteceu isso, e nós estamos procurando todas as pessoas que tiverem interesse. Eu sei, que o senhor faz parte desse povo, nós gostaríamos muito que o senhor engrossasse nossas fileiras." Eu disse que já fazia parte do Clube Pomerode e que não poderia ir a Blumenau participar. Então ele disse que se eu entrasse como sócio e pagasse aquela pequena contribuição, eles já estariam mais do que felizes. Então eu me tornei o sócio n.º32.

Em 60, eu vim para Blumenau e ainda não tinha visto o Clube 25 de Julho. Comecei a trabalhar na loja Zadrozny. No tempo que eu estava em Pomerode, os meus pais que moravam aqui sempre pagavam a minha mensalidade. Um dia aconteceu uma festa de encontro de cantores e na época o Harry Dickmann me convidou para ir ao 25 de Julho num domingo de manhã, porque havia o encontro e precisava da gente para ajudar.

Aceitei o serviço para duas horas e acabei ficando lá o dia inteiro, até a festa terminar. Daí para a frente entrei de corpo e alma nas atividades do 25 de Julho. Pouco tempo depois, fui eleito relações públicas, depois presidente, e mais uma vez presidente, depois fui vice e voltei para presidência. Isso foi até eu assumir o cargo na Proeb, pois não dava para manter os dois. Nesta ocasião entreguei a presidência. Enquanto morava em Pomerode, cuidei do clube lá, todo dia! Havia um grupo de teatro, onde participei, fiz teatro. Consegui ter em Pomerode uma banda de 32 figuras, cujos instrumentos importei com ajuda de uma importadora de São Paulo. Recebi um apoio muito grande da Porcelana Schmidt e Weege.

O maior valor da fatura, eles pagaram.

Deixei a banda uniformizada. Ela fez a sua primeira estréia em público no pátio da Igreja São Paulo Apóstolo. Eu mandei-a de graça com ônibus, para se apresentar aqui na festa. Tinha o grupo de teatro e também a única orquestra de bandolim da América Latina, que era composta por jovens de doze a dezoito anos. Hoje parece que a única que ainda existe é o Lira de São Paulo. Com minha mudança para Blumenau, isso tudo desandou e não existe mais nada! Nem o grupo de teatro, nem banda, nem instrumento e nem bandolim. Substituí essa minha atividade com o meu trabalho no Centro Cultural 25 de Julho.

B.R.F.: Aliás, a sua atividade no 25 de Julho ainda continua.

H.L.: Na segunda-feira próxima passada, à noite entreguei meu cargo de vice-presidente. Agora, ao deixar a diretoria, continuo com a parte social. Mantenho meu escritório, a firma chama-se Hletzow Ações Culturais. Estou tentando captar alguma coisa para ganhar um pouco de dinheiro. Mas por enquanto não tenho verba para investir.

Eu também tive momentos emocionantes na minha vida, teve algumas vezes que até chorei. Quando começamos a trabalhar na Pousada do Rio Quente, fizemos mais do que simplesmente a recepção na porta. A música era a nossa antiga Cavalinho Branco. O Rigobert cantava e havia outros que cantavam e dançavam junto comigo quando tinha música para dançar. Era um salão pequeno, com lona e às vezes eu dançava com as recepcionistas que queriam aprender a dançar música alemã e saber o significado das canções que me ouviam cantar. Uma dessas moças, três meses depois, me convidou para o casamento dela. Ela conheceu o filho de um empresário alemão em Minas Gerais e casou-se com ele! Lá o público na maior parte era constituído por senhoras e eu era muito requisitado. Dancei com uma senhora viúva de 80 anos que fora levada por amigas para a Pousada do Rio Quente. Lá, ao ouvir a música cantada em alemão, pediu à sua acompanhante para dançar comigo. Dancei e ela ficou tão emocionada, tão feliz! E eu logicamente fiquei satisfeito. Disse-me que fazia 30 anos que não dançava! Fez amizade com todos do grupo. No dia seguinte, na

despedida, todo mundo chorou! Ela, a acompanhante, o grupo de dança todo, inclusive eu, choramos! Isso foi o máximo. Todos dançavam, todos brincavam com todo mundo. Como era música só alemã e o que menos havia era alemão, eu estranhei que ninguém vinha pedir um tango, ou uma outra música. Quando às vezes brasileiros vinham me pedir uma música e nem sabiam o nome, eles a cantarolavam e era: Trink, Brüderlein trink..., Lili Marlen ... outros queriam Edelweiss... assim por diante...

B.R.F.: Sr. Harold, agradeço este seu depoimento, que sem dúvidas irá servir de material de pesquisa aos interessados.



Grupo de dança Boehmerwald de São Bento do Sul

## História & Historiografia

Um projeto de nação: O Discurso de Afonso Balsini.

TEXTO:

VIEGAS FERNANDES DA COSTA\*

As décadas de 1930 e 1940 no Brasil estiveram marcadas pela radicalização de um discurso que procurava promover a construção de um "padrão racial". A construção de um corpo próprio do brasileiro se fazia necessária para que o país pudesse ingressar, definitivamente, nos rumos da modernidade ocidental, e para tanto, diversas foram as estratégias adotadas no campo da saúde pública e social. Tal discurso, no entanto, não é característica exclusiva dos anos de 1930 e 40. Segundo Lilia Moritz Schwarcz<sup>1</sup>, já no século XIX os "homens de ciência" brasileiros mostravam-se preocupados com a "questão racial". Impregnados do discurso darwinista social, acreditavam que cada "raça" estaria pronta, acabada, e que as características biológicas não poderiam ser transmitidas para outra "raça". Portanto, toda mestiçagem equivaleria à degeneração. Esta forma de encarar a mestiçagem explicava o atraso brasileiro e oferecia também uma solução para o desenvolvimento nacional: a eugenia.

Transformada em movimento científico e social vigoroso a partir dos anos de 1880, a eugenia cumpria metas diversas. Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de "nascimentos desejáveis e controlados"; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e — talvez o mais importante — desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade.<sup>2</sup>

A eugenia, cujo discurso inseria-se na lógica científica e, portanto, caracterizando-se como uma construção de verdade autorizada, apresentava-se como a redentora do povo do Brasil, dando origem às "práticas sociais que viriam a se constituir em políticas públicas cujo objetivo



<sup>\*</sup> Licenciado Pleno em História. Professor de História nas redes públicas estadual e municipal de Blumenau.

expresso seria melhorar a raça". No entanto, o enfoque do discurso, que originalmente recaiu sobre os aspectos nocivos da miscigenação, reconhecerá, no início do século XX, o meio social e geográfico como um importante elemento para a degeneração do povo e da sociedade. Isto é, ocorre o surgimento daquilo que Michel Foucault chamou de medicina social.<sup>4</sup>

Michel Foucault mostra que a medicina social surgiu nos séculos XVIII e XIX na França, juntamente com o avanço urbano, e objetivava atacar o meio físico, esquadrinhar o espaço, no sentido de prevenir as epidemias. É a partir do saber promovido pela medicina social que se organizam os cemitérios com sepulturas individualizadas e se modifica o espaço urbano para purificar as correntes de água e ar. "A medicina urbana não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas uma medicina das coisas: ar, água, decomposições, fermentos; uma medicina das condições de vida e dos meios de existência"5. A medicina social vai agir sobre o corpo do pobre no sentido de reduzir os "perigos" que este representa para a sociedade a partir do momento em que este se organiza e luta para exercer o poder político, e em que a "promiscuidade dos seus corpos amontoados" pode gerar epidemias. Seu tratamento é então massificado por uma medicina que atuará sobre o seu espaço, urbanizando-o, e sobre o seu corpo, através das campanhas de vacinação. Não há, no entanto, a preocupação com o pobre, mas com as consequências sociais de sua pobreza. É nesta lógica da medicina social que se insere o "movimento sanitarista" da República Velha, cuja ênfase recaiu sobre o saneamento urbano do Rio de Janeiro e das cidades portuárias, e no combate às epidemias, tais como as de febre amarela, varíola e peste. A partir de 1920, com a organização do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e a consecutiva interiorização dos serviços de saúde pública, estabeleceu-se o princípio de que a única forma de "salvar" o Brasil era evitar que o corpo do brasileiro adoecesse, ou seja, "se o Brasil estava doente era porque o corpo do brasileiro estava doente"6 O eixo de argumentação eugênica acaba por se inverter: não é mais o Brasil uma nação fadada ao insucesso em função da sua miscigenação, mas passa a ser uma nação cuja população pode ser regenerada, desde que se desenvolvesse um projeto de profilaxia quanto às epidemias.

Com a implementação do regime populista de Getúlio Vargas na década de 1930, a radicalização do uso da medicina social acompanha a lógica de uma sociedade militarizada que passa a vigorar, não só no Brasil, mas em vários espaços da sociedade ocidental. Tal lógica não pretende apenas a "redenção" do corpo, mas também a "formação" do corpo do brasileiro. E para isto o regime de Vargas

promove a junção da medicina social com a medicina estatal, sendo que a "medicina de Estado (...) não tem (...) por objeto a formação de uma força de trabalho adaptada às necessidades das indústrias;" sua preocupação recai sobre "o corpo dos indivíduos enquanto constituem globalmente o Estado" 8. Fazia-se então necessário a criação de instituições e estratégias que atuassem sobre a sociedade no sentido de moldá-la às novas necessidades da indústria que se constituía, mas também instituições e estratégias que normatizassem e moldassem o "corpo desejado", atuando individualmente na construção de um "corpo normal" 9, tais como a prática da Educação Física nas escolas públicas, os concursos de miss e robustez infantil, os discursos da frenologia entre outras. É então, a partir do governo de Getúlio Vargas, que se pode perceber mais nitidamente a intervenção do Estado na formação de um corpo saudável para a nação e para a sociedade 10.

Com a implementação do Estado Novo (1937), centraliza-se ainda mais o plano de saúde pública. São criadas as delegacias nacionais de saúde e as conferências nacionais de saúde. Segundo Hochman e Fonseca, "a saúde pública deveria atuar privilegiando as doenças infectocontagiosas, e a principal orientação era debelar surtos epidêmicos e estabelecer métodos de controle e prevenção"<sup>11</sup>. O serviço de combate à malária que se desenvolveu em Blumenau na década de 1940, e do qual Afonso Balsini foi chefe, faz parte deste contexto, o mesmo se podendo afirmar para os serviços de água e esgoto, de educação sanitária, entre outros. Já no plano da medicina estatal o governo estadonovista desenvolveu o "Programa estatal de proteção à maternidade, à infância e à adolescência no Brasil", tendo como seu executor o Departamento Nacional da Criança (DNCr).

Segundo André Ricardo Pereira<sup>12</sup>, o programa assistencialista do DNCr reproduzia o mito da "pureza infantil"<sup>13</sup>, e criava atores para a redenção da infância no Brasil. A forma encontrada pelo DNCr para aplicar sua política assistencialista residia no voluntariado de determinados agentes da sociedade (professores, médicos, prefeitos, juízes, pessoas da classe média alta - com destaque para as mulheres), na construção de postos de puericultura e "casas da criança" e na orientação técnica e financiamento de campanhas voltadas para o corpo da criança. Para Pereira,

os médicos do Estado Novo achavam que poderiam salvar a infância do Brasil com alguma dose de boa vontade de certos atores sociais, que deveriam se envolver ativamente em seu programa.<sup>14</sup>

André Ricardo Pereira nos fala da função redentora de cada agente social, mas aqui nos interessará apresentar apenas a do médico, dado que Afonso

Balsini, cujo discurso nos propusemos a discutir, era médico puericultor (o equivalente à atual pediatria).

Na visão do DNCr, o médico deveria ter como características o altruísmo e a capacidade de iniciativa. Era a ele que cabia a função de estimular a construção dos postos de puericultura e o trabalho de profilaxia, este sendo feito através da orientação da mãe da criança sobre as maneiras possíveis de evitar que as doenças afligissem seus filhos (incentivando a amamentação e o uso de terapias naturais), e sugerindo ao poder público medidas de saneamento. O DNCr voltavase, portanto, para o atendimento materno-infantil, buscando a formação daquilo que o Estado chamou de "filho das nação". Incentivavam-se os partos nas residências das gestantes, a criação de lactários e as "missões da infância", que distribuíam alimentos às crianças pobres. O discurso do DNCr estava voltado para a família nuclear, procurando valorizá-la, e incentivando a existência de um pai trabalhador e uma mãe dona-de-casa, objetivando assim o desenvolvimento de crianças ajustadas, ou seja, conscientes da sua posição social, tanto econômica quanto sexualmente. Perceberemos que Afonso Balsini reforçava este discurso assistencialista, e era o seu propugnador nas páginas da revista "O Vale do Itajaí: lavoura, indústria, comércio", que começou a ser publicada em Blumenau a partir do mês de fevereiro de 1945.

A revista "O Vale do Itajaí" serviu como um importante veículo de nacionalização do espaço cultural da região blumenauense. No seu primeiro número (de 28 de fevereiro de 1945), em seu Editorial, já ficava claro o interesse dos seus editores em distribuí-la por todo território nacional através de assinaturas. Em diversos números posteriores da revista era comum a publicação de cartas dos leitores residentes fora do Vale do Itajaí, e a inserção de fotos, artigos e notícias dos mais diversos municípios brasileiros, com especial destaque para as cidades catarinenses que apresentavam sinais de desenvolvimento urbano e se inseriam no discurso ufanista através da construção de grandes fábricas, pontes e outras obras públicas de grande porte. Além do mais, a revista sempre apresentava frases patrióticas de inspiração positivista, retratos de "abnegados homens públicos" e discursos proferidos em solenidades oficiais.

É neste suporte material que se ancoram os artigos de Afonso Balsini, publicados na coluna "A Educação da Criança". Analisaremos aqui os artigos publicados nos anos de 1945 e 1946, alertando para o fato de que os mesmos prosseguem nos anos seguintes. Antes, porém, gostaríamos de completar o contexto em que se insere o pensamento puericultor de Afonso Balsini apresentando

uma breve biografia sua. 15

Afonso Balsini nasceu na cidade de Blumenau no ano de 1913, e em 1941 formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde, conforme Lilia Moritz Schwarcz<sup>16</sup>, Alexandre Tepedino apresentou tese introduzindo a eugenia no Brasil em 1914. Ainda segundo Schwarcz<sup>17</sup>, no Rio de Janeiro o ensino da medicina esteve voltado, durante toda a década de 1920, à higiene pública, e o médico era concebido como um agente político cuja inserção na sociedade visava prevenir e combater as doenças que, na mentalidade daquela época, eram as responsáveis pelo atraso do país. É provável que o modelo de ensino que Balsini encontrou na faculdade estava muito próximo deste, porque vejamos: Afonso Balsini atuou no campo da saúde pública como fomentador de espaços de cura (foi um dos fundadores e diretor do Hospital Santo Antônio, do Hospital Infantil e da APAE de Blumenau - instituição voltada para o atendimento das pessoas classificadas como portadoras de deficiência mental), como fomentador de espaços de ensino da cura e da profilaxia (fundador da Escola de Enfermagem, articulista da já citada revista "O Vale do Itajaí" e co-proprietário do jornal "Cidade de Blumenau", onde eram comuns as notícias sobre saúde pública), como chefe do serviço de combate à malária e como vereador por três vezes eleito (1947, 1962 e 1966). Percebe-se então o alcance de sua intervenção na construção de um discurso local sobre a saúde pública; discurso este vinculado às exigências do governo federal.

Analisado a coluna "A Educação da Criança", escrita por Balsini, percebese a forte influência do discurso do DNCr. Procurando reforçar suas opiniões através da citação de médicos, estatísticas e observações, Afonso Balsini respaldavase na verdade da ciência para convencer seus leitores. Ele próprio, como médico puericultor, constituía-se como o portador local da fala autorizada, a pessoa mais indicada para orientar as mães e pais sobre como manter a saúde de seus filhos. Porém, os artigos não se limitavam apenas a orientação médica, mas lançavam também diagnósticos sobre a sociedade e procuravam legitimar o discurso moral que valorizava a família patriarcal. Como exemplo podemos citar a edição de 30 de março de 1946, onde o autor tratou da importância da amamentação materna para a saúde das crianças. Segundo suas observações, o número de mães que amamentavam exclusivamente no seio seus filhos até o 5° ou 6° mês havia diminuído. Como razão para esta diminuição, o médico apontou a crescente industrialização de Blumenau, que obrigava as mulheres a trabalhar como operárias, afastando-as de casa e impedindo-as de amamentar seus filhos. Como

consequência as mulheres são obrigadas a colocar seus filhos em creches que, na maioria das vezes, alimentavam a criança com comidas mistas, o que poderia promover danos à sua saúde. Como solução paliativa Afonso Balsini sugeria a construção de creches "sob enfermagem competente e orientação médica e dietética especializada" (30, mar., 1946). O DNCr, como vimos, sugeria a construção de casas da criança e postos de puericultura, além de defender a permanência da mulher como donade-casa.

Todo discurso de Afonso Balsini na coluna aqui analisada vinha ao encontro do que se exigia em nível de nação. Suas falas inseriam-se no discurso de fomento à construção de uma identidade nacional, mas ao mesmo tempo reforçava a identidade local, assumindo inclusive uma postura incoerente. Para exemplificar esta questão, citamos aqui a legenda de uma foto apresentada na primeira edição das revista (28, fev., 1945): "a gracilidade infantil de Regina Maria Stotz Navaro Lins ressalta na robustez característica da criança blumenanense". Com esta frase o autor tentou dizer que Blumenau se caracterizava pela robustez de suas crianças, e que isto se constituía como um diferencial relativamente importante, ao ponto de ser mencionado. Mas no mesmo artigo o autor se contradiz ao afirmar que "das primeiras 200 criancinhas de 0 a 1 ano por mim atendidas no consultório, 186 eram doentinhas que recebiam alimentação artificial e apenas 14 mamavam no seio materno"; e mais, na edição de 31 de maio de 1945 Afonso Balsini narrou um caso que atendeu em seu consultório que contrasta radicalmente com a imagem de uma cidade cuja característica é a robustez de suas crianças.

Nos primeiros dias de maio corrente vimos uma criança cujo estado geral era simplesmente desolado. Estava no último grau de fraqueza orgânica, em verdadeira caquexia, dando a impressão de um "saco cheio de ossos", com fisionomia característica, rugas numerosas na fronte e em redor da boca, ossos fazendo saliência sob a pele tensa e delgada, o conjunto dando o aspecto de um "pequeno velho". Tinha 3 meses justos e pesava a insignificância de 1400 gramas! Via-se logo que era um saco de atrofia em decomposição, o estado mais grave a que pode levar o erro alimentar e a falta de conhecimento dos princípios rudimentares da dietética infantil. (...) (A mãe) instada a dizer por que não procurara antes os recursos médicos, afirmou singelamente que lhe haviam dito que os médicos só atendiam as criancinhas depois dos 3 meses de idade e que antes seria inútil procurá-los (...).<sup>18</sup>

O texto prossegue falando do tratamento que se deu à criança, mas que foi inútil, já que a mesma faleceu oito dias depois. É importante perceber nestes

dois exemplos o número e a gravidade de crianças doentes em Blumenau, e o precipitado julgamento que fez Afonso Balsini, reforçando uma identidade local, sobre a robustez das crianças do município. Como é possível uma afirmação desta quando apenas 14 entre 200 crianças que este médico atendeu enquadravamse no seu padrão de saúde? Interessante perceber também que na quase totalidade dos seus artigos, Balsini reforçava a profilaxia e o tratamento natural. No caso da criança que faleceu de desnutrição, o médico alertou para a ignorância da mãe e conclamou a população, no contexto da medicina estatal, para uma "cruzada" contra a ignorâcia "em favor da redenção da criança brasileira. Combatendo-a com todos os recursos possíveis, enfrentaremos a influência nefasta dos maus conselhos das 'entendidas' dos preconceitos errôneos (...)". Além disso, e como já afirmamos anteriormente, contrapõe o moderno (ciência) ao antigo (ignorância), valorizando o discurso moderno como o "discurso autorizado". É o que se pôde perceber na citação acima, e que Afonso Balsini deixou de uma forma ainda mais explícita na edição de agosto de 1946: " ... e se tudo isso é reconhecido pelos que estudam com carinho a evolução e a saúde das criancinhas, porque nos deixaremos levar pela opinião das pessoas que nasceram no tempo em que não bavia rádio, nem avião, nem automóvel?" E aqui mais uma contradição; se antes o puericultor acusava a modernidade, na figura da indústria, de ser a responsável pela má alimentação das crianças em função da ausência forçada da mãe, já que esta estava trabalhando, agora a utilizava como exemplo para contrapor o discurso do saber em que ele se inseria (o da medicina), do saber em que se inseriam as pessoas mais antigas.

A coluna "A Educação da Criança" não servia apenas como um espaço para dar orientações, mas também como um espaço de normatização do corpo desejado. Além das fotos de crianças da sociedade catarinense que apresentava em grande abundância, e que serviam como modelos para as mães que liam a revista, Afonso Balsini não se furtava de comentar qual seria o "corpo perfeito" da criança. É o caso do artigo, cujo trecho transcrevemos abaixo, extraído da edição de setembro de 1945, e que trata das "crianças gordas demais".

A nossa experiência em regimes alimentares e nossos conhecimentos de patologia infantil, fazem com que usemos de rude e chocante franqueza com todas as mães que, sorridentes, mas iludidas, solicitam nossa opinião sobre seu filhinho gordo e rochonchudo, com peso excessivamente alto e com gordura espalhando-se em lindos anéis:

Seu filhinho não é saudável. Acho-o muito feio e muito mal alimentado.

(...) Desde o nascimento se esforçam (as mães) para engordá-lo a todo custo, como se fosse um pequenino animal de engorda, a fim de que a criança seja mais admirada e para que bata os recordes de todas as tabelas de peso, dando folgada "luz" às criancinhas de suas amigas. Elas tornam-se o encanto da família, a admiração dos quarteirões e causam inveja às outras mães. (...) Somos os primeiros a lamentar esta situação pois bem sabemos que a superalimentação só observa-se nos lugares onde a puericultura está atrasada e onde as mães desconhecem os princípios mais rudimentares da dietética infantil. (...) Nossos filhos devem ser fortes e não gordos. Forte é a criança que apresenta peso médio, acompanhando aproximadamente o peso médio das tabelas, carnes duras e firmes, coloração rosada da pele, distribuição regular da gordura por todo corpo, bom apetite, sono tranqüilo, bom humor e resistência às doenças. (...)

Através do trecho que transcrevemos acima é possível perceber que Afonso Balsini não se limitava apenas a diagnosticar doenças, mas criava e/ou reproduzia discursos normatizantes sobre o corpo. Ao afirmar que a criança gorda é feia, apresentava também características daquilo que seria uma criança bonita ou robusta, sempre dentro de uma lógica que procurava a militarização do corpo. É o caso da edição de agosto de 1946, onde Balsini escreveu que "o enrijecimento e o vigor físico da criança será tanto mais fácil de conseguir quanto mais cedo se começar a submetê-la ao endurecimento gradual à temperatura e ao meio ambiente".

Importante dizer ainda, e já concluindo, que outro ponto de aproximação entre o discurso de Afonso Balsini e a concepção de criança adotada pelo DNCr está na forma diminutiva em que ele se dirige a elas (criancinha, filhinho, pequenino), demonstrando tratá-las como entidades puras que deveriam ser protegidas pela puericultura através das orientações aos pais e mães. E ainda, que Balsini não se limitava apenas ao discurso da medicina estatal, mas também ao da medicina social, relacionando-os sempre que possível. É o caso, por exemplo, da edição de 25 de dezembro de 1945, onde tratou dos males provocados pelo verão, e sugeriu uma série de medidas que diziam respeito às questões espaciais, visando prevenir doenças próprias nesta estação.

Portanto, é possível afirmar que o discurso veinculado por Afonso Balsini nas páginas da revista "O Vale do Itajaí" enquadra-se no discurso de "construção dos filhos da nação", promovendo a profilaxia, sugerindo tratamentos naturais e legitimando um padrão de corpo militarizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALSINI, Afonso. Coluna "A Educação da Criança". O Vale do Itajaí: lavoura, indústria, comércio. Blumenau, edições de 28 de fevereiro de 1945 a 21 de dezembro de 1946.
- BRITES, Olga. Imagens das infância: São Paulo e Rio de Janeiro, 1930/1950. Projeto História, nº 19, São Paulo, nov., 1999, p. 251-264.
- COSTA, Viegas Fernandes da. Concurso de Robustez Infantil: um olhar sobre a política eugenista em Blumenau. Blumenau em Cadernos, tomo XL, nº 5, Blumenau, maio, 1999, p. 47-54.

\_\_\_\_\_. Compreendendo os Corpos Diferentes: para uma história da deficiência em Blumenau. In. VII Encontro Estadual de História, Florianópolis: ANPUH/SC, 1998 (mimeo).

- FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicina Social. In. FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 12 ed. Trad. por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p. 79-98.
- \_\_\_\_. A Ordem do Discurso. 3 ed. Trad. Por Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- GONÇALVES, José. Dr. Afonso Balsini. Blumenau em Cadernos, tomo XXIV, nº 1, Blumenau, jan., 1983, p. 13-14.
- HOCHMAN, Gilberto & FONSECA, Cristina M. O. O que há de novo? Políticas de Saúde Pública. In. PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 73-93.
- JORNAL de Santa Catarina, Blumenau, 23-24, jan., 1983, p. 9.
- MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. ANOS 90, nº 11, Porto Alegre, jul., 1999, p. 121-143.
- PEREIRA, André Ricardo. A Criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração. Revista Brasileira de História, v. 19, nº 38, São Paulo, 1999, p. 165-198.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Ensaios de Antropologia Brasiliana. 2 ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1978.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

#### **NOTAS DE FIM**

<sup>1</sup> O Espetáculo das Raças, 1993.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. In. ANOS 90, jul., 1999, p. 122.

## História & Historiografia

- <sup>4</sup> Cf. o texto "O Nascimento da Medicina Social", In MICROFÍSICA DO PODER, 1996, p. 79-98.
- <sup>5</sup> Ibidem, p. 92.
- <sup>6</sup> A argumentação sobre o movimento sanitarista da República Velha se dá, principalmente, a partir da leitura de Gilberto Hochman e Cristina Fonseca, "O que há de novo? Políticas de Saúde Pública: 1937-1945, publicado no livro organizado por Dulce Pandolfi, "Repensando o Estado Novo", 1999, cuja consulta sugerimos.
- <sup>7</sup> Cf. COSTA, Viegas Fernandes da. Concurso de Robustez Infantil: um olhar sobre a política eugenista em Blumenau. In. Blumenau em Cadernos, maio, 1999, p. 47-54.
- 8 FOUCAULT, op. cit., p. 84.
- 9 Sobre o conceito de corpo normal consultar COSTA, Viegas F. da. Concurso de ... (op. cit.); e Idem, Compreendendo os Corpos Diferentes: para uma história da deficiência em Blumenau. In. VII Encontro Estadual de História, Florianópolis, 1998.
- Tratamos aqui a ação do Estado na saúde pública através de duas lógicas: a da medicina estatal e da medicina social. No primeiro caso destaca-se o aspecto "religioso" da ação médica, que visa a redenção da nação através de estratégias que são aplicadas localmente e que objetivam a formação e/ou transformação individual. É o caso, por exemplo, dos concursos de miss, que pretendiam escolher o modelo de mulher que se desejava e não o mais comum -, com o objetivo de que esse modelo fosse imitado; e dos concursos de robustez infantil, comuns em Blumenau na década de 1940. No segundo caso, o da medicina social, destaca-se a militarização do espaço, em oposição à medicina estatal, que militariza o corpo.
- 11 Op. cit., p. 84-85.
- <sup>12</sup> Cf. A Criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração. In. Revista Brasileira de História, n° 38, 1999.
- 13 Segundo PEREIRA (Ibidem), o mito da pureza infantil constitui-se a partir de uma visão rousseaniana,

# Pesquisas & Pesquisadores

A ideologia étnica e a identidade coletiva do empresário blumenauense

TEXTO:

FABRÍCIO RICARDO DE LIMA TOMIO\*

### 1. Introdução

O processo pelo qual os diversos atores sociais compreendem sua posição social, identificam seus potenciais aliados e inimigos e definem os limites de sua atuação política e econômica é permeado por construções simbólicas de natureza ideológica. Diversas representações do mundo disputam o espaço de produção simbólica para construir consensos sobre os papéis a serem desempenhados pelos diversos atores sociais, justificando e legitimando a dominação e as posições ocupadas pelos indivíduos na sociedade. Como o espaço (campo) simbólico tende a reproduzir as desigualdades de outras esferas da vida social, os atores que ocupam posições dominantes nos espaços políticos e econômicos predispõem-se como mais competentes na emissão de seu discurso de legitimação das desigualdades sociais. Um processo que, por não ser reconhecido como exercício de poder simbólico, naturaliza a hierarquização social pela domesticação dos dominados.

Essa definição sintética do campo simbólico ilustra e orienta a investigação do discurso do empresariado blumenauense que procuro divulgar neste texto. A escolha da ideologia étnica como foco central de estudo não é casual. Privilegiei a questão étnica pela relevância que essa possui na História local, pela sua capacidade catalisadora de identidades coletivas supra classes, pelo seu potencial elucidativo das relações que forjaram a burguesia blumenauense enquanto ator coletivo e, ao mesmo tempo, pela atenção marginal que o mesmo tem recebido contemporaneamente.



<sup>\*</sup> Professor do Departamento de Sociologia e Política (UFSM), mestre em Sociologia Política (UFSC) e doutorando em Ciências Sociais (IFCH/UNICAMP).

Meu objetivo é verificar a persistência da ideologia étnica teuto-brasileira entre esse grupo social e, portanto, se os valores simbólicos associados a essa ideologia possuem alguma relação com a estruturação contemporânea da identidade coletiva do empresariado blumenauense. Caso esse vínculo possa ser demonstrado, seria possível sustentar, enquanto hipótese, que houve – e talvez ainda exista – em Blumenau uma forma particular de identificação social que, sobreposta ou relacionada à identidade de classe, cooperou para maximizar a capacidade de organização coletiva do empresariado, ampliando o seu potencial de atuação nos diversos campos sociais.

# 2. A etnicidade na estruturação da identidade coletiva e da organização de classe do empresariado blumenauense

A questão étnica como tema de estudo parece oportuno na pesquisa social que tenha como objeto fenômenos relativos à região de Blumenau. Conforme o período de estudo avança no passado, esta importância aumenta consideravelmente. Contudo, mesmo na contemporaneidade, para quem tem alguma vivência no espaço local, é difícil desconsiderar a presença de valores étnicos na atuação dos diversos atores e grupos sociais. Sobretudo quando desejase investigar o processo de produção simbólica e sua relação com a estruturação de identidades coletivas.

O final do séc. XIX e as primeiras décadas deste século foram os períodos de maior presença da ideologia étnica na formação de identidades coletivas em Blumenau.<sup>1</sup> Ao longo do tempo, vários fatores contribuíram para a redução do potencial da etnicidade teuto-brasileira promover a identidade social e a mobilização coletiva. Os principais devem ter sido:

1) a complexificação do espaço sócio-econômico - através da industrialização e da urbanização - que propiciou o surgimento de novos interesses coletivos muitas vezes contraditórios ao caráter genérico do interesse étnico;

2) a violência da campanha de *nacionalização*, promovida pelo governo Vargas nas décadas de 30 e 40, que impediu o funcionamento de instituições e a permanência de costumes germânicos (o uso público da língua alemã, os periódicos editados em alemão, as *vereins*, etc.), dificultando a reprodução dos valores étnicos.

Como resultado disso, outras formas de identidade coletiva (classe social, regionalidade, etc.) passaram a ocupar maior relevo na atuação coletiva em Blumenau. Entretanto, os efeitos da etnicidade teuto-brasileira não parecem ter

desaparecido. Segundo SEYFERTH:

"O paradoxo da etnicidade é sua mutabilidade na persistência, e sua persistência através da mudança". Ao longo do tempo, a etnicidade teuto-brasileira foi reconstruindo seus símbolos, à medida que as "colônias alemães" [sic] se tornavam mais brasileiras, permanecendo quase inalterada a idéia étnica da origem ou descendência comum (que supõe um modo de vida e um comportamento social diferenciados) (1994:112).

Essa noção de etnicidade reflete um conjunto de "tendências positivas de identificação e inclusão num grupo étnico". O pertencimento ao grupo tem como critério a identidade étnica, que se forma através de valores ideológicos (categorias étnicas) excludentes. Categorias de "nós" e "eles" que são produzidas em situações de interação entre diferentes grupos étnicos, definindo os limites de inclusão ao próprio grupo, tanto interna (identidade positiva) quanto externamente (identidade negativa) (SEYFERTH, 1983:1-6).

A etnicidade expressa, assim, uma identidade social em um universo de outras identidades possíveis. A capacidade de um mesmo ator social manipular diversas identidades sociais, conforme o campo de atuação e a conjuntura em que se encontra, é factível. Como o grupo étnico representa uma manifestação específica da produção simbólica - e sua existência depende da crença na exclusividade de valores étnicos partilhados e de sua aceitação por indivíduos excluídos do grupo - identidades étnicas, regionais, de classe, de religião, etc., podem ser expressas de forma alternada ou conjunta pelos atores sociais.

A produção e a manifestação de categorias simbólicas que formam a identidade coletiva de grupos sociais é limitada somente pelas características objetivas que estruturam o próprio grupo e que se expressam nos atores sociais individualmente. Além disso, as identidades sociais não são equivalentes. Cada uma possui um maior peso conforme as condições objetivas que as produzem. Dessa forma, em um espaço marcado por uma grande diferenciação social é provável, mas não necessário, que a identidade de classe possua maior capacidade de promover uma mobilização coletiva que outras identidades sociais.

No plano da mobilização ideológica, um ator social poderia compreenderse - e ser visto minimamente como tal por outros indivíduos de seu grupo social ou de fora dele - através de várias categorias. Poderíamos ter, como exemplo disso, um ator social sendo identificado - e se identificando – enquanto empresário, blumenauense, luterano e de origem germânica (ou teuto-brasileiro). A manipulação dessas diversas identidades, num contexto específico, poderia resultar numa ampliação do espectro de organização e atuação coletiva de determinados grupos sociais.

De fato, essa hipótese já foi formulada em uma investigação sobre o empresariado industrial têxtil de Blumenau. GIESE (1991) propõe que a atuação coletiva desses atores sociais, com o objetivo de satisfazer suas demandas junto ao Estado, comportaria a agregação de interesses econômicos, étnicos e regionais. Utilizando o conceito de grupos estratégicos à análise<sup>2</sup>, a autora apresenta a seguinte conclusão:

... este ramo industrial [setor têxtil de Blumenau] faz parte ou constitui um grupo estratégico regional onde seus membros não se ligam apenas por motivos econômicos, mas também por identificação cultural e étnica. Durante a década de 70 isto permitiu um complexo reequipamento e modernização do setor, e, consequentemente, melhores chances no mercado interno e internacional (GIESE, 1991:131).

Estas afirmações, apesar de razoáveis, carecem da mínima verificação empírica. Utilizando a base dedutiva descrita inicialmente (que é tributária da singular contribuição de Giralda Seyferth sobre as etnicidade no Vale do Itajaí) e dados primários e secundários (pesquisados na primeira metade da década de 90) procurei ampliar o conhecimento sobre este campo de estudo, explorando mais detidamente a seguinte questão: qual o grau de importância da etnicidade teutobrasileira na estruturação da identidade coletiva e na organização de classe do empresariado blumenauense?

# 3. Os valores étnicos teuto-brasileiros, sua persistência e vinculação contemporânea ao empresariado blumenauense

O Vale do Itajaí, como muitas outras regiões de Santa Catarina, teve sua ocupação populacional marcada pela colonização européia a partir do séc. XIX. Imigrantes alemães, italianos, poloneses, etc., foram estabelecidos em colônias privadas e oficiais. Essas desenvolveram um espaço sócio-econômico que se diferenciou do modelo pautado pelo latifundio escravista e exportador de monoculturas que caracterizavam o Brasil imperial - e mesmo do exemplo menos desenvolvido deste modelo econômico presente no litoral de Santa Catarina. Formas de pequena produção familiar, tanto camponesa quanto artesanal, foram reproduzidas dos países de origem dos imigrantes e tornaram-se a manifestação

majoritária destas áreas até o início deste século.

Uniu-se ao desenvolvimento deste tipo particular de atividade econômica o relativo isolamento inicial dos grupos de imigrantes. Devido a isto, em comunidades como a de Blumenau, foi possível a manifestação de uma grande homogeneidade étnica distinta do tipo predominante no espaço nacional. No período de 1850 a 1875, quase a totalidade da população era formada por imigrantes alemães e seus descendentes. Mesmo o ingresso de colonos de outras nacionalidades principalmente italianos - a partir do final deste período, não originou, de imediato, grandes mudanças, visto que estes foram estabelecidos em núcleos mais remotos e distantes da sede da colônia. Esse processo de ocupação contribuiu para sedimentar valores culturais endógenos e estranhos aos processados pelas populações circundantes. Assim, a colonização do Vale do Itajaí gerou vários núcleos populacionais formados por grupos étnicos diferenciados.

O fim do isolamento étnico viria a provocar o desenvolvimento de uma ideologia étnica. Segundo SEYFERTH:

A ideologia étnica que, no sul do Brasil, recebeu o nome de Deutschbrasilianertum, foi concebida e transmitida por intelectuais de origem alemã, a partir de uma época em que as relações interétnicas nas áreas conhecidas como de "colonização alemã" atingiram um período crítico: o final do século XIX. É um termo derivado de Deutschtum, cujo significado mais aproximado é "germanidade", e incorpora a ideologia nacional alemã formulada no início do século XIX, e radicalizada, mais tarde, pelos pangermanistas da All deutsch Verband e pelos nazistas (1982:3).

O desenvolvimento econômico do município de Blumenau promoveu a acentuação das relações interétnicas e o fim do isolamento. Como resposta a esse processo, parte da elite intelectual e econômica de origem germânica intensificou a propaganda ideológica pela manutenção da pureza racial alemã e pela preservação dos valores germânicos. A promoção da identidade teuto-brasileira, uma forma de garantir a unidade do grupo étnico, teve grande receptividade nos habitantes de origem germânica, independentemente de classe social.

A etnicidade teuto-brasileira sustentava-se numa produção simbólica etnocêntrica e preconceituosa em relação aos outros grupos étnicos, ou seja, "na superioridade racial e cultural dos alemães" (SEYFERTH, 1977:71). Os critérios de identificação de um teuto-brasileiro eram: o sangue alemão (a origem), não importando quantas gerações o separavam da Alemanha; o espírito (geist) alemão, pensar e viver à maneira alemã, ter hábitos, costumes, energia e ideais germânicos;

e, principalmente, o uso cotidiano da língua alemã. Essas características eram vistas como intrínsecas e herdadas. Sua preservação era a garantia da manutenção do principal componente ideológico de diferenciação étnica: a superioridade do "trabalho alemão" e de sua eficiência no desenvolvimento econômico.<sup>4</sup>

Em síntese, o objetivo dos ideólogos germanistas do início deste século era consolidar a identidade coletiva das populações teuto-brasileiras, habilitando-as à mobilização política e social como um grupo de interesse monolítico. O resultado esperado era a preservação da nacionalidade alemã com a conquista da cidadania brasileira plena. Isto implicou numa luta ideológica em duas frentes: 1) junto ao Estado brasileiro pela legitimação jurídico-política enquanto minoria étnica e 2) no espaço regional pela hegemonia dos valores étnicos germânicos. As conseqüências destes embates não foram as idealizadas pelos promotores do *Deutschbrasilianertum*.

A difusão da ideologia germânica chocou-se com a ideologia oficial do Estado e com a tese do "branqueamento" defendida por alguns intelectuais brasileiros, que não admitiam a existência de um Estado baseado no pluralismo nacional e, no limite, propunham a integração dos imigrantes europeus à população brasileira pela miscigenação. A execução dessas idéias era tudo que o Deutshbrasilianertum buscava evitar.

Desde o início do século o Estado vinha desenvolvendo ações para diminuir a influência do nacionalismo germânico. Contudo, esse vinha crescendo e se difundindo por todos os núcleos de colonização alemã no sul do Brasil, inclusive com a ampliação da representação política dos teuto-brasileiros. Isto foi encarado, pelas autoridades e intelectuais brasileiros, como uma tentativa de secessão, sobretudo após a inserção de grupos de propaganda nazista na região.

A reação do Estado deu-se através do endurecimento da campanha de nacionalização. Foram proscritas as principais instituições alemãs (escola alemã, periódicos e as *vereins*) e proibido o uso público da língua alemã. A maioria das autoridades teuto-brasileiras foram destituídas de seus cargos, sendo substituídas por interventores leais ao Estado. Nem as propriedades foram poupadas, muitas empresas sofreram intervenções em função de seus proprietários terem sido acusados de simpatia ou colaboração com o nazismo.<sup>5</sup>

O impacto dessas medidas fez-se sentir nas atividades da entidade de classe do empresariado (ACIB), como relatou seu ex-presidente (1943-46) Ernesto Stodieck Júnior:<sup>6</sup>

O meu ingresso na ACIB foi motivado pela Segunda Guerra Mundial.

Para possibilitar a manutenção e sobrevivência de diversas empresas e minimizar as perseguições que os alemães estavam sofrendo, [sic] empresário Curt Hering me convidou para ocupar este cargo. Eu tinha a qualidade de ser brasileiro e apesar de ser jovem, cerca de 30 anos, pude ajudar muito as pessoas que estavam sendo penalizadas injustamente.

Lembro que com o lançamento da lista negra, composta de nomes de empresas e cidadãos acusados de ter simpatia ao nazismo, muitos blumenauenses foram prejudicados e em conseqüência, a nossa economia. Por exemplo, se um comerciante vendesse algo para alguém da lista negra, também entrava na lista e sofria sanções terríveis. De maneira que as empresas estagnaram.

Por isso eu trabalhei muito a favor deste grupo (...) Consegui tirar pessoas da lista, provei a falsidade de diversas acusações. Foram muitos anos de luta, que só abrandou em 46, quando saí da ACIB, mas o trauma daquele sofrimento ainda existe nas gerações de filhos e netos daquelas pessoas (INFORMATIVO ACIB, ago./1988:6).

O ingresso do Brasil na II Guerra contra a Alemanha e seus aliados foi um insumo a mais na campanha contra a ideologia germanista no sul do Brasil. O regime de exceção da ditadura Vargas conseguiu, pela violência de sua atuação, sepultar as referências ideológicas ligadas à formação de uma nacionalidade germânica dentro do Brasil.

Com o fim da guerra e do regime discricionário foram suspensas quase todas as sanções - legais ou não - ao funcionamento das instituições germânicas. A maior exceção a isto foi o impedimento mantido à instrução primária em língua alemã, sendo que as escolas alemãs fechadas foram substituídas paulatinamente por escolas públicas. As mudanças decorrentes disto (ampliação do uso da língua portuguesa, introdução de valores patrióticos brasileiros através de atividades cívicas, etc.), contudo, só puderam ser sentidas ao longo do tempo.

O maior desestímulo ao ressurgimento de um nacionalismo alemão parece ter sido o impacto da campanha de Vargas nas elites locais sobretudo nas econômicas. A participação da burguesia blumenauense em atividades político-ideológicas colocou em risco a acumulação capitalista. As grandes indústrias - na maioria têxteis - haviam se integrado ao mercado nacional e algumas delas sofreram sanções do Estado devido à posição ideológica de seus proprietários. Em virtude disso, talvez como forma de garantir sua sobrevivência econômica, a burguesia de Blumenau não sustentou mais o *Deutschbrasilianertum*, buscando, ao contrário, uma conciliação com o Estado - como pode ser notado nas palavras de

Stodieck. Sem o alento das elites locais, o nacionalismo alemão ficou confinado à marginalidade de grupos radicais.

A luta ideológica travada contra o Estado resultou na transformação da etnicidade teuto-brasileira. A dimensão política, a manifestação do grupo étnico como um grupo de interesse independentemente dos interesses de classe social, desapareceu. O principal critério de identificação e diferenciação do grupo étnico teuto-brasileiro até a década de 40, o uso da língua alemã, perdeu progressivamente a importância devido à escolarização em português e à maior integração à sociedade brasileira.<sup>7</sup>

Entretanto, a ideologia étnica alemã não se esgotou. O principal critério de diferenciação étnica que persistiu foi a idealização da superioridade do trabalho e da eficiência alemã. Aliado a esse, na ausência do uso da língua alemã veículo da germanidade - manteve-se a ascendência alemã como um critério à identificação da origem étnica.<sup>8</sup>

Isto pode ser notado no artigo escrito por Ingo Hering, em 1950, em função das comemorações do centenário de Blumenau:

A indústria de Blumenau, como a de todo o Vale do Itajaí, é quase que exclusivamente fruto do esforço de seus habitantes. Ela não se baseia em riquezas dos subsolo, nem foi incentivada pela proximidade dos grandes centros de consumo, ou por uma situação favorável quanto aos meios de comunicação. O único fator natural já preexistente foi a abundante força hidráulica, proporcionada pelo sistema hidrográfico do Itajaí-Açu. De resto, o desenvolvimento industrial desta área contou, entre condições muitas vezes adversas, com um só fator positivo: o humano. Os imigrantes, chegando de zonas européias já industrialmente desenvolvidas, trouxeram para cá as aptidões técnicas e a indispensável iniciativa para transformar, passo a passo, um território de mata virgem semitropical em uma das regiões mais industrializadas do Sul do Brasil (HERING, 1980:10).

Apesar do tom solene com um certo eufemismo devido - ao caráter público e festivo deste artigo e das comemorações do centenário de Blumenau, a idéia da superioridade do trabalho e da eficiência está presente no discurso desse empresário. O que este comporta de novo, em relação às manifestações ideológicas anteriores à Segunda Guerra, é a mudança da categoria étnica alemã - ou teutobrasileira - pela de imigrante europeu. De fato, este tipo de referência tornou-se comum - pelo menos em discursos públicos - na manipulação ideológica de componentes étnicos, abrandando as diferenças entre alemães, italianos, etc., mas mantendo a oposição ao brasileiro (luso, caboclo da praia, tijucano, etc.) no

concernente à capacidade de trabalho e, por decorrência, de desenvolvimento econômico dos diversos grupos étnicos.

A superioridade do trabalho alemão ou do imigrante europeu em elaborações mais amplas - extrapolou os limites do grupo étnico em sua aceitação enquanto idealização da verdade. De critério interno de identificação étnica (identidade positiva) este passa a ser visto como um valor universal pela população local - independentemente da origem étnica - tornando-se até parte da ideologia oficial nos governos locais. Isso se deve, em parte, ao maior sucesso dos promotores do *Deutschbrasilianertum* na luta pela hegemonia dos valores étnicos germânicos no espaço regional.

Contudo, é possível que um fator preponderante à supremacia da ideologia étnica alemã esteja relacionado à forma de incorporação dos indivíduos de outras origens étnicas à cidade de Blumenau. A maioria destes migraram para região atraídos pelo mercado de trabalho gerado pela urbanização e industrialização, agregando-se à sociedade blumenauense em posições inferiores e dominadas da estrutura social e produtiva. Caso essa hipótese seja correta, a dominação ideológica dos valores étnicos reproduziu a dominação de classe.

As relações interétnicas que se formaram neste processo incorporaram uma grande complexidade. Primeiramente, havia diversos grupos étnicos com níveis diferentes de consciência étnica. Os principais eram: os alemães, ou teutobrasileiros, que possuíam uma elaborada ideologia étnica (*Deutschbrasilianertum*); os italianos e seus descendentes, que originavam-se de colônias rurais do interior do Vale do Itajaí com uma grande homogeneidade étnica e um grau razoável de identificação coletiva; e os luso-brasileiros, originários principalmente do litoral catarinense, que não tinham consciência de uma origem comum e cuja identidade étnica formou-se negativamente do exterior do grupo - através de categorias pejorativas como caboclo da praia, tijucano, etc. Os diferentes graus de elaboração da identidade étnica determinaram a maior ou menor sujeição aos valores germânicos dominantes por parte de outros grupos.

Um outro vetor de complexificação das relações interétnicas - provavelmente o mais importante - eram as posições de classe ocupadas pelos diversos atores sociais no processo produtivo. Com o desenvolvimento das atividades industriais, a mão-de-obra adicional requerida foi suprida inicialmente pelos colonos teuto-brasileiros. Contudo, diante do crescimento das indústrias e da ampliação do setor terciário na cidade, a necessidade de trabalhadores, com um custo aceitável, não pôde mais ser gerada localmente. Assim, a classe trabalhadora

foi agregando indivíduos de várias origens étnicas através da migração interna.

Este processo não se reproduziu nas posições mais altas do processo produtivo. A burguesia de Blumenau manteve inicialmente uma grande homogeneidade étnica. Se nos fixarmos nas primeiras décadas do contato interétnico, além dos empresários, a maioria dos intelectuais eram indivíduos de origem alemã. Isso garantia uma supremacia na difusão da ideologia germânica. A legitimidade dos valores étnicos teuto-brasileiros foi conferida tanto pelo reconhecimento e percepção pelos demais grupos étnicos do sucesso empresarial e econômico teuto-brasileiro, quanto pela própria posição dominante ocupada pelos emissores dos valores ideológicos.

Devido a esta assimetria de condições, a luta ideológica conferiu aos valores étnicos alemães uma aceitação mais universal no espaço social de Blumenau. O componente central da etnicidade teuto-brasileira, a idealização da superioridade da eficiência e do trabalho alemães é incorporada - de forma diferenciada - ao discurso dos outros grupos étnicos. Entre os indivíduos de ascendência italiana, a capacidade de trabalho alemã é vista como equivalente à sua<sup>9</sup>, como pode ser notado nesses depoimentos:<sup>10</sup>

Os alemães são meio racistas e querem sempre ser melhores que os outros, mas são muito trabalhadores. Já os brasileiros não gostam de trabalho, fogem dele...

Os tijucanos (...) vinham para Brusque para trabalhar na fábrica. Tijucano, sabe, é meio malandro, não trabalha direito. Aí nós (italianos e alemães) é que ficamos prejudicados porque temos de fazer a parte deles (...) Depois, quando a gente não gosta de brasileiro, dizem que somos racistas (SEYFERTH, 1982:18-9).

Já entre os migrantes originários do litoral de Santa Catarina, muitas vezes, o discurso comporta uma inferioridade em relação ao elemento alemão, como demonstram essas citações:<sup>11</sup>

Todos nós agradecemos porque se não fossem esses, esses imigrantes [alemães] que nos ensinaram, que trouxeram para cá tecnologia, sabedoria, que hoje ainda continua também exportando, e nós importando. Então a eles é que a gente deve tudo isso, porque nós aprendemos a trabalhar, aprendemos a ser gente...

É verdade que o alemão em si ele tem, ele é muito exclusivista em parte né, ele é exclusivista. Mas é uma pessoa que vive para o trabalho. Ele se dedica. Ele constrói. Ele progride (...) Tanto é que vê o que é Blumenau hoje, não só em Santa Catarina, não só no Brasil, como mundialmente reconhecido pelo progresso.

Estas referências que demonstram a generalização de uma idealização da superioridade da eficiência econômica dos imigrantes alemães e seus descendentes - e de uma forma mais extensa do imigrante europeu - podem ser sentidas até hoje. Certamente o crescente contato das últimas décadas e a inibição das barreiras étnicas à mobilidade social diminuíram a presença dos estereótipos negativos. Porém, a ideologia que atribui o desenvolvimento de Blumenau, tanto no passado quanto na contemporaneidade, à herança cultural superior do elemento étnico germânico é mantida e aceita por grande parte da população - independentemente da origem étnica.

A universalização de alguns dos valores da etnicidade teuto-brasileira não implica, necessariamente, na exclusão da identidade étnica na formação de identidades coletivas no espaço regional, nem numa simétrica importância desta identidade social para os diversos grupos e classes sociais. A diferenciação social provocada pela urbanização e pela industrialização produziu linhas de divisão, 12 no interior do grupo étnico germânico, que tornaram a burguesia blumenauense mais suscetível à manipulação ideológica dos critérios de identificação étnica. Sobretudo, quanto ao potencial dessa identidade contribuir à organização coletiva e à mobilização para luta política.

Segundo SEYFERTH, a principal linha de divisão do grupo étnico teutobrasileiro foi a emergência da classe trabalhadora: "as reivindicações trabalhistas, a luta pelos interesses de classe e a convivência no trabalho, igualou operários teuto-brasileiros com o de outras etnias". Dessa primeira, derivaram-se outras duas importantes linhas de divisão: o aumento no número de casamentos interétnicos, principalmente entre operários católicos, que promoveu a distensão dos limites étnicos; e a formação de bairros operários, que ampliou, através de relações de vizinhança, a integração dos diversos grupos étnicos (SEYFERTH, 1981:202-4).<sup>13</sup>

Como é possível notar, todas estas linhas afetaram principalmente a classe trabalhadora, reduzindo a importância da identidade étnica entre os indivíduos com esta posição social. Em contrapartida, a burguesia teuto-brasileira foi menos marcada por estas linhas de divisão e pela integração étnica, havendo, portanto, uma maior tendência à persistência do processo de identificação étnica nesse grupo, sendo que entre sua elite esta característica seria aprofundada.

Apesar da impossibilidade de mensuração empírica, creio ser razoável supor que exista uma maior tendência à manifestação da identificação étnica alemã entre o empresariado - ou pelo menos entre a maioria dos membros da elite

empresarial - do que a ocorrência de processo semelhante em outras classes sociais. Isto não só pela maior presença de indivíduos identificáveis com a origem germânica, 14 mas também devido à forma que se processou a incorporação de outras etnias a esta classe. Enquanto a ruptura da unidade étnica no operariado se deu de forma precoce e intensa, o mesmo processo junto ao empresariado ocorreu paulatinamente e de forma subordinada à elite local através: da mobilidade social e da profissionalização na gestão dos grandes grupos econômicos. Em virtude disto, foram mantidas melhores condições à reprodução da identidade social e dos valores teuto-brasileiros neste grupo social.

## 4. A ideologia étnica no discurso das lideranças empresariais 15

Nas últimas décadas, a ideologia étnica esteve ausente nas manifestações públicas do empresariado blumenauense. Somente uma manifestação abordando a distinção deste empresariado foi verificada. Nessa, Ronaldo Baumgarten - presidente da ACIB na ocasião - propõe que as respostas destes atores sociais diante da crise econômica seria diferenciada da implementada por seus pares de outras regiões. Isto devido a uma índole própria, como pode ser visto no depoimento deste empresário:

Veja o exemplo do empresário blumenauense. Ele tem um espírito diferenciado. Vive muito a realidade de sua empresa, como se ela fizesse parte dele. Não encara o negócio apenas quando ele dá lucro. Ele tem orgulho daquilo que faz. O blumenauense tem vergonha quando sua empresa não vai bem, porque aí ele acha que é o culpado. Afinal é ele quem administrou mal. Então ele luta, briga. Ele olha primeiro a saúde financeira da empresa, para depois pensar em seu bem-estar (EXPRESSÃO, n. 17, 1991:62).

O juízo de valor presente nesta citação expressa uma ética, atribuída ao empresariado de Blumenau, que comportaria uma maior responsabilidade pelas atividades econômicas gerenciadas e uma iniciativa própria para a resolução dos problemas (crise) sem a dependência de intervenções externas - como do Estado. Apesar da similitude desta idealização com os valores ideológicos teuto-brasileiros, a singularidade deste depoimento não permite a verificação de uma continuidade na manifestação desta ideologia entre todo o empresariado blumenauense. De fato, é a própria inexpressividade na manifestação pública da ideologia germanista que contém um teor explicativo. Entre as possíveis causas que promovem a ocorrência deste fenômeno identifico algumas que parecem mais significativas - e

que, necessariamente, não se excluem.

A primeira é a mais lógica, isto é, não haveria o interesse entre as lideranças empresariais blumenauenses na promoção da ideologia étnica teutobrasileira. Diante da existência de uma plurietnicidade entre o empresariado, a manifestação de valores étnicos exclusivistas implicaria na produção de divisões intra-grupo, desfavorecendo, portanto, a mobilização do conjunto do empresariado e enfraquecendo-o na luta política junto ao Estado e a outros grupos e classes sociais. Além disso, a aliança destes atores sociais com empresários de outras regiões seria prejudicada, visto que os primeiros seriam identificados como chauvinistas. Seriam, dessa forma, anacrônicas as tendências à fragmentação étnica e ao isolacionismo político resultantes deste tipo de propaganda ideológica. Além de ser contraditório aos interesses de um empresariado tão integrado à economia nacional.

Isto posto, a resposta ao questionamento inicial, sobre o grau de importância da ideologia étnica teuto-brasileira à organização coletiva do empresariado blumenauense, resultaria, senão na total inexistência, num fenômeno de menor peso à mobilização coletiva deste grupo social. Contudo, devido à existência de indicadores contrários a essa afirmação, parece provável que outras causas reduzam a expressão pública da ideologia étnica no discurso das lideranças empresariais.

Uma das razões disto pode estar no "trauma" da campanha de nacionalização (décadas de 30 e 40), como apontou o empresário Ernesto Stodieck. De fato, o rigor da coerção oficial à propaganda nacionalista alemã, que resultou em privações das liberdades políticas e pessoais e em intervenções nos estabelecimentos empresariais, pode ter desmotivado novas formas de expressão semelhantes a da primeira metade do século. Como uma parte considerável das lideranças empresariais com ascendência alemã pertencem a gerações que viveram no período da campanha de nacionalização, esta parece ser uma hipótese plausível.

Entretanto, outra hipótese à inexistência de manifestações da ideologia étnica entre o discurso público do empresariado parece ser mais crível: a sua presença desnecessária na reprodução dos valores étnicos entre o empresariado blumenauense. Isso porque outras instituições sociais (família, escola, igreja luterana, clubes sociais, etc.), responsáveis pela socialização dos indivíduos, ocupariam esta função na reprodução da ideologia étnica teuto-brasileira. Configuraria-se, assim, uma sutil, mas poderosa estruturação dos valores ideológicos da etnicidade germânica. Formando-se um *habitus*<sup>16</sup> burguês em Blumenau que garantiria a

formação de consensos mínimos entre os atores, sem a necessidade da propagação pública dos critérios de distinção étnica.

Ao contrário das manifestações públicas, em entrevistas pessoais com lideranças empresariais foi possível verificar a manifestação de relações significativas entre os critérios de diferenciação étnica e as proposições dos informantes. Segundo creio, o teor dessa vinculação fundamentaria a hipótese que postula a existência de estruturas constitutivas de um *habitus* burguês blumenauense marcado pelos valores da etnicidade teuto-brasileira - sobretudo entre a elite empresarial.

De forma geral, todos os questionamentos apresentados aos entrevistados relacionavam-se ao principal critério de identificação da etnicidade teuto-brasileira: a superioridade do "trabalho alemão". Busquei com isso coletar a percepção dos informantes acerca de sua importância ao desenvolvimento econômico e a prática associativa do empresariado blumenauense. A segmentação dos questionamentos demonstraram uma aceitação assimétrica das diversas formulações de distinção étnica.

A relação entre a imigração alemã, o desenvolvimento precoce da indústria e o progresso econômico blumenauense foi enfatizada por todos os informantes. De fato, esta parece ser uma equação causal generalizada na percepção da maioria da população local. Entretanto, uma característica relevante nas afirmações feitas pelos entrevistados é a generalização desta relação a toda imigração européia a partir do séc. XIX, independentemente da origem étnica. Alemães, italianos, poloneses, etc., são, neste caso, considerados os portadores de um arcabouço cultural capaz de promover o desenvolvimento industrial em um espaço marcado pelo atraso econômico e por condições adversas. Diminui-se, assim, na percepção destes empresários, as implicações das diferentes categorias étnicas, tornando-as intercambiáveis pela categoria de *imigrante europeu* ou de *origem européia*. Fato que expande a capacidade de identificação coletiva deste grupo social.

O mesmo posicionamento dos informantes não foi verificado quando esses se manifestaram sobre a hierarquização da capacidade de trabalho e de eficiência econômica dos diversos grupos étnicos. Somente metade dos entrevistados expressaram juízos de valor neste sentido, sendo que o conteúdo de um dos depoimentos pode ser notado nesta citação:

Onde houve imigração européia em Santa Catarina existe desenvolvimento. As exceções são pequenas manchas como o litoral e o Vale do

Rio do Peixe, onde não houve a imigração. Estas regiões estão estagnadas e não se desenvolvem. Nestes lugares, a estagnação explica-se pelos açorianos no litoral e pretos no Vale do Rio do Peixe... Uma raça, mistura de preto com índio, e o índio não gosta de trabalhar.

Possivelmente, esta percepção retrate a existência de uma parcela conservadora entre as lideranças empresariais blumenauenses. Neste caso, os valores étnicos possuiriam uma maior capacidade de sensibilizar a atuação dos indivíduos que formam este subgrupo.

O último questionamento, a relação da etnicidade teuto-brasileira com a prática associativa, teve entre a maior parte dos entrevistados respostas de conteúdo afirmativo. Nessas, os informantes atribuíram como um resultado da cultura alemã as seguintes qualidades que distinguiriam suas organizações de classe: "o trabalho é mais sério e mais objetivo", "a atuação é mais pragmática", "existe mais iniciativa e independência", "o espírito associativo", "há insatisfação com a estagnação", "os germânicos são por natureza mais organizados", "a cultura é corporativista", "há preocupação com o progresso".

Muitas destas qualificações possuem uma ligação com a ideologia étnica alemã. Parece relevante, a hipótese apresentada, que as proposições destas lideranças empresariais - que ocuparam cargos de direção em entidades de classe - expressem uma distinção em sua prática associativa. Sobretudo porque os informantes ligam este processo de organização coletiva a critérios de diferenciação étnica. Juntamente com o anteriormente explanado, isto poderia demonstrar que a identificação étnica possui algum grau de importância para a organização coletiva do empresariado blumenauense, inclusive na contemporaneidade. O que manteria vivo o campo de investigação sobre a etnicidade em Blumenau.

## 5. Considerações finais

Os valores simbólicos que constituem a etnicidade teuto-brasileira (superioridade do "trabalho alemão", o geist alemão, a língua como veículo da germanidade, etc.) tiveram, conforme o período histórico focalizado, graus extremamente diferenciados de contribuição à estruturação da unidade de classe e à organização e mobilização coletiva do empresariado blumenauense. A ampliação da urbanização, do desenvolvimento econômico e da integração político-cultural do espaço local com o espaço nacional trouxeram como conseqüência o incremento dos contatos interétnicos na região de Blumenau - e em outras regiões de

Santa Catarina com características semelhantes na dinâmica populacional devido a imigração européia.

Este processo criou tensões, presentes, nas primeiras décadas deste século, no crescimento da importância da identidade étnica teuto-brasileira à estruturação da identidade coletiva dos grupos sociais locais. Em Blumenau, isto foi capitalizado pelas elites intelectuais e empresariais como um meio de viabilização dos projetos políticos e econômicos deste grupo dominante, transformando esses atores sociais nos maiores propagandistas desta ideologia étnica.

Através das instituições germânicas - já existentes ou criadas neste processo - e da divulgação pública em periódicos de língua alemã, foram criadas as condições orgânicas para o exercício da direção e hegemonia política pela elite empresarial. Além disso, devido à identificação étnica, em nenhum outro momento da história blumenauense este grupo dirigente alcançou tanta legitimidade, em sua posição e em seus projetos, junto aos setores subordinados do espaço regional.

Este grande consenso, entretanto, foi interrompido pela ação de forças exógenas e endógenas. Por um lado, a ideologia étnica teuto-brasileira e a constituição de um projeto autônomo da burguesia local chocou-se com a ideologia oficial do Estado brasileiro e com os interesses de grupos oligárquicos estaduais. Até a década de 30 tinha sido possível a convivência destas ideologias antagônicas devido à permissividade das autoridades públicas, mas depois da instalação do regime autoritário do Estado Novo isto não foi mais possível. Entre as décadas de 30 e 40 foram proscritas as instituições teuto-brasileiras e perseguidos ou caçados os principais promotores da ideologia étnica - inclusive muitos empresários destruindo as condições de reprodução da organicidade e da hegemonia sustentada por esses valores.

Por outro lado, as próprias condições que ampliaram as relações interétnicas e municiaram a ideologia étnica contribuíram para sua desagregação. O crescimento econômico e a urbanização fizeram crescer o operariado - em número e diversidade étnica - produzindo novas formas de identidade coletiva, como a de classe, que, se sobrepondo à identidade étnica, deslegitimaram o consenso que aliava organicamente os interesses dos grupos subordinados à classe dominante. Este processo, entretanto, não afetou igualmente a burguesia local, já que a sobreposição das identidades coletivas - étnica e de classe - não tinham um efeito desagregador, mas sim ampliavam a articulação deste grupo dominante. Isto, porque esse grupo social manteve uma maior homogeneidade étnica, mesmo

com o aumento da migração interna.

Unido a estes fatores (ação autoritária estatal e desagregação do grupo étnico como um grupo de interesse unitário), houve um terceiro que contribuiu para a extinção da propaganda ideológica de caráter étnico como uma estratégia explícita de organização coletiva do empresariado blumenauense. O grande crescimento da alguns grupos econômicos depois da década de 50 - principalmente os baseados na indústria têxtil - integrou a elite empresarial local à burguesia nacional, tanto no relacionamento econômico quanto político. Desta forma, a propagação pública de valores chauvinistas e etnocêntricos tenderia a prejudicar os interesses deste grupo social, colocando em risco a acumulação capitalista devido a possíveis represálias do establishment, o que de fato ocorreu durante o Estado Novo.

Como resultado deste processo extremamente complexo, a partir do final dos anos 40, a reprodução dos valores simbólicos que constituem a etnicidade teuto-brasileira perde sua dimensão pública, ficando a cargo das instituições privadas (família, igreja luterana, clubes fechados, etc.) a sua perpetuação, na forma de um *habitus*, entre as novas gerações deste grupo étnico. Isto, conjuntamente à diminuição da participação proporcional da população de origem alemã no contexto local, deprimiu paulatinamente o papel da identificação étnica na estruturação da organização coletiva do empresariado blumenauense.

Excluindo-se a centralidade da identidade de classe, outras identidades coletivas, como as de caráter regional, tendem a superar a etnicidade na legitimação dos valores simbólicos que constróem a unidade do grupo dominante. O papel da etnicidade na atualidade, quanto à organização coletiva do empresariado, parece ser o de participar, complementariamente a outras identidades coletivas, em alguns campos de interação onde a agregação desta identidade social tenha relevância. Desta forma, o espaço, por excelência, desta expressão deve ser a legitimação dos valores tradicionais, entre a elite empresarial, que estruturam uma hierarquia intra-classe onde os empresários representantes dos empreendimentos pioneiros que na maior parte dos casos são os de maior importância econômica - garantem, consensualmente, a ocupação das posições dominantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLETIM INFORMATIVO DA ACIB. Blumenau: ACIB, 1987-92.

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre; SAINT MARTIN, Monique de. Le patronat. Actes de la Recherches en Sciences Sociales. França, n. 20-21, p. 3-82, mars/avr. de 1978.

EXPRESSÃO. Florianópolis: FIESC, 1987-94.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIESE, Barbara. A atuação política do empresário catarinense dos ramos têxtil e agroindustrial: demandas e canais de influência (1970-85). Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – UFSC, 1991.

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1968.

GRIN, Mônica. Etnicidade e política: o grupo étnico judaico no Brasil. Caxambú, 1993, XVII Anpocs, mimeo.

HERING, Ingo. Coletânea de artigos. Blumenau: 1980.

HERING, Ingo. Coletânea de artigos II. Blumenau: 1989.

HERING, Maria Luíza Renaux. Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Ed. da FURB, 1987.

INFORMATIVO URGENTE. Blumenau: ACIB, 1983-87.

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro, v. 91, p. 31-64, 1993.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica numa comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. Revista do Museu Paulista. São Paulo, v. 24, p. 55-82, 1977.

SEYFERTH, Giralda. A representação do "trabalho alemão" na ideologia étnica teuto-brasileira. *Boletim do Museu Nacional - Antropologia*. Rio de Janeiro, n. 37, p. 1-33, out. de 1982.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilização política. *Boletim do Museu Nacional - Antropologia*. Rio de Janeiro, p. 1-15, out. de 1983.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. *RBCS*. Rio de Janeiro, n. 26, out. de 1994.

SIMÃO, Vilma Margarete. Blumenau: da indiferenciação étnica à diferenciação de classe. São Paulo, Dissertação (Mestrado de Serviço Social) - PUC-SP, 1995.

TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. Organização coletiva e representação de interesses do empresariado industrial têxtil de Blumenau-SC: a atuação da ACIB e do SINTEX em um espaço político-institucional democrático (1985-1994). Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – UFSC, 1995.

#### **NOTAS DE FIM**

Neste período, os jornais editados em língua alemã na cidade de Blumenau (Blumenauer Zeitung e Der Urwaldsbote) e outras instituições germânicas promoviam os valores ideológicos do Deutschbrasilianertum (Teutobrasilianidade). Um conjunto de valores que buscavam reunir uma dualidade: a manutenção da nacionalidade alemã e a promoção da cidadania brasileira aos habitantes de origem alemã. Essa construção ideológica baseava-se na idéia da existência de um pluralismo nacional no Brasil, o que garantiria o direito à manutenção da identidade nacional, da língua e do geist (espírito) alemão entre os habitantes de ascendência germânica. Entre os resultados desta campanha ideológica houve: a criação de instituições políticas (o Volksverein e o Volkspartei), o apoio a políticos estaduais teuto-brasileiros ou identificados com a permanência dos valores étnicos alemães e a ocupação da maioria dos cargos eletivos municipais por teuto-brasileiros. Para maiores informações sobre este período, ver SEYFERTH (1977; 1981; 1994).

<sup>2</sup> O fundamento da utilização do conceito de grupo estratégico está ligado à pressuposição de uma deficiência estrutural do "capitalismo periférico": a incompleta formação das classes sociais, o que não habilitaria estes sujeitos coletivos à luta política. Como resultado disto, os grupos estratégicos compor-se-iam "de pessoas, as quais são interligadas por um interesse comum na manutenção ou ampliação das suas chances de apropriação [de bens materiais, poder, prestígio, etc.] (...) O interesse comum possibilita a ação estratégica, significando perseguir a longo prazo, um programa para manutenção ou melhoramento das chances de apropriação" (EVERS & SCHIEL apud GIESE, 1991:8). Entretanto, entendo que esse conceito, e seus pressupostos, reduzem a interpretação do fenômeno investigado. Considero que a manifestação de identidades étnicas e regionais na articulação do empresariado expressa uma contingência de sua formação histórica e não uma deficiência na constituição da burguesia local.

<sup>3</sup> A superioridade racial era manifesta em estereótipos que identificavam os não-alemães, tais como: italianos são sujos e avarentos, poloneses são traiçoeiros, luso-brasileiros ("caboclos", "tijucanos") não gostam de trabalhar, etc. Apesar dos conceitos negativos atribuídos aos "outros", as categorias étnicas não eram manipuladas de forma equivalente. Havia uma hierarquia na qual, obviamente, os alemães (ou teuto-brasileiros) estavam no topo. Seguiam-se a esses - em ordem decrescente de valor -: os outros imigrantes europeus, os luso-brasileiros e mestiços e, na escala mais baixa, os negros e os índios (SEYFERTH, 1977:71-2).

<sup>4</sup> A superioridade do "trabalho alemão" era vista como produto da pureza racial alemã. Para justificar sua validade, os ideólogos da etnicidade teuto-brasileira comparavam a prosperidade dos núcleos de colonização alemã à estagnação das cidades litorâneas e ao menor desenvolvimento das outras colônias de imigrantes europeus. A miscigenação, para estes, degeneraria esta capacidade inata, prejudicando o desenvolvimento econômico da região e do país (SEYFERTH, 1982:13 e seg.).

<sup>5</sup> Entre as empresas que sofreram intervenção oficial, a mais importante foi a Cia. Hering. Nesta os seus diretores foram afastados do cargo até 1947, tendo sido substituídos por pessoas "já atuantes na firma e de confiança dos novos círculos políticos no poder" (HERING, 1987:212-3).

<sup>6</sup> Ernesto Stodieck Júnior foi diretor da Empresa Industrial Garcia. De origem alemã, era natural de Florianópolis e não sofreu as perseguições do Estado. Além de ter sido presidente da ACIB (1943-46), Stodieck foi o primeiro presidente do sindicato patronal têxtil, em 1952, o que demonstra a sua grande ligação com a elite industrial têxtil de Blumenau.

O uso da língua alemã, após a campanha de nacionalização, ficou confinado ao espaço privado e familiar. Entre a população de origem alemã nascida após a segunda guerra é comum o desconhecimento ou a pouca articulação da língua alemã devido, principalmente, a seu desuso no cotidiano e a escolarização em português. Apesar disto, é entre os colonos (população rural) e evangélicos (luteranos) que o alemão é mais utilizado atualmente (SEYFERTH, 1982:1).

<sup>8</sup> Definido em detrimento à capacidade empreendedora e de trabalho de outros grupos étnicos - principalmente expresso nas categorias étnicas: luso-brasileiro, mestiço ou caboclo da praia -, o trabalho e a eficiência alemã são identificados por SEYFERTH como os principais elementos de diferenciação étnica na atualidade. Segundo a autora, esta oposição é vista em termos de "atraso e progresso" e os não alemães são vistos como "intrusos" que vieram se beneficiar do desenvolvimento produzido pelos alemães (1982:17-9).

101

### Pesquisas & Pesquisadores

<sup>9</sup> A igualdade entre a idealização do trabalho e da eficiência alemã e italiana - vista desta forma pelos últimos - é uma característica das relações interétnicas em cidades industriais como Blumenau e Brusque. Em contatos mantidos no espaço rural por camponeses de diversas origens étnicas - onde existe uma simetria entre essas posições ocupadas na estrutura econômica - "cada grupo, etnocentricamente, se situa em primeiro lugar numa ordem étnica hierarquizada" (SEYFERTH, 1993:59).

10 Estes depoimentos foram extraídos do artigo A representação do "trabalho alemão" na ideologia étnica tento-brasileira, de Giralda SEYFERTH. Segundo a autora, a coleta dos dados foi efetuada entre 1974 e 1976, principalmente no município de Brusque, sendo que o conteúdo dos depoimentos expressaria uma visão idealizada generalizável ao grupo étnico ítalo-brasileiro no Vale do Itajaí. Sobretudo no indivíduos que habitavam as cidades indus-

triais e tinham como ocupação o trabalho como operário em fábricas (SEYFERTH, 1982).

Os dados contidos nestas citações foram retirados de entrevistas realizadas por mim, em 1990, com indivíduos que migraram do litoral catarinense para Blumenau nas décadas de 40 e 50. Os questionamentos apresentados aos informantes tinham o objetivo de obter informações sobre a percepção do relacionamento interétnico no pós-guerra em Blumenau. Como a seleção da amostra foi intencional, não podemos generalizar os resultados para o universo da pesquisa. Entretanto, as referências à importância do trabalho alemão estiveram presentes em quase todas as entrevistas realizadas.

<sup>12</sup> Segundo COHEN, "se uma nova linha de divisão [line of clearage], como a de classe social, cruza as linha étnicas, a identidade étnica e a exclusividade serão inibidas por alinhamentos emergentes correspondentes. Os pobres de um grupo étnico cooperarão com os pobres de outro grupo étnico, que irão, por sua vez, cooperar no curso da luta para manter seus privilégios" (Abner COHEN apud SEYFERTH, 1981:201).

13 SEYFERTH aponta, ainda, uma quarta linha de divisão do grupo étnico teuto-brasileiro: "a ponte formada

pelo colono-operário entre a cidade e o campo" (1981:203-4).

l'Em um levantamento realizado durante meu mestrado – ver TOMIO (1995:120-4) –, onde utilizei como parâmetro de medição o sobrenome paterno, foi possível verificar que a maioria absoluta dos empresários associados à ACIB e ao Sindicato Patronal Têxtil (SINTEX) possuíam ascendência alemã, sendo que entre os diretores das entidades essa característica era mais acentuada. Não pretendi com isto realizar um recenseamento étnico da burguesia blumenauense, o que seria de um substantivismo equivocado, mas somente indicar que a manipulação ideológica de uma das categorias étnicas presentes no Dentschhrasiliamentum (a migem, que atribuiria algumas qualidades inerentes aos portadores do "sangue alemão") teria um amplo e fecundo campo entre esse

grupo social

15 A análise da inserção, no discurso dos empresários de Blumenau, dos valores que compõem a ideologia étnica teuto-brasileira foi realizada em duas partes. Na primeira, realizei uma leitura sistemática de todos os artigos assinados, entrevistas concedidas e opiniões expressas pelas lideranças empresariais blumenauenses, publicadas entre 1985 e 1994, nos seguintes periódicos: Jornal de Santa Catarina, revista Expressão (editada pela FIESC), Boletim Informativo ACIB e Informe Urgente (editados pela ACIB) e Painel Têxtil (editado pelo SINTEX). Além destes, aleatoriamente, também foram verificadas outras publicações nacionais e estaduais que contivessem informações correlatas às anteriores. Na segunda parte, executei entrevistas pessoais com sete empresários que ocuparam posições de liderança, tanto pelo exercício da direção das entidades de classe (ACIB e SINTEX) quanto pela presença recorrente nos órgãos de imprensa citados anteriormente. As entrevistas foram formadas por questões abertas e continham um roteiro semi-estruturado, favorecendo a expressão livre de opiniões por parte dos informantes. As duas verificações foram orientadas pela busca de posições ideológicas que expressassem formas de distinção étnica. Especificamente, atentou-se para a presença de proposições que: atribuíssem uma causalidade entre a imigração alemã ou a cultura teutobrasileira e o desenvolvimento econômico da região de Blumenau; definissem uma hierarquia entre a capacidade de trabalho e a eficiência econômica dos diversos grupos étnicos; e especificassem características próprias e singulares que marcassem a organização coletiva e a prática associativa blumenauense, relacionando-as à origem étnica alemã.

16 A noção de habitus é incorporada aqui em seu sentido atribuído por BOURDIEU. Segundo este autor, as "estruturas constitutivas de um tipo particular de meio" produzem o habitus, que são "sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador de práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem ser o produto de obediência a regras". Desta forma, o habitus funciona como o encadeador das ações, tanto individuais quanto de um grupo ou classe social, de forma parcialmente homogênea devido a uma similarida-

de nas condições de existência e formação dos atores sociais (BOURDIEU, 1983:60-1).

## **Esporte & Lazer**

Ano promissor para o esporte blumenauense

TEXTO:

FRANCISCO MARIO\* Com esta coluna Esporte & Lazer iniciamos o registro de acontecimentos divulgados nos diversos periódicos que circularam em nossa cidade e região. Os fatos que marcaram época no esporte e lazer serão selecionados pela sua importância e abrangência. Abrimos esta edição com uma notícia extraída do Jornal Lume de 31 de dezembro de 1961, no qual é feito um balanço do esporte futebolístico blumenauense e suas expectativas para o ano de 1962.

Em outro texto selecionamos um comentário publicado no Jornal Cidade de Blumenau, datado em 15 de setembro de 1967, em cujo artigo "Turismo, sem sabedoria e empirismo" o autor questiona e emite opiniões sobre o turismo local, suas deficiências, importância para o desenvolvimento econômico e expectativa diante da constituição da Comissão que irá tratar deste assunto.

### Ano promissor para o esporte blumenauense

O ano de 1962, promete ser de grandes acontecimentos esportivos para Blumenau, uma vez que está programada para nossa centenária cidade a realização dos Jogos Abertos de Santa Catarina.

Possivelmente teremos o início da construção do ginásio coberto, para tanto, as nossas autoridades desportivas, estão desde já trabalhando para tal fim. Pelo que consta, no início do ano, deverão procurar conseguir junto ao Governo Estadual a doação de um terreno situado numa das ruas transversais da Alameda Rio Branco. O local é excelente para um ginásio coberto.



<sup>\*</sup> Colunista do Jornal Lume. Blumenau, 31/12/1961. P. 5

BLUMENAU EM CADERN Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC



Representação dos atletas blumenauenses em desfile na abertura dos IIIº Jogos Abertos de Santa Catarina, realizados entre 21 a 26 julho de 1962. Local: Estádio do Grêmio Esportivo Olímpico.

Isto acontece no setor do esporte amador, no setor do futebol, tanto profissional como amador. Grandes realizações estão sendo projetadas, cuja concretização está prevista para 1962. Nossas agremiações amadoristas, principalmente os integrantes da Segunda Divisão da L.B.F. estão procurando dotar suas praças de esportes de requisitos mais cômodos e que ofereçam mais segurança aos atletas, autoridades e assistentes.

A primeira Divisão ou a Divisão de Honra do LBF está também com os ponteiros prontos, iniciando pelo União da cidade de Timbó, embora corram boatos pela cidade de que o mesmo venha a se desligar da L.B.F., está com os olhos voltados para a sua praça de esportes, iniciada em 1961. Os trabalhos de modernização de sua praça de esportes deverão estar concluídos em 1962, com a colocação de um magnífico alambrado e outras melhorias.

O Floresta da cidade de Pomerode já se encontra em movimento, melhorando sua praça de esportes, também o alambrado, segundo os mentores do alvi-verde de Pomerode, estará pronto em 1962.

Da cidade de Gaspar nos chega a notícia de que o Tupi, com toda sua enorme família "índia" está remodelando totalmente sua praça de esportes, com a remoção total do terreno onde se encontrava a antiga praça de esportes. Atualmente o Tupi não tem campo, o que vem a ser bastante pesado ao "índio" gasparense. Suas últimas apresentações à platéia esportiva do Vale não foram boas,

isto devido, como já dissemos à falta de campo para treinamentos. Todavia o jovem Valmor Beduschi, com o apoio da grande família tupiense, vem realizar verdadeiro "blitz" no sentido de dotar Gaspar de uma magnífica e excelente praça de esportes, o que será sem dúvida alguma, o estádio Carlos Barbosa Fontes, após o término das obras.

Lá na Itoupava-Norte encontramos o Guarani com roupa nova, ostentando a bonita e bem montada praça de futebol, com a instalação de projetores para jogos noturnos que é uma maravilha em iluminação. Não param os guaranis. Segundo conseguimos saber, este ano já foram concretizados em pranchetas as obras das modernas arquibancadas que em 1962 circundarão o campo do Guarani, velho sonho dos batalhadores do clube orientado pelo Sr. Rolf Kuehnrich.



Guarani Futebol Clube. Da esquerda para a direita em pé: Massagista Bugre (Apelido) 2. Edgar Muller- 3. Heinz Wuerges – 4. Otávio Maffezzolli – 5. Pivi (apelido) – 6. Laçava – 7. Nana (apelido) – 8. Daniel – 9. Edgar Knaesel (técnico) – 10. Nandinho (apelido) – 11. Sagüi – 12. Bodinho (apelido) - 13. Arno Corrêa – 14 Eurico Abreu da Silva. (Data provável década de 50).

No bairro da Velha temos a S. D. Vasto Verde, que em 1961, construiu a majestosa arquibancada, alambrado e outros melhoramentos que introduziu em sua praça de esportes. Foi todavia uma das praças que mais sofreu prejuízos com a enchente de outubro – novembro. Os prejuízos foram enormes, sendo que a reconstrução da praça de esportes está novamente quase concluída. Para o ano que se inicia espera-se que o Vasto Verde realize outras benfeitorias.

Na Alameda Rio Branco, o G. E. Olímpico tem programado grandes planos de construção, agora quase que paralisados devido à séria crise surgida no seio da diretoria. Todavia, tudo já está normalizado, tendo voltado à frente dos destinos do clube da baixada o grande desportista Osni Kirsten. Para o ano o plano piloto crescerá a olhos vistos, com o velho Osni a comandar a nau na baixada.



Estádio do Grêmio Esportivo Olímpico solenidades de abertura dos IIIº Jogos Abertos de Santa Catarina, realizados entre 21 a 26 julho de 1962.

Na Alameda Duque de Caxias todos podem ver o que está acontecendo, o Palmeiras E.C. está remodelando totalmente sua praça de esportes, tendo iniciado várias obras neste sentido. Sem campo propriamente dito, o Palmeiras tem registrado feitos extraordinários no cenário do futebol.

Assim como o Olímpico, o Palmeiras, bem como o Vasto Verde, sofreram as conseqüências das cheias do Itajaí-Açu que causou grandes estragos em todos os setores.

No bairro proletário da Cidade, e dentre todas as agremiações citadinas, a que mais sofreu foi sem dúvida alguma o clube anilado do Garcia, cuja praça de esportes, o Estádio da Empresa. Industrial. Garcia, de propriedade daquela firma

industrial, onde milita seu futebol, foi totalmente destruída pela enchente. Não restando nem um poste do magnífico alambrado, tudo veio abaixo e reduzido a escombros: sua sede, pista de atletismo, quadras de Vôlei, tudo enfim, nada restando daquela que outrora foi a mais bonita e melhor praça de esportes do Vale. Mentores anilados, estão trabalhando ativamente no sentido de colocar novamente no cenário da cidade aquela que tão duramente foi destroçada pelas águas. Máquinas possantes, caminhões, operários especializados, tudo está em movimento no bairro do Garcia. Dentro de breves meses estará tremulando no mastro do Estádio da Empresa. Industrial. Garcia o pavilhão alviceleste do Amazonas.

Neste ano que vai se definindo, muitos foram os que não quiseram receber com a devida desportividade as críticas, as crônicas, sempre construtivas, as nossas sugestões. Também nós por vezes sentíamos doer em nosso íntimo alguma crítica feita por este ou por aquele desportista, mas sabíamos e sabemos receber todas elas, partam de onde partirem, como verdadeiros homens do esporte que somos. Podemos ter praticado erros, podemos ter dito algo que não devíamos, errar é humano, mas calar a verdade nunca. Para o ano que se inicia, estaremos prontos a dar nosso apoio às boas iniciativas, às causas justas, desde que as mesmas venham em benefício do próprio esporte de nossa terra.

### Esporte & Lazer

Turismo em estudo, sabedoria e empirismo<sup>1</sup> "Cadastrar as disponibilidades na matéria, criar condições e organizar um calendário criterioso, eis como deve ser dado o primeiro passo para a instauração do Turismo na cidade, como indústria e meio de educação através da ilustração". Estas foram as declarações do Diretor da Rádio Alvorada de Blumenau.

Agora que o turismo em nossa cidade passa a interessar diretamente e em caráter oficial aos órgãos públicos municipais, nada mais oportuno do que ventilarmos o problema com a intenção de que se lance luz sobre o assunto.

Uma comissão já foi criada e seus membros investidos das funções, pairando agora a interrogação no seio da opinião pública a respeito de como será atacado o problema e em que prazo as soluções surgirão. Com o propósito de esclarecer e debater o tema, ouvimos o Sr. Nagib Sebastião Barbieri, pessoa afeita ao assunto pelas inúmeras participações que teve em trabalhos similares em outras ocasiões.

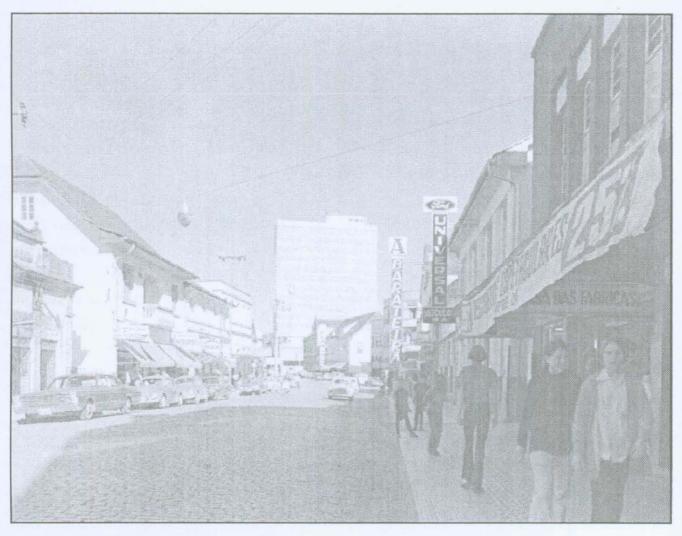
### Viga Mestra

O turismo baseia-se no aproveitamento do tempo disponível para novos encontros e buscas de conhecimentos, através de visitas que propiciem novos subsídios para o aprimoramento do conhecimento humano; estas são em linhas gerais a intenção do turista, esta deve ser, por extensão, a meta do turismo.

Ele é antes de tudo, uma indústria de visitação e entretenimento onde os fatos, os episódios ou as mostras devem ser bem apresentadas, de maneira natural sem que não seja transformada a sua condição essencial de recreio, embora cultural.



<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Artigo publicado no Jornal Cidade de Blumenau. Blumenau, 15/09/1967.



Vista do comércio da rua XV de Novembro nos anos 60

Devemos partir do que temos e nada mais além disso; se o que temos é pouco é daí que devemos operar o milagre da multiplicação. Milagre só com esforço se prospera e se multiplica. Para tanto é necessário primeiramente que tenhamos em mãos um cadastro de nossas disponibilidades para saber com que contamos para depois, planejarmos onde vamos.

O problema em si não contém mistérios, basta que seja bem encaminhado por pessoas especializadas e que as soluções encontradas sejam do confronto de pontos de vistas sem a preocupação de fazer prevalecer a opinião de quem quer que seja senão aquela surgida do próprio diálogo franco e livre.

### O Que Temos

Blumenau possui produtos industriais bastante conhecidos em todo o País e mesmo no exterior. Temos clubes que conservam os costumes tipicamente germânicos e nada melhor do que conservarmos e incentivarmos esta cultura, que poderá ser aquela que produzirá os melhores frutos dentro do turismo como indústria.

O pavilhão da FAMOSC é uma lembrança para aqueles que se interessam por turismo, ou queiram implantá-lo em nossa cidade, ele não deve continuar vazio, servindo apenas como local de eventuais festejos que só se repetem em longínquos espaços de tempo.

A nossa Biblioteca Municipal Fritz Mueller e outras casas de cultura não devem procurar o convencionalismo de suas congêneres disseminadas pelo País afora; pelo contrário, o ideal seria transformá-las em ambiente que lembrassem as tradições das origens de nossos antepassados.

Quanto interesse não despertaria uma casa de livros instalada nos moldes daquelas existentes há séculos passados no centro da civilização germânica?

Nossa igreja Matriz é ponto de atração turístico, mas acima de tudo é um templo religioso e como tal retém o visitante por pouco tempo: o necessário apenas para suas preces e conhecimento da majestosa obra.

#### Não Temos

Por incrível que pareça Blumenau, que é conhecida em todos os Estados da Federação pela sua grande proporção de elementos de origem alemã e não possui um só restaurante típico, na acepção da palavra, lamentamos bastante esta falha, mas não debilitemo-la no procedimento de nossos comerciantes especializados, porque nada adianta um recinto como este se o turismo não é organizado, incentivado e sobretudo amparado pelas autoridades públicas como parece agora que vai sê-lo

Ao poder público não deve caber a tarefa de construir restaurantes, parques públicos; em absoluto. O governo da cidade deve estimular tais iniciativas com facilidades concretas, no aspecto.

Acredito firmemente que, se o município estimular a construção destes estabelecimentos, com facilidades fiscais, entre tantas outras, eles surgirão de imediato. A iniciativa privada em nossa cidade é de extrema potencialidade e temos provas concretas disso.

Nossos homens de empresas, se mais não fazem, é devido à falta de motivação para tanto. Na hora precisa, entretanto, todos cerrarão fileiras e o melhor virá.

Também necessitamos de parques públicos, com reais atrativos, principalmente para os turistas mirins. Miremo-nos no exemplo do município de Brusque que transformou uma elevação situada nas cercanias da cidade, em autêntica atração não só para forasteiros como também para a própria população da comuna. Aí, também, entrará, em segunda etapa, a iniciativa particular, logo que os primeiros passos sejam dados pelo poder público. E questão de iniciar, sem vacilar.

### Por que?

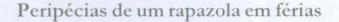
O diretor da Rádio Alvorada de Blumenau prestou estas declarações a propósito da notícia segundo a qual a Comissão de Turismo estaria sem a devida inspiração para dar conta de sua tarefa, expressando em seguida concordância em colaborar na medida do que lhe esteja ao alcance desde que o esforço, então conjunto, fosse revertido realmente em proveito da implantação da indústria do turismo em nossa terra, que, segundo acentuou, "é trabalho promissor e de grande sentido para o desenvolvimento da cidade".

### Memórias

Peripécias de um rapazola em férias

TEXTO:

ORESTES NESTI\*



Em 1927, quando tinha 14 anos de idade, tendo nascido e vivido em São Paulo, meus pais resolveram proporcionar-me uma viagem a Blumenau. Minha mãe, Olga, blumenauense, vivia com a família em São Paulo onde também estavam sua irmã Irma e seu irmão Arthur Bürger, que posteriormente foram fixar-se no Rio de Janeiro.

Como estava programado o casamento de uma tia minha, Wally, em dezembro daquele ano, em Blumenau, embarcamos, eu e a tia Irma, no navio "Anna", da Cia. Carl Hoepcke que partiu do porto de Santos. Era a primeira vez que viajava por mar; assim que o navio saiu da barra começaram os enjôos. A primeira parada foi em São Francisco, onde presenciei o cozinheiro de bordo querendo preparar uma galinha para a refeição, agarrou-a, e, com seu dedo médio de sua pesada mão deu uma forte pancada na cabeça da ave que saiu cambaleando pelo tombadilho do navio até cair no mar onde ficou flutuando.

Em seguida zarpamos para o porto da cidade de Itajaí, cujo trapiche era de madeira. Aguardamos a partida do vapor fluvial onde embarcamos navegando rio Itajaí acima rumo a Blumenau. Tudo, para mim, constituía a maravilha das maravilhas pelo inusitado da viagem.

Chegando à cidade fomos de "trole" de 4 rodas puxado por cavalos para o bairro Garcia onde minha vó Maria, viúva de Hermann Bürger e filha de Jacob Schmidt, vivia no sítio em companhia de sua filha Wally e do filho caçula João, de uma prole de 10 filhos e 5 filhas.

Foi-me destinado a cama de dormir no sótão da moradia, grande novidade para mim; durante a



<sup>&</sup>quot; Estas memórias foram escritas em São Paulo, maio 2001.

noite percebia um esvoaçar estranho e intermitente por sobre a cama que me deixou apreensivo e intrigado; na manhã seguinte fui informado que tratava-se do esvoaçar de morcegos, atraídos pelos cachos de banana dependurados no fundo do sótão.

O café da manhã, sem açúcar, era acompanhado de pão preto com manteiga e uma espécie de geléia, chamada "muss", feita com açúcar mascavo com laranjas ou carambolas: tudo feito em casa e de muito sabor.

Em seguida à moradia, depois do paiol de madeira, estendia-se um vasto pasto plano por onde corria uma regato à beira do qual viviam patos, marrecos e gansos, que, grasnando e batendo as asas, atacavam e perseguiam os intrusos; havia no pasto também vacas e cavalos, além das cocheiras.

Nos limites da parte plana, começava um morro por onde se subia através de uma larga picada; certa ocasião fomos ao alto do morro apanhar aipim e ananás que eram trazido morro abaixo por uma espécie de trenó que deslizava pela picada. Tendo esquecido o facão lá em cima, dispus-me a ir buscá-lo; ao encontrar o facão ouvi ruídos estranhos e o rosnar de algum bicho no meio do mato. Apavorado desabei morro abaixo, contando em casa a razão do meu pavor; informaram que tratava-se dos porcos que por ali costumavam perambular.

Um dos tios tinha seu sítio um pouco adiante do outro lado da estrada, junto ao ribeirão Garcia. A porteira, junto à estrada, ficava no alto de pequena ladeira; sentado no banco da carroça de 4 rodas, os cavalos, na descida apressavam o trote, acontecendo, às vezes, eu caia de costas para o piso da carroça. Com meus primos íamos ao ribeirão nos refrescar e divertir. O leito da corrente era revestido de pedras por onde deslizava a água límpida e rápida. Via-se os peixes cascudos deslizando sobre as pedras. Ali, apoiado em um pedaço de tronco de bananeira aprendi a nadar.

Querendo participar do corte da cana, empunhei uma foice e tratei de imitar os demais cortadores; portei-me com tal mau jeito que acabei atingindo minha canela com a ponta da ferramenta, desistindo da pretensão de tornar-me um cortador de cana.

Bandos de pássaros, principalmente de periquitos, voando e chilreando, atravessavam o espaço iluminado pelo forte sol de dezembro.

Levaram-me a um sítio de um tio, localizado em local distante, junto a um denso bosque; os primos relatavam que a mata era povoada por muitos bichos e que havia cobras que chegavam a penetrar na moradia. Havia também um regato povoado de pequenos peixes e camarões de água doce. Impressionado com as histórias ouvidas, de noite não consegui dormir. Saí da cama e quedei-me sentado no chão do quarto (era uma noite de luar), atento ao redor para observar se alguma cobra se aproximava, coisa que somente poderia ocorrer na imaginação de um menino criado e vivido na cidade grande.

A cerimônia de casamento de tia Wally realizou-se na igreja católica da cidade. Em seguida os noivos, padrinhos e parentes foram ao estúdio do fotógrafo; em seguida, rumaram para o sítio onde a festa de casamento estava preparada com muita fartura, com doces e bolos para os convidados. Como a festa fora num sábado, no domingo, pela manhã os parentes e familiares foram para a missa dominical; viajava-se em carros de mola com cobertura; em certos trechos do caminho, o ribeirão Garcia, margeava a pedregosa estrada.

No momento do sermão, o padre que celebrara o casamento, notou a ausência dos nubentes entre os fiéis; acrescentou, no idioma alemão, que, apesar da festa da véspera, bem poderiam ter comparecido à missa.

Com o recém-casado tio Paul íamos até a cidade de carroça vender ananás pelo preço de 100 réis cada, na rua XV de Novembro e adjacências. No fim do dia o preço caía para 50 réis e ainda me fartava em matar a sede com os gostosos ananases.

Em diversas ocasiões íamos visitar os parentes que moravam em outros lugares; assim, fomos ao bairro da Velha onde morava um tio que possuía uma marcenaria e fabricava móveis e carrinhos para os meninos. Com os primos Arno, Alex, Arnoldo e outros combinamos fazer uma corrida com os cavalos do tio. Aprontados os animais, saímos em disparada para ver quem ganhava a corrida; cheguei em primeiro lugar, mas, por imperícia esfolei o tornozelo no estribo de ferro da montaria, da qual desmontei sangrando, cujas cicatrizes permanecem até os dias de hoje como lembranças daqueles tempos.

Assim terminam as recordações de um menino de férias em Blumenau no ano de 1927, que neste ano de 2001 completa 87 anos de idade.

### Memórias

Uma rua especial - rua 15 de Novembro

TEXTO:

GRETE BAUMGARTEN MEDEIROS\*



### Uma rua especial - rua 15 de Novembro

Existem centenas de ruas com este nome pelo Brasil afora, mas a nossa rua 15 de Novembro é especial, ela é o coração da cidade.

Ela toma parte em tudo o que acontece em Blumenau. Nas margens dela passei minha infância e adolescência. Durante longos anos era uma rua pacata e macadamezada.

Bem de gosto da meninada loira e sadia que a tinham como a continuação de seus quintais. Nela circulavam carroças, carros de cavalo, as famosas Kutschen, os táxis da época. Poucos automóveis. Nosso primeiro auto foi comprado de um proprietário em Itajaí. Meu pai olhou, fechou negócio, ouviu algumas recomendações, embarcou a família e voltou a Blumenau sem nunca ter pego num volante... ninguém precisava de documento algum. Bons tempos.

Todas as manhãs passavam pela rua carrocinhas distribuindo o pãozinho fresco para o café da manhã. Para o conforto das donas de casa, cedo chegavam as carroças com verduras, galinhas, patos, marrecos, ovos etc. Vinham da Velha Grande, Alto Garcia e Estrada de Areia. O leite era também trazido do interior. Em pouco tempo as carroças eram rodeadas pelas alegres compradoras. O carroceiro já era velho conhecido. O encontro das vizinhas servia também para um bom bate-papo, e para pôr em dia as últimas.

Nas noites mornas de verão, a criançada se divertia cavando de baixo dos postes à procura de carochas grandes, às vezes já com chifres. Esta brincadeira chegou ao fim com o calçamento da rua com paralelepípedos. Os postes de madeira foram

<sup>\*</sup> Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

trocados por postes de cimento. Foi sem dúvida um grande avanço. Blumenau agora já possuía uma linha de ônibus que ligava o centro da cidade ao bairro de Itoupava Seca, chamado na época de Altona. Esta primeira linha pertencia ao Sr. Thierling.

As horas mais movimentadas pela rua eram ligadas ao horário do trem. Perto do Natal o movimento aumentava muito. As famílias traziam as crianças para olharem e se deliciarem com as vitrines repletas de brinquedos e enfeites natalinos. Era comum as pessoas do Alto Vale fazerem suas compras em Blumenau.

Todos os eventos e comemorações passavam pela rua 15. Tenho uma remota lembrança, quando aos cinco anos de idade, levada pela mão de minha mãe, assisti ao desfile dos carros alegóricos durante os festejos do centenário da Independência do Brasil, dia 7 de setembro de 1922.

Houve tempo em que esta data era sempre festejada com um desfile.

O Exército e os alunos dos colégios desfilavam e marchavam com garbo e trajados com seus uniformes de gala. Sempre muito aplaudidos.

É lastimável que hoje caiu em desuso. Festejos em memória do passado estimulam o patriotismo. Temos uma linda bandeira e o mais vibrante Hino Nacional, deveria ser muito valorizado ...

A chegada de um circo à cidade trazia sempre muita alegria e animação. Todas as tardes passavam pela rua os componentes da companhia: atletas, artistas, animais e principalmente os palhaços fazendo suas gracinhas. Convidavam assim o povo para o espetáculo à noite. Alegremente a meninada corria atrás, ajudando na propaganda para ganharem um ingresso.

Do planalto de Lages uma vez por ano chegavam tropeiros em seus cavalos carregados de mercadorias a serem negociadas na cidade. O tropel dos cavalos atraía o povo. O destino era o Hotel São José de propriedade do Sr. Michels. A tropa esperava chegar a noite para entrar na cidade. Em pouco tempo o pátio em frente do hotel estava tomado pelas mantas de lã e couro, mostrando o que tinham trazido para vender. Eram queijos de diversas qualidades, charque, carne de sol, frutas frescas e secas como maçãs peras, pêssegos, etc. Traziam também mel e açúcar mascavo.

Também passavam coisas tristes pela nossa rua como cortejo fúnebre. Ao passar um enterro, o comércio, em sinal de respeito fechava as portas.

Politicamente os blumenauenses eram um povo pacato e pacífico. Estourou então uma bomba que os tirou do sério. O governador do Estado houve por bem retalhar o município de Blumenau. Gerou uma grande revolta. As autoridades juntaram-se ao povo indignado. Houve uma grande manifestação e uma passeata em sinal de protesto. Lembro das palavras do Juiz de Direito, Dr. Amadeu da Luz, se referindo ao governador: "Este boi de botas que nem sequer sabe pisar nos tapetes do palácio ..." Bem, não deu em nada, Blumenau ficou menor mas não deixou de crescer. Uma noite os moradores da rua XV de Novembro foram acordados com uma voz aflita pedindo socorro. Era Frei Ernesto Emmendoerfer que vinha correndo tocando um sininho e gritando em alta voz: "Socorro! Socorro! A capela está em chamas!". O pedido foi prontamente atendido. Com muitos braços, muita água e baldes passando de mão em mão, o fogo foi controlado e a capela salva. Na época, é claro, não havia corpo de bombeiros.

Blumenau teve alguns visitantes ilustres. O Presidente da República Getúlio D. Vargas passou a pé pela rua, trajando um terno branco e levando na mão um chapéu de palha. Abanando e sorrindo. Durante os festejos do centenário de Blumenau, Dr. Nereu Ramos veio representar o Presidente, desfilou de carro aberto. Marechal Castelo Branco, como Presidente visitou Blumenau, passou em carro fechado. A visita mais breve foi do Presidente Emílio Garrastazu Médici, ele sobrevoou a cidade.

Poucas cidades possuem um rio no centro da cidade como Blumenau. O rio Itajaí embeleza a cidade, mas também tem suas manhas ... As enchentes são uma constante ameaça. Nos anos 1983 e 1984, nossa cidade sofreu duas cheias que fizeram muito estrago. A cidade ficou literalmente coberta de água. O prefeito na época era Dr. Dalto dos Reis. Preocupado com o desânimo dos munícipes, teve a idéia de fazer algo para dar novo alento ao povo.

Nasceu assim a primeira Oktoberfest. Bom, é preciso perguntar se deu certo? Hoje a Oktoberfest, para quem não sabe, festa de outubro, é conhecida dentro e fora do Brasil. Todos os anos ela está de volta e sempre com novidades.

Os desfiles dos carros alegóricos vêm cada ano mais ricos. São o ponto alto da festa, não esquecendo a passagem do Carro do Chopp, com distribuição grátis. No ano 2000, Blumenau completou 150 anos de fundação. O presente de aniversário que ganhou foi a reurbanização da rua XV de Novembro, um belo vestido novo. A rua foi toda reformada, os velhos paralelepípedos foram trocados por pedras coloridas, formando desenhos. Ela também ganhou bancos e muitas floreiras com belas flores, fazendo assim, jus ao nome: Blumenau: Campo de Flores.

### Crônicas do Cotidiano

- No tempo da bolacha Maria
- Mobilidade Social

TEXTO:

URDA ALICE KRUEGER\*

# em Cadernos

### No tempo da bolacha Maria

Eu cresci no tempo antigo, antes da televisão, da geladeira, dos supermercados e das guloseimas sofisticadas de hoje. Na minha infância, comia-se bem, mas a variedade era pouca. Uma mesa de café farta era uma mesa que tinha pão (de casa ou de padeiro - pão de padeiro não era comprado na padaria: o padeiro o entregava nas casas, de manhã cedo, com uma carrocinha puxada a cavalo.), queijo branco e queijo amarelo, lingüiça, manteiga (ainda não existia a margarina por aqui), nata fresca, mel de abelha e os muitos mussis que as mães da gente faziam com as frutas do pomar. A gente variava desse jeito: hoje comia pão com mel e nata; amanhã, pão com manteiga e mussi de banana. Em dias especiais, comprava-se um pouco do caro salame, considerado iguaria, comido com parcimônia devido ao preço. Se a mãe da gente fosse prendada, que era o caso da minha, fazia uma porção de docinhos de polvilho no forno à lenha, e gostosos bolos nos dias em que fazia pão.

Para comprar na venda (para os jovens: venda é o antepassado de supermercado.), havia balas azedinhas e balas de coco-queimado, mata-fomes (uma bolacha grosseira, feita por padeiro), e a bolacha Maria. Não pensem, porém, que chegava-se na venda e se comprava um ou dois pacotes de bolacha Maria, como se faz hoje - não, a gente pedia 200 gramas de bolacha Maria, e o dono da venda abria uma lata enorme cheia de bolachas, e pesava os 200 gramas num saquinho de papel pardo, que a gente levava para casa com muito orgulho, quiçá se exibindo para as outras crianças que não tinham comprado bolacha Maria. Vale lembrar que a bolacha Maria daquela época era igualzinha à que existe hoje.

<sup>\*</sup> Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

As balas e a bolacha Maria eram o máximo de guloseimas que existia na minha infância, nos dias normais. Em dias especiais, que eram o Natal e a Páscoa, ganhava-se chocolates. Chocolate era uma coisa que só era vista nessas duas ocasiões do ano. Minha tia Frieda, quando vinha do Rio de Janeiro, uma vez por ano, trazia uma balas de coco diferentes, que eram a nossa alegria.

Na época em que entrei na escola, lá por 1960, começaram a existir outras guloseimas: o sorvete-seco, a maria-mole, o puxa-puxa. Minhas professoras, todas freiras oriundas de Minas Gerais, um dia fizeram e venderam no colégio legítimo doce-de-leite mineiro. Que sabor maravilhoso que aquilo tinha! Por anos, talvez, sonhei em comer aquilo de novo-ainda tenho aquele gosto de doce-de-leite na boca!

Havia em Blumenau, também, as confeitarias: Socher, Tönjes, lugares sofisticados onde às vezes o meu pai me levava para comer um doce diferente. E havia as cocadas e os sonhos que se compravam quando se viajava de trem, mas tudo isso eram exceções: o dia a dia só nos apresentava as pobres balas das vendas, e a bolacha Maria. Balas mais sofisticadas só apareceram na minha adolescência (Chuva de Ouro, Chuva de Prata, bala de cevada), e eu estava bem grandinha quando surgiu o chiclete de bola Ping-Pong, sabor hortelã.

De repente, lá por volta de 1970, houve um "boom" nas guloseimas. Em primeiro lugar, apareceram os supermercados com variedades incríveis de bolachas recheadas, iogurtes, coisas divinamente saborosas, que não conhecíamos. Os frios de multiplicaram, e lembro da primeira vez que comi presunto cozido: que coisa deliciosa! Era toda uma nova gama de sabores que vinha encantar a gente, e foi também ali por volta de 1970 que surgiu em Blumenau uma novidade fantástica: os carrinhos de cheese-salada! Com certeza, nas últimas dez décadas de história da cidade, não havia acontecido nada parecido com aquele americanismo que vinha, de repente, modificar profundamente os nossos gostos alimentares. Com o cheese-salada veio a descoberta da mostarda amarela, do catchup, da maionese sem ser com batatas, a valorização do milho verde e da ervilha, a descoberta do gosto picante do molho de vinagrete. A mistura de todos aqueles sabores novos num só sanduíche era uma coisa paradisíaca, e um programa importante na minha juventude era ir comer cheese-salada, não importava que fosse cinco horas da madruga - não se podia sair de uma festa e ir dormir sem um abençoado cheese-salada!

O tempo passou, e todos os novos sabores que surgiram faz quase três décadas se incorporaram normalmente ao nosso dia-a-dia, e creio que já não saberíamos viver sem eles. Mas, às vezes, me bate uma saudadezinha da minha infância, da simplicidade das guloseimas de então, e daí passo no supermercado e compro ... um pacote de bolacha Maria. Continua sendo muito gostosa.<sup>2</sup>

### Mobilidade Social

Sábado de manhã, frio e sol, e arranjo um tempo para andar na rua, curtir uns raros momentos de ócio, sem imaginar como a manhã estava cheia de novidades.

É gostoso andar pelo centro de Blumenau, nas manhãs de sábado: é dia de banda, de sentar na praça, de encontrar inesperados amigos. No embalo do sábado de manhã, fiz o tradicional: sentei na praça para ouvir a banda. Descompromissada com a vida, fiquei a observar o que acontecia por ali, e comecei a reparar um homem jovem que tinha tudo para ser um índio. Ele tinha cabelo de índio, uma certa cara de índio, e estava vendendo artesanato de índio, ao mesmo tempo que ostentava incríveis olhos azuis e era muito alegre, sorrindo e dançando ao som da banda. É claro que puxei conversa com ele.

Ele era Edvino, mestiço de índio com alemão, mas se considerava como integrante da tribo Xokleng. Conversamos por algum tempo, senti o quanto ele leva a sério os vínculos tribais, que são quase como vínculos familiares para nós. Edvino foi analfabeto até os 25 anos. Hoje, com 42, fala bem o português e sabe se expressar com fluência, e já viajou pelos três estados do Sul do Brasil, o que lhe deu uma relativa cultura geral. Conversa vai, conversa vem, pergunteilhe se tinha chegado a conhecer o Eduardo.

- O Eduardo? Dois netos dele moram comigo aqui em Blumenau! - ele impou de prazer ao me ver interessada em coisas de sua gente.

Quis saber sobre os netos do Eduardo: semi-analfabetos, eram serventes de pedreiro na minha cidade.

Agora é hora de explicar quem era o Eduardo: era Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, neto do Duque de Caxias, carioca que pacificou os nossos índios Xokleng, salvando-os do extermínio por assassinato em massa, coisa que a nossa sociedade da época aprovava e aplaudia. Figura polêmica, tanto foi amado, quanto odiado ao extremo, mas gastou toda sua vida na Reserva Indígena que atualmente se situa em José Boiteaux. Acabou ficando na história apenas com o nome de Eduardo, e sei que ele foi casado com uma mulher alemã, mas que também teve filhos com uma mulher índia. Pesquisei com meu amigo Edvino para saber de que forma os amigos dele descendiam do Eduardo, e não deu outra: descendiam

de Eduardo pela linha indígena. Aí eu fiz as contas: se aqueles rapazes eram netos do Eduardo, e se Eduardo era neto do Duque de Caxias, eram eles tataranetos do Duque de Caxias.

Agora façam as contas vocês: o Duque de Caxias, querendo ou não, foi uma das figuras mais proeminentes deste país. Todos nós aprendemos sobre ele na escola; todos os livros de história do país trazem sua fotografia de líder bem aprumado e respeitado. Só faz um século, e o Duque de Caxias dava as cartas no Brasil. Só um século, e seus tataranetos são serventes de pedreiros semi-analfabetos em Blumenau, provavelmente sofrendo humilhações e preconceitos, como é comum acontecer aos pobres, ainda mais se tem cara de índio. Falei para Edvino sobre o antepassado glorioso deles, mas Edvino nunca ouvira falar em Duque de Caxias. Achava que era o nome de um rio.

Era meio-dia, eu tinha que ir. Despedi-me de meu amigo índio de olhos azuis, e comecei a voltar para casa. Trinta passos adiante, encontro meu amigo Gaspar Branco Neto.

Eu conheci Gaspar na década de 70, quando foi meu vizinho. Na época, fazia uns vinte anos que fugira de casa aos 13. Andara rodando por todo o Brasil, e viera bater em Blumenau sofrendo de males de amor, sem eira nem beira, um verdadeiro cão sem dono (ele me autorizou a usar esta expressão). Gaspar acabou ficando em Blumenau, acertou-se economicamente, casou, teve um filho, adquiriu o respeito da comunidade, é uma das figuras populares, hoje, nos barzinhos da cidade, onde só toma Coca-cola e cafezinho. Pois bem, eu encontrei Gaspar assim que me despedi de Edvino, e ele me contou que Rogério, seu filho, recém foi campeão do mundo em natação na sua categoria (17 anosnão gravei a modalidade). Rogério andou competindo um monte, foi campeão brasileiro, foi campeão pan-americano, e acabou sendo campeão do mundo, numa competição em Atenas (ou teria sido no Porto, em Portugal?). Estou um pouco confusa sobre onde foi a competição, mas isso não tem importância: o fato é que o menino Rogério é campeão do mundo.

Aí vem a reflexão sobre a mobilidade social: espera-se que, um século depois, os descendentes de um grande homem sejam pessoas de importância, ocupem cargos proeminentes na sociedade, sejam reverenciados por seu valor, e damos de cara com os descendentes do Duque de Caxias sofrendo as humilhações da pobreza e da ignorância. Ao mesmo tempo, vemos o descendente de um homem que não tinha eira nem beira vinte anos atrás trazendo glória para o país, servindo de orgulho para todos nós.

A sociedade não é fixa. A roda da fortuna vive girando. E eu quero sempre achar um tempo para sair na cidade nos sábados de manhã.

## **Autores Catarinenses**

- Aventureiros Modernos
- Grupo literário "A Ilha"
- A Bienal do Cinquentenário
- Crônica Difícil

TEXTO:

ENÉAS ATHANÁZIO\*



### Aventureiros Modernos

Nos dias de hoje as verdadeiras aventuras são cada vez mais difíceis. Tenho andado por esse Brasil, inclusive visitando lugares remotos, sem perigos maiores que os inerentes a qualquer viagem e gozando sempre de relativo conforto. Estive no Pará, no ano passado, onde visitei várias cidades e fui a muitos lugares sem qualquer problema. Aliás, fui sempre tratado com a maior consideração.

Por isso mesmo, só os grandes aventureiros, capazes de arrojadas empresas, ainda despertam interesse. Entre eles se colocam um Amyr Klink, cujo feito maior foi cruzar o Atlântico a remo, desde Luderitz até Salvador, em cem dias de céu e mar, um Geraldo Link, que velejou por todo o Brasil, e poucos outros mais.

A esses poucos deve somar-se agora um português de muita coragem e decisão, capaz de enfrentar desafios inacreditáveis para realizar um antigo sonho: percorrer palmo a palmo o rio Amazonas, desde suas mais remotas nascentes até a entrada triunfal de sua caudal no Atlântico, no Pará. Jornalista, "globetrotter", andarilho, Alfredo Nascimento nasceu em 1943, em Portugal, e depois de muito perambular, inclusive pelo Brasil, lançou-se numa aventura que durou seis meses, percorrendo 7149 quilômetros, sozinho e desarmado, andando a pé, de trem, de ônibus, em caronas, balsas e jangadas precárias, canoas, lanchas e navios de todos os tipos, alguns imundos e superlotados. Influenciado pelas leituras de Ferreira de Castro, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, não se perdoaria jamais caso deixasse de tentar essa incursão.

Partindo do extremo sul do Peru, acompanhou o Vilcanota desde as nascentes, depois o

<sup>\*</sup> Escritor e Advogado.

Urubamba e o Ucayali, os formadores do Rio-Mar, e o próprio Amazonas em todo seu curso, visitando afluentes, ilhas, acidentes geográficos, aldeias indígenas, empreendimentos, missões religiosas (onde sempre foi mal recebido), vilas, povoados, cidades e...selvas intermináveis. Passou por recantos tão remotos que pareciam jamais ter sido pisados por seres humanos, montanhas e picos impressionantes, ruínas de antigos fortes e cidades, inclusive Machupichu, em cujos pés correm as águas que ajudarão a formar o Amazonas. Singrou águas acastanhadas e violentas em jangadas atadas com cipós, desafiando corredeiras, pedras pontiagudas, cachoeiras e surpresas sem fim. Mais morto que vivo, maltrapilho, faminto, arranhado, sujo e picado de mosquitos, descansou o esqueleto em noites mal dormidas estirado sobre esteiras ou no próprio chão duro. Escapou ileso de encontros nada amáveis com cobras e animais ferozes, nativos antropófagos, latifundiários desconfiados e traficantes que agem por lá com a maior liberdade, agentes de multinacionais e pregadores de todos os fanatismos. Nas vilas e cidades, grandes e pequenas, deparou-se sempre com a miséria do povo, a exploração do mais fraco e a corrupção. Em Manaus, por exemplo, ficou chocado com o contraste entre o luxo do Teatro Amazonas, símbolo do apogeu da borracha, a criançada molambenta que disputava restos no lixão e a prostituição de meninas. Enfrentou, para completar, larápios que levaram sua mochila e seu passaporte, criando-lhe as maiores dificuldades. Mas persistindo, passo a passo, completou a caminhada heróica sem qualquer ajuda oficial ou patrocínio, mesmo porque as seguradoras só lhe davam 7% de chances de voltar vivo. Com essa jornada sofrida e perigosa, no entanto, obteve duas vitórias: provou que o Amazonas é o maior rio do mundo e publicou um livro modelar, recheado de fotos, que é um documentário sem igual da região - "Da Nascente à Foz do Amazonas - Uma Viagem Fantástica" (Editorial Nórdica -Rio - 1991 -235 págs.)

Ao longo de todo o livro, abismado com o que viu, Alfredo Nascimento denuncia a obra de devastação e pilhagem de que é vítima a Amazônia, praticada às claras, diante dos olhos de sucessivos governos. Contrabando de madeiras, plantas medicinais, minérios e pedras preciosas, animais e aves, répteis e peixes, drogas, destruição inclemente da flora e da fauna, poluição ambiental, sem falar na exploração humana de todas as formas, tudo isso se envolvendo com a politicalha e a corrupção. E, para completar, a pregação contínua e sistemática da internacionalização da região em face da incapacidade de nossos países para administrá-la. Por tudo isso, eis um livro que todo brasileiro deveria ler mas que não tem merecido maior atenção por razões mais que óbvias.

### Grupo literário A Ilha

Nascido na cidade de São Francisco do Sul, daí a razão de seu nome, depois transferido para Joinville e, por fim, para São José, o Grupo Literário "A Ilha" é um dos mais antigos e ativos grupos dedicados à literatura que conheço e, com certeza, o mais antigo do Estado. Liderado pelo escritor e poeta Luiz Carlos Amorim e integrado por gente coesa e decidida, desde sua fundação o Grupo tem promovido incontáveis eventos culturais e literários, além de publicar com regularidade o suplemento literário "A Ilha", cujo número 76 acaba de circular, contendo matéria sobre distribuição e venda de livros, entrevista, artigos sobre o Dia da Poesia, Cruz e Sousa, filme a respeito de Drummond, Cabral, o Contestado, gente que brilha, poesias, crônicas, notas e resenhas, procurando cobrir tudo que ocorre ba vida literária do Estado. Também tem publicado livros de seus integrantes e de outros autores, sempre com o selo do Grupo. Mantém uma página na Internet, muito ampla e atualizada, dedicando espaços a temas literários e autores catarinenses e de fora. Tudo graças à dedicação desse Grupo e seu incansável líder, sem contar com qualquer patrocínio ou ajuda oficial. Por tudo isso, em seu vigésimo ano de existência, o Grupo Literário "A Ilha" merece nossos efusivos parabéns. Endereços: Rua Professora Maria do Carmo Souza, 12 -Campinas - 88101-360 - São José - SC. Na Internet: Http://planeta.terra.com.br/ arte/prosapoesiaecia

### A bienal do cinquentenário

Acontecerá no corrente ano, no Pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo, a Bienal Internacional de Artes alusiva aos cinqüenta anos de sua criação, pelo conde Ciccilo Matarazzo, em 1951. Com o início previsto para 23 de maio, contará com a participação de 33 grupos de artistas ou artistas individuais, com trabalhos em várias áreas, mas enfatizando a arquitetura e o design. Pelas manifestações até aqui publicadas, será um evento imperdível, provavelmente o mais importante do ano na área cultural, realizado num local que já é uma obra de arte – o pavilhão projetado por Niemeyer.

### Crônica dificil

Quando eu chegava em Campos Novos, ele era o primeiro a aparecer. Parecia farejar minha presença na terrinha, sentindo no ar que eu estava lá. Avistando-me de longe, já abria os braços, num jeito todo seu, e exclamava com indisfarçável sentimento na voz: "Ô Inéias! Que saudade!" E me abraçava com euforia. Não me largava enquanto eu andasse por lá.

Logo que me formei, quando montei minha banca na terra natal, fui morar no casarão que pertencera aos meus avós, povoado de lembranças e, talvez, de alguns fantasmas que, para sorte minha, eram benignos e nunca me incomodaram. Ele então passava uns tempos comigo, quando saíamos para alguma visita às boates do "Pinheiro Ralo", uma ou outra festa na cidade ou apenas para trocar pernas pelas ruas obscuras, quando não fazíamos o "footing" em torno do jardim. A lembrança mais forte que me ficou dessa época foi o seu desejo de se declarar em inglês à amada do momento. Passei muito tempo tentando ensinarlhe o "I love you, miss!", sem o menor sucesso. Ele repetia e repetia minhas palavras, mas quando tinha que dizer sozinho não passava do "I" e logo indagava: "Como é que é mesmo?...", até que, num acordo tácito, esquecemos da complicada manifestação amorosa. Teria que tentar a conquista na velha língua dos portugas. Mas, pelo que me consta, aquele amor nunca se realizou.

Escavando o mais profundo da memória, não consigo lembrar de quando nos conhecemos. Tenho a sensação de que isso acontecia dês que o mundo é mundo, mesmo porque costumava freqüentar a chácara dos pais dele desde criança, onde me fartava de frutas e das histórias de Dona Cecília, sua mãe, especialista em "causos" de visagens e banditismos dos tempos de dantes. Tio Tino, pai dele, fora amigo fiel e inseparável do meu, cujas troças suportava de bom grado, tudo levando na brincadeira. Muitos anos mais tarde, seus olhos ainda marejavam quando falava do amigo tão cedo desaparecido. Foi, pois, uma amizade de duas gerações.

Muito cedo, garotos ainda, estávamos sempre juntos nas minhas férias. Nosso tempo era usado nas andanças pelas fazendas das redondezas, nos banhos no Poço da Bica, nas caçadas de tatus nos matos inçados para os lados da Restinga, nos namoricos sem conseqüência e nas caminhadas sem rumo pela cidade. Mais tarde, nos tempos de atividade profissional e política, foi meu companheiro de viagens pelos ínvios caminhos de então, vivendo juntos aventuras que "dariam um romance." Enquanto batuco estas linhas lembro-me de episódios que me levam a rir sozinho aqui neste canto mas cuja narração iria muito além da simples crônica.

Numa noite de frio, quando proseava com amigos num bar, entre talagadas de boa pinga e modas de violão e cavaquinho, enquanto o vento corria solto nas coxilhas, alguém teve o desplante de falar mal de mim, candidato na ocasião. Nada de gravidade, bobagens de adversário, mas foi a conta: ele raptou o sujeito para que repetisse e, como ele o fez, quebrou-lhe o cavaquinho na cabeça. Armou-se tremendo sururu e ele foi processado. Está claro que fui seu defensor, sustentando a tese da legítima defesa da honra de terceiro, que era eu próprio, no caso. Apesar de tão insólita argumentação, foi absolvido, mesmo porque o juiz não conseguia esconder a simpatia por ele.

No ano que passou, esteve uns dias aqui em casa. Andamos pela cidade e pelo litoral, palmilhamos as areias da praia, fizemos passeios turísticos, comemos, bebemos e proseamos como nos velhos tempos, pelas noites a dentro, rindo muito à lembrança de alguns acontecidos. Tudo documentei em inúmeras fotos, como se previsse algo, e ele mostrava a todos, lá na terrinha, o álbum de sua vilegiatura litorânea. Foi a última vez em que nos vimos!

Seu nome de batismo era Osvaldino Sanford Lemos, embora também fosse conhecido por Nenê, como o tratava Dona Cecília, Libino, Liba e Tio Liba, alcunhas de esotérica origem, mas principalmente pela última, aquela que mais se vulgarizou.

Numa noite comum, dessas que nada prometem, eis que chegou a notícia, seca e dura como são as más notícias: Tio Liba havia falecido durante uma cirurgia cardíaca, em Curitiba, e já fora sepultado. Ninguém se lembrou de me avisar e não pude lhe dar um último adeus, soube tarde demais. Figuei estatelado na cadeira, assombrado, incrédulo. Mas tudo se confirmou. Ele não existia mais e um novo vazio surgia lá na terrinha, de cuja paisagem urbana ele fazia parte, como as velhas árvores e caramanchões do jardim, as ruas largas e retas, o sol amarelo, os geadões de branquear o mundo e os ventos cortantes de invernos inclementes. E ainda por cima, como dolorosa ironia do destino, morreu em cidade grande e estranha, que tanto detestava, cercado por fisionomias desconhecidas e ouvindo um sotaque que não era o dele. A terrinha nunca mais será a mesma e imagino como me sentirei quando visitá-lo no lugar silencioso onde "estuda a geologia do campo santo", como dizia mestre Machado de Assis. Será, sem dúvida, tão difícil como escrever estas linhas, alinhavando a mais difícil crônica que já escrevi. Espero, porém, que de algum recanto entre o céu azul camponovino e o verde tapete dos campos ele esteja acompanhando meus passos como fazia sempre que eu andava por lá. Adeus, amigo!

Desejando recebe	r números antigos, tomos completos, ou faze
	ão, procure-nos. Abaixo informamos nosso
preços:	
-) Assinatura nova: R\$ 50,	00 (anual = 6 números)
	\$ 40,00 (anual = 6 números)
,	dernados com capa dura): R\$ 60,00
	5,00 (Cada exemplar/número antigo)
C Exemplates avaisos. 144	S,00 (Sacar exemplar) framero antigo)
Sim deseio assinar a res	vista "Blumenau em Cadernos para o ano de
	este cupom a quantia de R\$,00
	forme opção de pagamento abaixo:
,	orme opção de pagamento abaixo.
Forma de pagan	nento.
1 orma de pagan	iento.
Uale Postal (Favor anguar	otocópia do comprovante para melhor identificação)
☐ Cheque	otocopia do comprovante para memor identificação)
1	
Número:	
Valor: R\$	
D 1 1	
Dados do assinante:	
Nome:	
Endereço:	C : D 1
Bairro:	Caixa Postal:
CEP:	Fone p/ contato:
Cidade:	Estado:
	Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990 Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



### **Apoio Cultural:**

Benjamim Margarida (in memoriam) Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (in memoriam)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeireira Odebrecht

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



